



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Ciências Sociais  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Fellipe Castanheira Soares

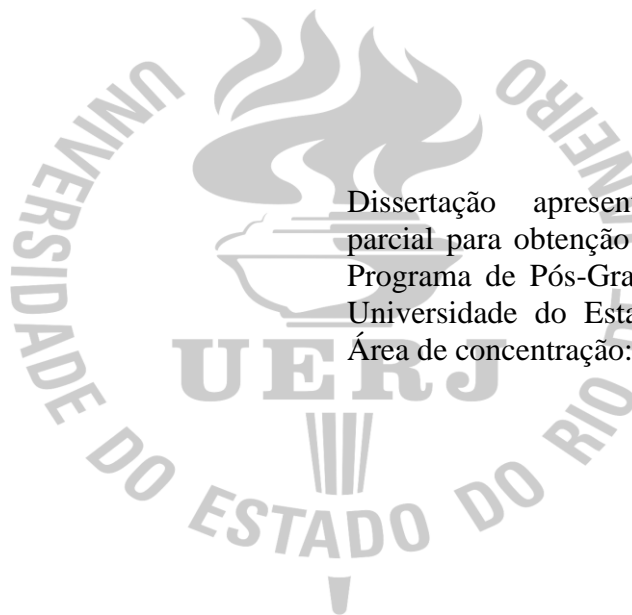
**Demolir, construir e demolir de novo: as transformações do estádio do  
Maracanã em tempos neoliberais (2000-2015)**

Rio de Janeiro

2022

Fellipe Castanheira Soares

**Demolir, construir e demolir de novo: as transformações do estádio do Maracanã em tempos neoliberais (2000-2015)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Orientador: Prof. Dr. Antonio Edmilson Martins Rodrigues.

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

S676	<p>Soares, Fellipe Castanheira. Demolir, construir e demolir de novo: as transformações do estádio do Maracanã em tempos neoliberais (2000-2015) / Fellipe Castanheira Soares. – 2022. 126 f.</p> <p>Orientador: Antonio Edmilson Martins Rodrigues. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Futebol – História – Teses. 2. Estádio do Maracanã – Teses. 3. Neoliberalismo – Teses. 4. Estádios – Teses. I. Rodrigues, Antonio Edmilson Martins. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p> <p>CDU 796.332(091)</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Fellipe Castanheira Soares

**Demolir, construir e demolir de novo: as transformações do estádio do Maracanã em  
tempos neoliberais (2000-2015)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Aprovada em 14 de abril de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Antonio Edmilson Martins Rodrigues (Orientador)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof. Dr. Daniel Pinha Silva  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

---

Prof. Dr. Raul Milliet Filho  
Universidade Estácio de Sá

Rio de Janeiro

2022

## AGRADECIMENTOS

Será difícil, apenas com estas palavras, dar conta de toda importância dos que me ajudaram até aqui, e lembrar de todos e todas que de alguma forma contribuíram neste desafio.

Primeiro, gostaria de começar agradecendo aos que estão mais perto de mim diariamente. À minha esposa Shay, por nesses nove anos ter contribuído de tamanha forma que eu não teria palavras suficientes para ser grato por todo companheirismo, preocupação e amor, além de toda paciência durante o processo de realização deste trabalho. Aos meus familiares mais próximos, especialmente minha mãe, meus avós, meu pai, meus irmãos, minha sogra e meu sogro, por toda sustentação e apoio que me deram enquanto família.

Agradeço também ao professor Antonio Edmilson, pela orientação deste trabalho, pelas disciplinas que ministrou, pelas conversas sobre futebol e cultura, além de toda compreensão e paciência durante a árdua escrita desta dissertação, feita em meio a uma pandemia. Também um agradecimento especial ao professor Daniel Pinha, pela participação na banca examinadora e pela enorme contribuição em minha formação acadêmica, desde a orientação na graduação, até as inúmeras conversas que me ajudaram a inserir o futebol em meu campo de pesquisa. Ao professor Raul Milliet, outro agradecimento especial, pelo aceite em fazer parte da banca e pela oportunidade ímpar de poder conhecê-lo e ter gratificantes conversas sobre a história do futebol e da vida.

Além disso, não poderia deixar de recordar àqueles que de alguma forma fizeram parte da minha vida desde que entrei na UERJ, especialmente ao pessoal que comigo iniciou os caminhos acadêmicos, na turma de 2011.1, mas também aos companheiros com que tive a oportunidade de compartilhar os momentos de militância no Centro Acadêmico de História, e aos demais colegas de curso que tive a chance de estabelecer laços de amizade. Por fim, agradecer a toda comunidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que ousou em resistir ao projeto neoliberal de desmonte da universidade pública, permanecendo forte, como uma das melhores instituições de ensino do país, da qual tive a oportunidade e o prazer de fazer parte e me formar.

O Maraca é nosso aha uhu

*Torcedores no Maracanã*

## RESUMO

SOARES, Fellipe Castanheira. *Demolir, construir e demolir de novo: as transformações do estádio do Maracanã em tempos neoliberais (2000-2014)*. 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta dissertação tem como principal objetivo analisar o processo de modernização do estádio do Maracanã entre os anos de 2000 e 2015, no contexto da realização de grandes eventos esportivos internacionais na cidade do Rio de Janeiro (Mundial de Clubes da FIFA, Jogos Pan-Americanos, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos), período marcado pelo predomínio do ideário neoliberal no esporte e também nos projetos de transformações urbanas. A análise levou em consideração três questões principais: as modificações arquitetônicas no estádio, os impactos do ponto de vista da elitização do público frequentador, e as limitações impostas às manifestações da cultura torcedora, ocasionadas pelas mudanças. Para a realização da pesquisa utilizamos três tipos de fontes: notícias e imagens recolhidas da imprensa esportiva, documentos oficiais produzidos pelas entidades esportivas – como a FIFA - para normatizar e padronizar a construção de modernas arenas de futebol e informações sobre preços de ingressos praticados no Maracanã durante o período estudado.

Palavras-chave: Maracanã. História do Futebol. Estádio. Arenas. Neoliberalismo.

## RESUMÉN

SOARES, Fellipe Castanheira. *Demoler, construir y volver a demoler: las transformaciones del estadio de Maracanã en tiempos neoliberales (2000-2015)*. 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

El objetivo principal de esta tesis es analizar el proceso de modernización del estadio de Maracanã entre los años 2000 y 2015, en el contexto de la celebración de grandes eventos deportivos internacionales en la ciudad de Río de Janeiro (Copa Mundial de Clubes de la FIFA, Juegos Panamericanos, Copa del Mundo y Juegos Olímpicos), período marcado por el predominio de las ideas neoliberales en el deporte y también en los proyectos de transformación urbana. El análisis tuvo en cuenta tres cuestiones principales: las modificaciones arquitectónicas en el estadio, los impactos desde el punto de vista de la elitización del público asistente y las limitaciones impuestas a las manifestaciones de la cultura hinchas, provocadas por los cambios. Para llevar a cabo la investigación utilizamos noticias e imágenes recopiladas de la prensa deportiva, documentos oficiales producidos por entidades deportivas – como la FIFA - para regular la construcción de estadios de fútbol modernos y informaciones sobre los precios de las entradas practicadas en el Maracanã durante el período estudiado.

Palavras-clave: Maracanã. Historia del fútbol. Estadio. Arenas. Neoliberalismo.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Estádio de Old Trafford, do Manchester United, em 1910.....	23
Figura 2 -	Cenas do Maracanã extraídas do filme “Garrincha, Alegria do Povo”.....	25
Figura 3 -	Campo da Rua Guanabara, primeiro estádio do Fluminense.....	28
Figura 4 -	Estádio das Laranjeiras.....	29
Figura 5 -	Estádio de São Januário.....	30
Figura 6 -	Inauguração do estádio do Pacaembu.....	32
Figura 7 -	Inauguração da Arena da Baixada, em 1999.....	35
Figura 8 -	Visão aérea da região onde ficava o antigo Derby Club, em 1928.....	41
Figura 9 -	Resultados da pesquisa de opinião promovida por Ary Barroso no Jornal dos Sports, em 1947.....	42
Figura 10 -	Capa do Jornal dos Sports em 19 de junho de 1950, dia posterior a inauguração do Maracanã.....	46
Figura 11 -	Partida entre Brasil x Paraguai, em 1985, no Maracanã.....	49
Figura 12 -	Festa das torcidas organizadas do Vasco no Maracanã, década de 1980.....	53
Figura 13 -	Torcedores do Flamengo comemoram gol de Zico na geral do Maracanã.....	56
Figura 14 -	Camarote executivo dentro do Emirates Stadium, estádio do Arsenal da Inglaterra.....	66
Figura 15 -	Matéria da Revista Placar sobre o Maracanã, 1998.....	76
Figura 16 -	Maracanã após as reformas para o Mundial de Clubes em 2000.....	77
Figura 17 -	Camarotes instalados no Maracanã na reforma para o Mundial de Clubes de 2000.....	79
Figura 18 -	Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para o Mundial de Clubes 2000.....	79
Figura 19 -	Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para os Jogos Pan Americanos de 2007.....	83
Figura 20 -	Torcedores protestam contra o fim da geral do Maracanã.....	85
Figura 21 -	Imagem do setor onde ficava a antiga geral, com as cadeiras instaladas após a reforma para o Pan Americano de 2007.....	86

Figura 22 -	Preços dos ingressos por assento, segundo o contrato de privatização do Maracanã.....	94
Figura 23 -	Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para a Copa do Mundo de 2014.....	95
Figura 24 -	Comparação evidenciando as mudanças na marquise do Maracanã após a reforma para a Copa do Mundo de 2014.....	96
Figura 25 -	Nome dos novos setores do Maracanã de acordo com a concessionária Maracanã S.A.....	96
Figura 26 -	Novos camarotes do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014.....	97
Figura 27 -	Fotografia de manifestação da campanha “O Maraca é nosso.....	104
Figura 28 -	Protesto organizado pela Frente Nacional dos Torcedores no lado externo do Maracanã.....	105
Figura 29 -	Imagem comparativa que expõe semelhanças entre o Novo Maracanã e o Estádio Olímpico de Kiev.....	108
Figura 30 -	Evolução do preço dos ingressos no futebol brasileiro entre 2003 e 2013.....	111
Figura 31 -	Imagem de um “clarão central” no setor com ingressos mais caros na partida entre Fluminense e Vasco em 2013.....	113
Figura 32 -	Valores percentuais dos ingressos mais baratos no Maracanã em relação ao salário mínimo.....	114

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Lista de estádios de grande porte construídos na década de 1950 e 1960 no Brasil.....	33
Tabela 2 –	Lista de estádios de grande porte construídos na década de 1970 no Brasil.....	34
Tabela 3 –	Comparação de público e renda no Maracanã, antes e depois da reforma para a Copa do Mundo de 2014.....	113
Tabela 4 –	Relação do ingresso mais barato disponível com o salário mínimo vigente, entre os anos de 1999 e 2015.....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALERJ	Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Athleticos
ANT	Associação Nacional dos Torcedores
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional de Desportos
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
EMOP	Empresa Municipal de Obras Públicas
ENSA	Estádio Nacional Sociedade Anônima
FA	Football Association
FFERJ	Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro
FIFA	Fédération Internationale de Football Association
FMF	Federação Metropolitana de Football
FNT	Frente Nacional dos Torcedores
FTORJ	Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional
PED	Programa Estadual de Desestatização
SUDERJ	Superintendência de Esportes do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	13
1	<b>“AQUECIMENTO”: FUTEBOL E ESTÁDIOS, ALGUMAS REFLEXÕES.....</b>	21
1.1	<b>O futebol e a produção do espaço urbano: os estádios.....</b>	21
1.2	<b>Breve Histórico da construção de estádios de futebol no Brasil.....</b>	27
2	<b>“ENTRANDO EM CAMPO”: O ANTIGO MARACANÃ (1950-2000).....</b>	36
2.1	<b>Eis que surge o Gigante de Concreto.....</b>	36
2.2	<b>O antigo Maracanã: um estádio multicultural.....</b>	47
2.3	<b>As culturas torcedoras do antigo Maracanã: torcidas organizadas, torcidas jovens e geraldinos.....</b>	50
3	<b>“PRIMEIRO TEMPO”: MEGAEVENTOS, NEOLIBERALISMO E A METAMORFOSE DO FUTEBOL .....</b>	58
3.1	<b>Rio de Janeiro: a cidade-espetáculo na rota dos megaeventos.....</b>	58
3.2	<b>Neoliberalismo, megaeventos e futebol empresa.....</b>	62
3.3	<b>Do Torcedor ao Consumidor, do Estádio à Arena.....</b>	68
4	<b>“SEGUNDO TEMPO”: O NOVO MARACANÃ, ARENA PADRÃO FIFA (2000-2015).....</b>	73
4.1	<b>O ensaio geral: descaracterização reversível (2000-2007).....</b>	73
4.1.1	<u>A ofensiva neoliberal: a década de 1990 e a pressão por reformas.....</u>	73
4.1.2	<u>A reforma para o Mundial de Clubes da FIFA de 2000.....</u>	77
4.1.3	<u>A defesa do patrimônio: o processo de tombamento pelo IPHAN.....</u>	80
4.1.4	<u>A reforma para os Jogos Pan-Americanos de 2007 e o fim da geral.....</u>	83
4.2	<b>Novo Maracanã para a Copa do Mundo de 2014: descaracterização irreversível.....</b>	87
4.2.1	<u>A demolição da marquise e o desrespeito ao tombamento.....</u>	89
4.2.2	<u>O conturbado processo de privatização: a democracia direta do capital.....</u>	92
4.2.3	<u>O Novo Maracanã: arena padrão FIFA e do novo torcedor.....</u>	95
4.3	<b>O contra-ataque torcedor: movimentos sociais e movimentos de torcedores, futebol e o direito à cidade.....</b>	100
4.3.1	<u>As impressões dos torcedores sobre o Novo Maracanã.....</u>	107
4.4	<b>O custo do torcer: um panorama do preço dos ingressos (1999-2015).....</b>	111

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DE JOGO?</b> .....	119
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	121

## INTRODUÇÃO

O estádio do Maracanã, inaugurado no ano de 1950 para a realização da 4ª Copa do Mundo de futebol da FIFA<sup>1</sup>, tornou-se ao longo de seus mais de sessenta anos de existência uma das praças esportivas mais emblemáticas do país e do mundo, além de ter se constituído como lugar central de manifestação da cultura popular. Seu gigantismo arquitetônico e a forma com que o público dele se apropriou, estabelecendo novas relações sociais e performances festivas, constituem alguns dos principais motivos que o levaram a adquirir tamanha importância em sua história. Destaca-se também sua centralidade na cidade do Rio de Janeiro, construído em um ponto de confluência espacial, econômica e social, situado na Zona Norte, entre a Zona Sul e o subúrbio, sendo abastecido por transporte férreo e rodoviário. Assim, “o estádio uniria simbolicamente os extremos da capital do país, das localidades mais abastadas às mais carentes, tornando-se aquilo que o antropólogo José Sérgio Leite Lopes chamou de ‘coração do Brasil’ “ (HOLLANDA, 2014, p.327)

No entanto, no decorrer das últimas duas décadas, uma série de transformações foram realizadas no estádio, provocando profunda reconfiguração do seu espaço e de sua arquitetura, ocasionando a perda de vários de seus traços marcantes e impactando as diversas formas de apropriação e significação por parte de seus frequentadores, moldando uma nova concepção de estádio e de torcedor de futebol. Tais mudanças se inserem no contexto em que o Maracanã foi escolhido como palco de grandes competições esportivas internacionais, os chamados “megaeventos”, entre os anos de 2000 e 2014.

A primeira modificação data do ano de 2000, quando foi escolhido como sede do Campeonato Mundial de Clubes, promovido pela FIFA, e recebeu assentos em todo setor das arquibancadas de concreto, atendendo às exigências da entidade organizadora do torneio. Posteriormente, entre os anos de 2005 e 2007, visando à realização dos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, ocorre mais uma reforma, desta vez tendo como principal transformação o fim definitivo do setor mais popular e simbólico, a “geral”, com a colocação de cadeiras no local, formando um único setor no anel inferior. Assim, o estádio passaria a estar integralmente de acordo com o modelo *all-seater*<sup>2</sup>, possuindo assentos em todos os lugares disponíveis ao público.

---

<sup>1</sup> Sigla de Fédération Internationale de Football Association, entidade esportiva que comanda as principais competições de futebol a nível mundial.

<sup>2</sup> Expressão em inglês para designar o modelo de estádio proposto pela FIFA para receber jogos internacionais, onde todos os lugares precisam possuir assentos e o público assiste às partidas sentado.

Por fim, temos a última reforma, ocorrida entre 2010 e 2013, com o objetivo de preparar o estádio para receber as partidas da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil. Sob o discurso de se tornar uma arena moderna “Padrão FIFA”, uma intervenção drástica reconfigurou o estádio praticamente em toda sua totalidade interior, desde a completa descaracterização arquitetônica, com a remoção de sua marquise original, até o fim do anel superior, passando a ser formado por um único bloco de assentos. Além disso, ocorreu o aumento do número de camarotes e espaços VIPs, bem como uma nova setorização dos espaços. Verificou-se também a diminuição da capacidade do estádio, que após esta última intervenção passou a comportar o público máximo de 78 mil pessoas, bastante distante do que já conseguiu comportar em outros tempos<sup>3</sup>.

Localizando nosso objeto de pesquisa dentro de uma noção dialética do processo histórico, entendemos que a modernização dos estádios de futebol, incluindo o caso do Maracanã estudado por nós, diz respeito a um duplo movimento. Primeiramente, por questões internas ao campo esportivo, que se relacionam às imposições e necessidades da nova economia do futebol (CRUZ, 2005), ou o que Proni (2000) denominou de “futebol-empresa”, que consiste na conversão do futebol de uma atividade sem fins lucrativos para empresarialmente guiada, voltada para o lucro. Desta forma, o estádio é tido como uma importante ferramenta de rentabilidade, tornando-se um ambiente propício ao consumo, onde importa mais a capacidade que o público frequentador tem de consumir, do que de torcer e participar festivamente.

Mas também devemos enxergar por outro viés, de forma mais ampla, como expressão de um movimento de transformações capitalistas nas cidades contemporâneas, que Orlando Santos Júnior (2015) classifica como governança urbana neoliberal, onde a cultura, o lazer e os espaços urbanos são mercantilizados, e o valor de troca sobrepõe-se ao valor de uso (MASCARENHAS, 2013; JAMESON, 2006). Em última instância, todo este movimento vincula-se às transformações na estrutura do capitalismo observadas ao longo das últimas três décadas, em sua fase neoliberal, que segundo David Harvey tem como característica:

"A corporatização, a mercadificação e a privatização de ativos até então públicos têm sido uma marca registrada do projeto neoliberal. Seu objetivo primordial tem sido abrir à acumulação do capital novos campos até então considerados fora do alcance do cálculo de lucratividade." (HARVEY, 2008, p.172)

---

<sup>3</sup> Esta redução significou uma perda de mais da metade de sua capacidade máxima já registrada. Entre as décadas de 1950 e 1970 o Maracanã chegou a receber públicos de 150 a 200 mil pessoas, tanto em partidas de clubes, como em jogos da seleção brasileira.



Diante do exposto até aqui, as questões que levantamos como problemáticas de pesquisa são: quais as consequências que as transformações no estádio trouxeram para o público, especialmente os que frequentavam o antigo Maracanã? As mudanças arquitetônicas e espaciais provocaram algum impacto na forma dos torcedores tradicionais se apropriarem do estádio? O Novo Maracanã se tornou um estádio elitizado, financeiramente mais caro de ser acessado, como costumam ser as arenas “padrão Fifa” ? São algumas das perguntas que nortearão este trabalho.

\*\*\*

O presente trabalho aqui proposto se insere no campo da Nova História Política, vertente historiográfica que emergiu na segunda metade do século XX, buscando a renovação dos paradigmas, conceitos e procedimentos metodológicos da História Política tradicional, propondo novos olhares e novos objetos para a pesquisa histórica.

Conforme afirma o historiador francês René Rémond (1996, p.444), entusiasta desta renovação historiográfica, "praticamente não há setor ou atividade que, em algum momento da história, não tenha tido uma relação com o político". Segundo Barros (2012), o que nos permite enquadrar um trabalho dentro da categoria da História Política, seja a tradicional ou a renovada, é o enfoque na questão do “poder”. No entanto, o que marca a renovação deste tipo de abordagem histórica é justamente a redefinição que se deu neste conceito, trazendo uma compreensão mais abrangente e diversificada dentro da comunidade acadêmica. Enquanto a tradicional História Política, oriunda do século XIX, preocupava-se exclusivamente com o “poder” através da política dos Estados ou dos “grandes homens”, a Nova História Política, a partir da década de 1980, demonstra o interesse pelo “poder” em outras modalidades, como por exemplo os micropoderes da vida cotidiana, os sistemas de representações, os discursos, as imagens ou a produção do espaço. Assim, renovada, a História Política amplia seus temas e objetos para todos aqueles que se mostram atravessados por relações de “poder”.

Desta forma, a partir da nova noção de poder e dos novos objetos que se acrescentaram com a Nova História Política, evidenciou-se interfaces com outros campos historiográficos, como a História Cultural, a História Econômica ou a História do Imaginário, mas além disso, somaram-se também auxílios de outros saberes das ciências humanas, como a Antropologia, a Sociologia, a Semiótica ou a Geografia (BARROS, 2012, p.35). Em relação a esta última, algumas contribuições nos ajudarão no desenvolvimento de nosso trabalho, na medida em que desenvolveram-se novos paradigmas conceituais sobre o estudo da produção

do *espaço* e dos *territórios* do qual os homens se apropriam, sendo os estádios de futebol objetos que podem ser lidos nestas chaves analíticas.

Portanto, para tratar de nosso objeto de estudo, o estádio do Maracanã e os impactos provocados por sua mutação após as reformas realizadas nas últimas duas décadas, precisaremos mobilizar conceitos que se propõe a discutir a questão da relação entre os sujeitos e os espaços. Na esteira proposta por Gilmar Mascarenhas, acreditamos ser possível relacionar os estádios de futebol à teoria de Henri Lefebvre (2006) sobre a produção do espaço urbano, a partir da tríade *espaço-concebido*, *espaço-percebido* e *espaço-vivido*. Em relação à noção de território, utilizaremos as contribuições de Claude Raffestin (1993), que aponta que o território se forma a partir da ação de determinados atores na apropriação do espaço, sempre levando em consideração as relações de poder envolvidas. Dialogando com esta perspectiva Rogério Haesbert (2004) aponta que território, em seus múltiplos significados, se relaciona com a ideia de poder, tanto no sentido de dominação quanto no sentido simbólico de apropriação. Assim, o território é um espaço socialmente e politicamente construído, onde territorialização e desterritorialização precisam ser “distinguidos por meio dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato, controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m)” (HAESBERT, 2004, p.2).

Porém, como buscaremos demonstrar, o modelo de estádio concebido de acordo com o “padrão FIFA” de arenas esportivas impacta de forma severa a apropriação do espaço por parte de seus frequentadores mais tradicionais, acostumados a outro modelo de estádio, concebido para as massas e com maior liberdade de manifestação. Assim, as novas arenas impõe uma nova territorialidade, marcada por inclusões e exclusões, como apontar Mascarenhas (2014).

Por fim, consideramos válido ressaltar que este trabalho também se insere no quadro da História do Tempo Presente (HTP), devido ao seu recorte cronológico. Esta perspectiva entende que os processos sociais mais recentes podem ser analisados pelo método histórico do mesmo modo que os acontecimentos temporalmente mais distantes. De acordo com Enrique Padrós, um dos historiadores adeptos desta vertente:

a originalidade da abordagem do presente está situada no fato de poder captar a atualidade, a novidade, a irrupção e a emergência de tendências, assim como as possibilidades de estabelecer as conexões- as “pontes”- que a interligam com o passado (evidenciando a vigência da perspectiva processual da história). (PADRÓS, 2004, p.204)

Assim, a despeito das críticas feitas por alguns historiadores à HTP, Padrós argumenta que o fundamental é fornecer uma base explicativa que, mesmo provisória, seja plausível, ressaltando a necessidade de uma perspectiva global e processual da História, evitando a compreensão fragmentada e desarticulada dos fatos do presente. Além disso, aponta o autor, a HTP também é importante pois, constitui um primeiro esforço de sistematizar o “emaranhado de acontecimentos e informações” (PADRÓS, 2004, p.204), funcionando como ponto de partida para futuras análises. Por sua vez, Jacques Le Goff (1999, p.102), um dos mais notáveis historiadores do século XX, aponta que, apesar das especificidades desse campo historiográfico, é perfeitamente possível o fazer científico nas análises do presente, desde que os historiadores levem em consideração as seguintes operações: analisar os acontecimentos com a devida profundidade histórica; ser rigoroso e crítico com os métodos e fontes e; explicar os fatos, integrando-os em uma perspectiva de longa duração.

\*\*\*

As fontes históricas são aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com seu problema (BARROS, 2010), sendo assim, tem função primordial em qualquer pesquisa histórica. Para a realização da presente pesquisa, lançaremos mão do uso de diversos tipos de fontes, mais precisamente de três conjuntos de documentos.

O primeiro conjunto de fontes corresponde às oriundas da imprensa. Os periódicos, sobretudo os jornais, são muito utilizados nos estudos históricos, inclusive nos que se debruçam sobre questões relacionadas ao esporte, constituindo-se como a principal fonte de pesquisa sobre este campo (MELO et al, 2013, p.120). De acordo com Tânia Regina de Luca (2005, p.111), o estudo dos periódicos traz diversas possibilidades para a pesquisa histórica, podendo-se realizar uma história **da** imprensa (como objeto), ou uma história **por meio** da imprensa (como fonte). Em nosso trabalho, utilizaremos a mídia sob esta segunda perspectiva, onde ela nos servirá como fonte de diversas informações sobre as reformas do Maracanã. Além disso, conforme apontado por François Dosse (2013), a imprensa ganha enorme importância dentro do período compreendido como Tempo Presente, pois possui grande capacidade de amplificação dos acontecimentos contemporâneos, reforçando a relevância de sua utilização como fonte histórica.

Para o estudo do período anterior ao processo de modernização do Maracanã, compreendido desde a sua construção, no ano de 1950, até a primeira grande reforma, no ano 2000, que nos ajudará a traçar um panorama histórico de seu significado para o futebol

brasileiro, utilizaremos majoritariamente edições do *Jornal dos Sports*, um dos principais periódicos esportivos do século XX, que teve suma importância na consolidação do Maracanã como maior palco esportivo do país. Seu acervo está disponibilizado em versão digitalizada na Hemeroteca Digital na Biblioteca Nacional.

Para acessarmos o período das reformas, do ano 2000 a 2014, e suas respectivas transformações no tempo presente, recorreremos ao jornal *O Globo* e ao *Jornal do Brasil*, que possuem acervos digitalizados, e à revista *Placar*, que tem todas as edições também digitalizadas e disponíveis para consulta por meio da internet. Além disso, também faremos uso de informações contidas nos portais eletrônicos *GloboEsporte.com*, *ESPN* e *UOL*, e em mídias independentes e blogs vinculados a movimentos de torcedores. Nestes meios encontram-se notícias sobre o estádio, entrevistas e discursos de agentes políticos envolvidos nas reformas, além de imagens que revelam as transformações arquitetônicas e espaciais.

O segundo grupo de fontes diz respeito a documentos oficiais produzidos por entidades esportivas e governamentais, como o caderno de encargos da FIFA intitulado “Estádios de Futebol: Recomendações e Requisitos Técnicos”<sup>4</sup>, datado do ano de 2011. A partir destes materiais, acreditamos que será possível perceber as normativas que guiam a nova maneira de conceber as arenas de futebol modernas, estabelecendo comparações com o projeto arquitetônico do Novo Maracanã.

Por fim, o terceiro conjunto de fontes se refere aos Boletins Financeiros dos jogos, popularmente conhecidos como “borderôs”, que trazem informações sobre preço dos ingressos, renda, público pagante e presente nas partidas de futebol, e podem ser acessados por meio digital nos sites da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FFERJ). Focaremos especificamente em analisar os boletins de partidas realizadas no Maracanã, em períodos anteriores e posteriores às reformas das quais tratamos, buscando verificar as diferenças nos valores dos ingressos para o setor mais barato do estádio, no intuito de examinar nossa hipótese de que o custo de acesso ao estádio aumentou após as reformas de modernização.

Os métodos de análise das referidas fontes irão variar de acordo com sua natureza. Para as fontes textuais, localizadas nos dois primeiros conjuntos a que nos referimos, oriundos da imprensa ou de documentos oficiais de instituições como a FIFA, utilizaremos a Análise do Discurso, baseando-se em autores como Bakhtin, que compreende que “a palavra é o signo

---

<sup>4</sup> FIFA. Estádios de Futebol Recomendações e Requisitos Técnicos, 5a edição, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5064228-5a-edicao-2011-estadios-de-futebol-recomendacoes-e-requisitos-tecnicos-p.html>. Acesso em: 20 de abril de 2021.

ideológico por excelência [...] lugar privilegiado para a manifestação da ideologia” (BAKHTIN, apud BRANDÃO, 1991, p. 9), e Foucault (1996), que aponta que todo discurso é uma construção de características sociais, ou seja, deve-se levar em conta o contexto da sociedade em que foi produzido, pois ela é a base de sua estrutura, exprimindo características intrínsecas e extrínsecas.

Por fim, em relação aos boletins financeiros das partidas, focaremos no valor dos ingressos praticados nas partidas realizadas no Maracanã. Ao buscar critérios de análise para essa empreitada, o que nos parece viável e coerente é seguir o caminho feito por Scherer (2017), pensando o custo dos ingressos em comparação ao salário mínimo vigente. A priori, o levantamento dos valores dos bilhetes será feito pelo método quantitativo, porém, tomando os devidos cuidados apontados por Barros (2009, p.150-151), de “não realizar uma história meramente descritiva de informações numéricas”, mas sim buscar problematizações e hipóteses através dos levantamentos feitos. Desta forma, o quantitativo e qualitativo não são necessariamente opostos, pois, apesar da natureza diferenciada, podem se complementar na apreensão da realidade social (MINAYO&SANCHES, 1993)

\*\*\*

O principal objetivo desta dissertação é analisar o processo de modernização do estádio do Maracanã, entre os anos de 2000 a 2015, levando em consideração as modificações arquitetônicas, os impactos do ponto de vista da elitização do público frequentador, e as limitações impostas à cultura torcedora a partir das mudanças no estádio.

No primeiro capítulo buscamos pensar o futebol como um momento importante da vida cotidiana nas cidades, e assim compreender sua relação com o espaço urbano e o surgimento dos estádios. Em seguida, traçamos uma cronologia histórica da construção de estádios do Brasil, utilizando-se da proposta de divisão por etapas sugerida por Gilmar Mascarenhas, enfatizando seus diferentes modelos, atrelados a aspectos internos e externos ao futebol.

No segundo capítulo, buscamos abordar alguns dos fatores responsáveis pela dimensão simbólica que o Maracanã adquiriu ao longo do tempo, mais precisamente nos seus primeiros cinquenta anos de vida, desde sua fundação, em 1950, até antes do início da série de reformas da qual foi alvo. Para isso, analisamos os significados em torno da sua construção, a forma de apropriação pelos torcedores ao longo das décadas e a relação estabelecida pela população carioca - e brasileira – com o estádio.

No terceiro capítulo, pretendemos construir o contexto mais geral em que a modernização do estádio se inseriu, entendendo as modificações do estádio como parte de um duplo movimento, que ocorre de maneira dialética. Primeiro, em um contexto mais amplo, como parte das transformações do capitalismo contemporâneo e da lógica urbana neoliberal, que afetou as grandes metrópoles, principalmente aquelas que se inseriram na rota dos “megaeventos”, como foi o caso do Rio de Janeiro, na última década. Mas também atribuindo tais modificações no estádio a questões inerentes ao campo esportivo nas últimas décadas, resultado da “nova economia do futebol”, onde o esporte passa a ser dotado de características mercadológicas, e as novas arenas assumem papel importante neste processo.

No quarto e último capítulo de nosso trabalho analisaremos as reformas realizadas no Maracanã entre o ano de 2000 e 2013. Começaremos a partir do que chamamos de “ensaio geral”, que foram as duas primeiras reformas que mudaram consideravelmente o Maracanã, entre 2000 e 2007, porém mantiveram algumas características históricas do estádio. Abordaremos também, neste contexto, o processo de tombamento do estádio pelo IPHAN, como mecanismo de proteção ao patrimônio cultural diante dos projetos de reforma que surgiam. Depois, mergulharemos a fundo na reforma para a Copa do Mundo de 2014, que descaracterizou radicalmente o estádio em toda a sua arquitetura e buscou também implementar normas comportamentais aos torcedores, além de marcar uma brusca redução da capacidade de receber público e a consolidação da privatização do estádio. Na parte final do capítulo, nos propomos a tratar dos mais importantes personagens do futebol, os torcedores, abordando processos de críticas e resistência a reforma e as impressões do público sobre o novo estádio. Para terminar, realizaremos uma análise do preço dos ingressos durante os períodos anteriores e posteriores as três reformas ocorridas, buscando comparar o custo do acesso ao estádio durante as últimas duas décadas, medindo seus impactos.

# 1 “AQUECIMENTO”: FUTEBOL E ESTÁDIOS, ALGUMAS REFLEXÕES

## 1.1 O futebol e a produção do espaço urbano: os estádios

De acordo com o geógrafo Gilmar Mascarenhas (2005, p.61-62), o futebol constitui-se em um “amplo sistema de práticas e representações sociais, uma complexa teia de sentidos e significados [...] com densa impregnação na paisagem urbana”. O referido autor – pioneiro, no Brasil, nos estudos que relacionam o futebol com a produção do espaço urbano - classifica o esporte como um “vigoroso agente produtor de paisagens, tradições e identidades”, que se expressam das mais variadas formas nas cidades, e que desde sua introdução e difusão no país, no início do século XX, apresenta intensas transformações, combinadas à dinâmica mais geral da sociedade.

Momento crucial para compreendermos a relação histórica do futebol com a produção de espacialidades é o período que remonta a sua institucionalização enquanto esporte codificado, na segunda metade do século XIX, na Inglaterra. O pesquisador britânico John Bale (1993) se dedicou a estudar o desenvolvimento do futebol e a constituição dos espaços destinados à sua prática, em sua terra natal, formulando um importante modelo explicativo, dividindo em quatro estágios este processo.

O estágio inicial remete ao futebol antes de sua codificação, conhecido como “futebol primitivo” ou “folk-football”, onde inexistiam delimitações do campo de jogo e das regras. Nesta época, prevalecia o improvisado, as partidas eram disputadas nos centros e campos dos povoados, em meio a obstáculos naturais (como muros e valas), que determinavam os parâmetros espaciais do jogo (GIULIANOTTI, 2002, p.93). Não havia um local específico para abrigar o público, que muitas vezes se misturava aos jogadores, podendo, literalmente, interferir no desenrolar das partidas.<sup>5</sup>

O segundo estágio remonta a meados do século XIX, período da institucionalização do futebol, com regras definidas e codificadas, tendo como marco a fundação da Football Association (FA), no ano de 1863, em Londres. Uma das principais inovações viria duas décadas mais tarde, no ano de 1882, quando a entidade decidiu instituir a demarcação de linhas brancas no campo, com o objetivo de separar jogadores e espectadores e confinar o jogo a um espaço pré-definido, introduzindo uma nova configuração espacial para o futebol

---

<sup>5</sup>Giulianotti (2002, p.93) compara o futebol nesse período com as “peladas” infantis que encontramos hoje, pelas limitações casuais e imprecisão do espaço, mas chama atenção para o fato de que os jovens, hoje, se guiam por fatores do esporte moderno, como o uso de algumas regras.

(BALE, 1993, p.16). Conforme aponta Cruz (2005, pois ao segregar formalmente o público dos atletas, tornou possível o surgimento daquilo que viria a ser uma das principais manifestações físicas e simbólicas do futebol no espaço urbano: os estádios.

O terceiro estágio se refere aos anos finais do século XIX, e as primeiras décadas do século XX. É caracterizado por John Bale como o período onde o futebol surge como um elemento a ser mercantilizado em alguns aspectos<sup>6</sup>, como por exemplo, a partir da comercialização dos espaços destinados ao seu uso. A institucionalização do esporte, somada a organização regular de competições tornou o futebol bastante popular no Reino Unido, levando a um crescimento exponencial do número de espectadores nas partidas, sendo necessário criar algum tipo de acomodação para os interessados. (CRUZ, 2005, p.36). Assim, os clubes perceberam a possibilidade de gerar receita com a cobrança de ingressos para o público acessar os locais onde se realizavam os jogos, fator que influenciou a configuração interna dos estádios a partir da compartimentação dos espaços.

O modelo arquitetônico mais proeminente deste período foi elaborado pelo arquiteto escocês Archibald Leitch, contratado por ampla maioria dos clubes britânicos para projetar seus respectivos estádios, entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O projeto era simples e quase sempre consistia em estádios retangulares, com lances de arquibancadas descobertas atrás dos gols, e setores com assentos nas partes laterais, com cobertura. De acordo com Giulianotti (2002, p.93-94), foram as divisões de classe social que deram impulso a setorização deste modelo de estádio. Aqueles de maior poder aquisitivo poderiam comprar os assentos mais caros para assistir as partidas, na parte lateral coberta, com certo conforto para os padrões da época, além de boa visibilidade do campo. Enquanto que, para os mais pobres torcedores, oriundos da classe trabalhadora, os únicos setores economicamente acessíveis eram os *terraces*, localizados na área descoberta ao fundo, com visão um pouco desfavorecida, de onde se assistia ao jogo em pé. Em relação à localização dos estádios, o autor aponta que, neste período, os estádios tendiam a ser edificadas próximos dos terminais de transporte, possibilitando ao público frequentador maior facilidade de acesso e locomoção aos campos.

---

<sup>6</sup>Apesar da incipiente mercantilização, Proni (2000, p.43) destaca que até a década de 1960 não era possível classificar o futebol como uma atividade plenamente capitalista, pois se tratava de um “negócio muito particular”. Os clubes não competiam entre si para atrair grandes multidões e aumentar o tamanho da sua torcida (mercado em potencial), nem se preocupavam em obter receitas de um patrimônio fixo. O futebol ainda permanecia como atividade sem fins lucrativos, onde os clubes dependiam da colaboração dos sócios, sem haver a figura do “capitalista empreendedor”.



Figura 1 - Estádio de Old Trafford, do Manchester United, em 1910.



Exemplo de estádio seguindo o modelo clássico idealizado pelo arquiteto Archibald Leitch, com setor coberto nas laterais e descoberto atrás dos gols. Disponível em: <https://bleacherreport.com/articles/1135675-manchester-united-history-1910-1919>. Acessado em: 25 de abril de 2021.

O quarto estágio proposto por Bale diz respeito ao período mais recente de edificações e reformas de estádios, a partir dos anos de 1990. O termo empregado por ele, “tradiums” - do inglês *trade* (comércio) + *stadium* (estádio), denota o significado destas novas construções. São estádios “multiuso”, com finalidade comercial explícita, elitizados e com pesado aparato de vigilância e controle sobre os torcedores, que emergem no contexto do futebol inglês, mas se espalham ao redor do mundo, como exemplos a serem seguidos. Abordaremos com maior clareza este modelo de estádio, mais conhecido como “arena”, no capítulo 3, onde nos dedicaremos a analisar a modernização neoliberal que atingiu o futebol e suas consequências, sendo uma das principais delas a reformulação dos estádios.

Em outro texto, Bale (2003 apud Frank, 2014) aponta que devemos considerar o esporte como fator influente sobre a forma e o caráter em que se constitui o espaço, pois, cotidianamente podemos observar fluxos intensos de pessoas modificando as paisagens urbanas, como por exemplo, a aglomeração de torcedores em dias de jogos. Portanto, podemos afirmar que, em relação ao meio urbano, os estádios de futebol ao longo do tempo assumiram enorme centralidade, seja no plano físico ou no plano simbólico. Buscando defini-los, Mascarenhas afirma:

O que é um estádio de futebol? Geograficamente, um edifício ou equipamento de acesso coletivo que se comporta como uma centralidade física e simbólica no espaço

urbano-metropolitano. No plano operacional urbanístico, funciona como uma centralidade periódica, capaz de acionar grande afluxo de visitantes em dias de jogos, forçando um reordenamento na gestão pública de seu entorno [...] gerando fugazes oportunidades comerciais e de serviços ao setor informal. [...] do ponto de vista político e simbólico, o estádio é uma centralidade constante, permanente na paisagem física e cultural (2014, p.161)

Os estádios podem ser considerados como um dos poucos locais onde a sociedade moderna materializa suas unidades e suas diferenças. Desta forma, não apenas constituem-se parte da configuração espacial de uma localidade, mas necessitam se reproduzir socialmente, através de rituais públicos regulares (MASCARENHAS, 2005). Os domingos no Maracanã, a concentração da torcida antes do jogo, a vaia ao árbitro e o grito de gol abraçando o desconhecido, são alguns exemplos, dentre tantos outros, dos ritos simbólicos que constituem um estádio, tornando-o um “lugar antropológico”, no sentido proposto por Marc Augé (2005, p.46), um espaço que é construído pelos sujeitos que o habitam e que nele estabelecem significados.

Neste sentido, seguindo o que é proposto por Gilmar Mascarenhas (2013, 2014) e também por Fernando Ferreira (2017), acreditamos ser possível relacionar os estádios de futebol com a teoria de Henri Lefebvre (2001) sobre a produção do espaço urbano, a partir da tríade **espaço-concebido**, visto como o espaço dominante na sociedade, formulado pelos atores hegemônicos; **espaço-percebido**, onde se verificam as práticas cotidianas, como o emprego do tempo, o lazer e a vida privada; e o **espaço-vivido**, compreendido como o espaço apropriado, constituído de símbolos e ritos. Assim, baseando-se nestes referenciais teóricos, podemos compreender o estádio de futebol **concebido** pelos atores políticos em diferentes escalas (dirigentes esportivos, governantes, empresários, etc) **percebido** pela população em geral, e **vivido** por seus frequentadores, principalmente aquela parcela da sociedade que se convencionou chamar de torcedores de futebol.

Mascarenhas (2014, p.161) enfatiza o estádio enquanto espaço-vivido, onde se alimenta o sentido de pertencimento e a criação de identidades coletivas, sejam elas clubísticas (ou intra-clubísticas<sup>7</sup>), locais, regionais ou nacionais. No que se refere aos estádios como espaços de forte representação e simbolismo para seus torcedores, o sociólogo britânico Richard Giulianotti demonstra que alguns estudiosos utilizam o conceito de topofilia para analisá-los. O conceito foi formulado por Yu-Fu Tuan (2012), para avaliar as ligações afetivas dos seres humanos com o meio ambiente material. Neste sentido, os estádios são

---

<sup>7</sup> Dentro de um mesmo clube é possível perceber diferentes identidades culturais de torcedores, como, por exemplo, as diferenças entre torcedores organizados e aqueles que não fazem parte de nenhuma agremiação torcedora.

compreendidos como espaços topofílicos para os torcedores, pois proporcionam experiências únicas, caracterizando um sentido de lar, onde se sentem bem e constroem afetos, estabelecendo uma relação identitária e afetiva com o lugar. (GIULIANOTTI, 2002, p.96)

Figura 2 - Cenas do Maracanã extraídas do filme “Garrincha, Alegria do Povo”



As cenas que aparecem no filme documentário “Garrincha, Alegria do Povo”, entre o minuto 56 e 60, demonstram muito bem a representação do estádio de futebol enquanto “espaço vivido” ou “lugar antropológico”. Fonte: Garrincha, alegria do povo. Direção: Joaquim Pedro Andrade. 1962 (60 minutos). Disponível em :<https://www.youtube.com/watch?v=50PedXEjfw0>. Acessado em: 27 de abril de 2021.

É possível também pensarmos sobre os jogadores, atores fundamentais do jogo, aqueles que “interferem diretamente no processo, sendo intérpretes em primeira mão, pois suas ações – passar, chutar, marcar, etc – são matizadas pela percepção, mais ou menos apurada, da dinâmica configuracional” (DAMO, 2005, p.47). Pensando a relação dos atletas com os estádios, Giulianotti aponta que, para os jogadores, entrar em um campo é sempre uma experiência familiar e topofílica. Mesmo que seja em um local onde não está acostumado, o estranhamento inicial é compensado pelos “sinais familiares do futebol: o gramado, as traves, a bola, etc. Que “evocam imagens e sons de jogos anteriores, memoravelmente desfrutados ou bem esquecidos” (GIULIANOTTI, 2002, p.96-97).

O referido autor também traz importantes contribuições de pesquisas antropológicas que realizaram uma “homologia jogador-espectador”, ou seja, que buscaram compreender a

composição sócio-cultural dos estádios a partir da relação estabelecida pelos torcedores com os jogadores, destacando que cada setor de um estádio tende a abrigar preferência específica por determinados jogadores, moldada pelo fato de compartilharem origens sócio-culturais semelhantes e possuírem atitudes e características em comum. Citando o trabalho feito pelo antropólogo francês Christian Bromberger, no estádio do Olympique de Marselha, aponta que os atacantes goleadores e dribladores chamavam mais atenção da classe operária e dos jovens, costumeiramente posicionados atrás dos gols e etnicamente diversos, enquanto que as tradicionais classes médias, posicionadas em setores mais caros e de melhor visão do campo, apreciavam mais a técnica e visão de meio-campistas que demonstravam “leitura de jogo” (GIULIANOTTI, 2002, p.99-100).

Neste sentido, é possível realizar um paralelo com os estádios brasileiros. Por exemplo, os dribles e lances de Garrincha eram percebidos e vividos de forma diferente pelos frequentadores da geral do Maracanã, como é possível acompanhar no documentário de Joaquim Pedro Andrade, proporcionando momentos únicos de “alegria do povo”, ou de suspensão da ordem cotidiana (DA MATTA, 1979), onde aqueles oriundos das classes mais baixas despojam-se, momentaneamente, da opressão que marca o cotidiano.

Em sua análise, Ferreira (2017) também utiliza a noção de território para compreender as relações sociais constituídas nos estádios e a forma com que os torcedores dele se apropriam, tendo como base Raffestin (1993) e Haesbaert (2004). Para Claude Raffestin (1993, p.143) o território se forma a partir do espaço, sendo o resultado de uma ação conduzida por um “ator sintagmático” (aquele que realiza) em qualquer nível. Assim, ao se apropriar de um espaço, de maneira concreta ou abstrata, o ator “territorializa” este espaço. Esta territorialização, segundo o autor francês, deve sempre ser pensada a partir das relações de poder, pois, “do estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que produzem o território” (RAFFESTIN, 1993, p.152).

Dialogando com esta perspectiva Rogério Haesbert (2004) aponta que território, em seus múltiplos significados, se relaciona com a ideia de poder, tanto no sentido de dominação quanto no sentido simbólico de apropriação. Assim, o território é um espaço socialmente construído, onde territorialização e desterritorialização precisam ser “distinguidos por meio dos sujeitos que efetivamente exercem poder, que de fato, controlam esse(s) espaço(s) e, conseqüentemente, os processos sociais que o(s) compõe(m)” (HAESBERT, 2004, p.2).

Assim, é possível compreender o estádio como um “território do futebol”, tanto em relação a sua dimensão concreta (arquitetura do estádio, delimitação do campo de jogo com

linhas, traves e etc.), quanto que, principalmente, em relação à dimensão simbólica, com as diferentes formas e apropriações que os torcedores estabelecem com o equipamento, produzindo-se, assim, múltiplas territorialidades (FERREIRA, 2017, p.42). Por sua vez, Mascarenhas (2014) utiliza o conceito de “território usado”, formulado pelo geógrafo brasileiro Milton Santos (1996), para interpretar as relações que os torcedores desenvolvem com os estádios. Neste sentido, o território é entendido como resultado das disputas de poder - econômicas e simbólicas – entre os diferentes atores que se apropriam dos espaços.

Em suma, o estádio, além de sua função econômica de abrigar e comercializar espetáculos, pode e deve ser considerado um “território usado” (Santos, 1996). Em outras palavras, como espaço apropriado pelos usuários, que não querem se reduzir a meros consumidores e passivos observadores, mas participar ativamente da festa, inclusive expressando coletivamente suas opiniões e reivindicações. O rico movimento de apropriação do estádio faz dele um elemento singular na reprodução social da cidade. Os estádios são memória acumulada, vivida coletivamente. (MASCARENHAS, 2014, p.161)

## 1.2 Breve histórico da construção de estádios de futebol no Brasil

Nesta parte do trabalho, buscaremos traçar uma breve síntese das etapas de construção de estádios ao longo da história do futebol brasileiro, a partir de uma narrativa cronológica, enfatizando seus diferentes modelos, sempre atrelados a aspectos internos e externos ao futebol.

Existem diversas teorias sobre a chegada e a difusão do futebol no Brasil<sup>8</sup>, porém, elas convergem no fato de que, inicialmente, era uma atividade esportiva restrita às camadas mais abastadas da sociedade, que buscavam adotar um modo de vida semelhante ao europeu. Nos primórdios, sua prática se dava em locais improvisados, como parques públicos, praias, praças, ou espaços de outras modalidades<sup>9</sup>. Posteriormente, surgiram os primeiros estádios, “equipamentos erigidos exclusivamente para a prática deste esporte, e que atuam como lugar fundamental na construção e reprodução de identidades sociais” (MASCARENHAS, 2012, p.68).

Sobre a primeira geração de estádios edificadas no Brasil, ao longo das duas primeiras décadas do século XX, Mascarenhas aponta:

<sup>8</sup> Em seus estudos, Gilmar Mascarenhas compara a chegada do futebol em várias cidades brasileiras, concluindo que a difusão desse esporte no Brasil obedeceu aos dinamismos regionais, com velocidade e tempo distintos, de acordo com cada localidade, destacando o pioneirismo das cidades portuárias e industriais.

<sup>9</sup> Em São Paulo, as primeiras partidas de futebol ocorreram no Velódromo Paulistano, localizado no bairro da Consolação. (MASCARENHAS, 2014, p.108)



nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. [...] localizados nos bairros mais nobres, e como equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados do campo), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto. [...] O estádio era, então, um ornamento da onda civilizadora de cunho eurocêntrico, e de acesso muito restrito. Verdadeiro espaço de fruição das elites. (MASCARENHAS, 2014, p.107)

Mesmo que gerasse engajamento da elite urbana, na primeira década do século XX o futebol ainda era uma atividade precoce no país. Não haviam ligas estruturadas e um calendário anual de partidas. Assim, não havia justificativa para a construção de grandiosos estádios, e o resultado foi a adaptação de espaços públicos já existentes.

Figura 3 - Campo da Rua Guanabara, primeiro estádio do Fluminense.



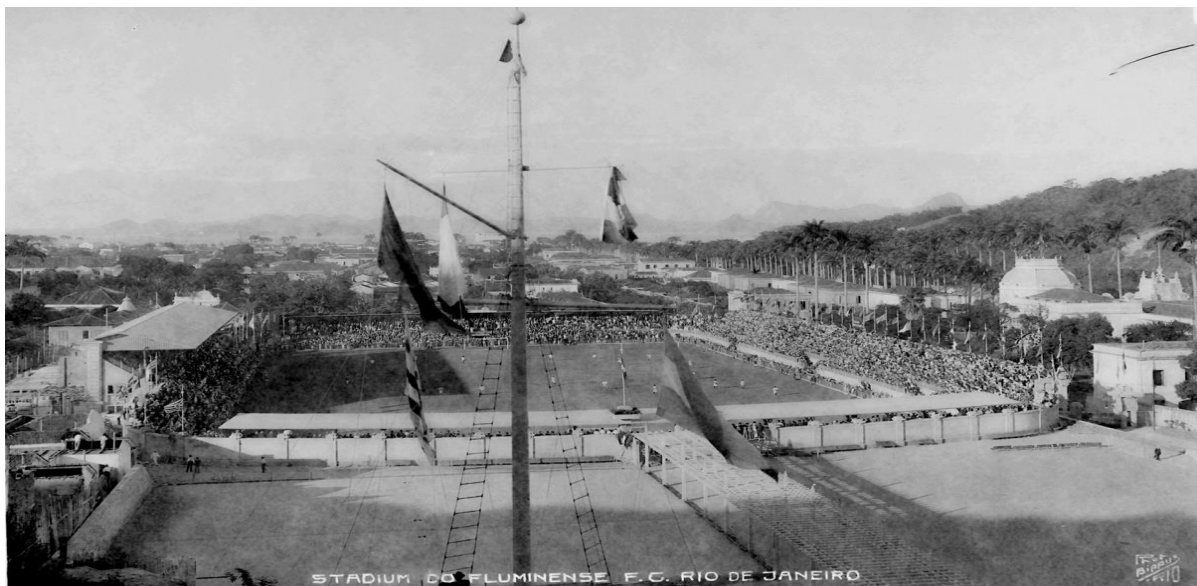
Campo da Rua Guanabara, onde começou a jogar o Fluminense, exemplo de estádio construído de forma improvisada, na primeira década de futebol no país.. Acervo Flu Memória. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/especial/100-anos-do-estadio-de-laranjeiras/>. Acessado em: 25 de abril de 2021.

Porém, as coisas começariam a mudar a partir da década de 1910. Com a estruturação de ligas nas principais metrópoles do país, o futebol começava se tornar o esporte mais popular, fazendo parte do cotidiano das populações urbanas. Neste contexto, temos a construção daquele que é considerado o principal da era dos “estádios aristocráticos”: o Estádio das Laranjeiras, do Fluminense Football Club.

Da primeira geração de estádios, poucos sobreviveram, como o do Fluminense FC, no Rio de Janeiro. De refinada arquitetura, e situado no bairro de Laranjeiras, reduto bucólico e incontestado das elites quando foi criado, na primeira década do século XX, o estádio foi patrocinado pela família Guinle, então uma das mais ricas e influentes do Brasil. (MASCARENHAS, 2014, p.110)

O estádio das Laranjeiras (figura 4) foi resultado de uma obra que visou ampliar o antigo campo onde jogava o Fluminense, na rua Guanabara, no bairro das Laranjeiras, com o objetivo de sediar as partidas da primeira competição internacional de futebol realizada no país, o Campeonato Sul-Americano de Seleções, no ano de 1919. A composição interna do estádio era dividida em três setores, com preços distintos, demarcando a hierarquia social, como no modelo tradicional dos estádios ingleses. Possuía uma área restrita para sócios, separando-os dos demais freqüentadores do estádio. No entanto, sua ampliação, podendo receber até 18 mil torcedores, abriu espaço para um pouco mais de diversidade em relação ao que se via antes, possibilitando a presença de alguns indivíduos não pertencentes à elite nas arquibancadas. (MASCARENHAS, 2014, p.117)

Figura 4 - Estádio das Laranjeiras, 1919.



Fonte: Acervo Flu Memória. Disponível em: <https://interativos.globoesporte.globo.com/futebol/times/fluminense/especial/100-anos-do-estadio-de-laranjeiras/>. Acessado em: 25 de abril de 2021.

No entanto, o modelo de “estádio aristocrático” tornar-se-ia incompatível com a popularização que o futebol vivenciaria a partir da década de 1920. A limitada capacidade de público destes estádios não mais comportaria o número crescente de interessados em assistir as partidas. Além disso, a ampliação destes estádios esbarrava em obstáculos físicos e econômicos, pois se encontravam em bairros densamente ocupados e de alto valor

imobiliário. Em suma, o desenvolvimento do futebol requeria uma nova espacialidade, demandando novos e maiores estádios.

Neste sentido, tem início uma nova fase de edificação de estádios no país, denominada pelo historiador Waldenyr Caldas (1990 apud LUTIANO e ALMEIDA, 2016) como “a fase dos grandes investimentos nos estádios do Sul e Sudeste”, marcando o processo de popularização e democratização do futebol entre as décadas de 1920 e 1940. Como principais representantes deste período, temos o estádio de São Januário, do Vasco da Gama, e o estádio do Pacaembu, obra empreendida pelo poder público na cidade de São Paulo.

Inaugurado em 21 de abril de 1927, a construção de São Januário (figura 5) é considerada um marco importante não apenas para o Rio de Janeiro e o futebol carioca, mas também para o país. De grande porte para a época, podendo comportar até 50 mil pessoas, sua localização – na zona norte da cidade, em bairro industrial e proletário- significou uma ruptura com o padrão até então vigente, da primeira geração de estádios, que privilegiavam as regiões mais nobres. Para termos dimensão mais exata sobre sua grandiosidade, São Januário foi o maior estádio da América do Sul até a inauguração do estádio do Independiente, da Argentina, no ano de 1928, e o maior do Brasil até a construção do Pacaembu, em 1940. (MASCARENHAS,2014, p.118-119)

Figura 5 - Estádio de São Januário



Fonte: Centro de Memória do Vasco. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/blogs/10-e-faixa-ou-nao/noticia/sempre-na-memoria-ha-91-anos-estadio-sao-januário-era-inaugurado-no-rio.ghtml>. Acessado em: 25 de abril de 2021.



A edificação de São Januário pode ser compreendida como uma resposta a demanda popular por maior participação e acesso ao futebol. Os anos de 1920 foram marcados por fortes tensões de cunho social no futebol carioca, em razão da afirmação dos chamados “clubes suburbanos” - sobretudo após o título do Vasco da Gama no campeonato carioca de 1923, com uma equipe repleta de jogadores oriundos das camadas mais baixas da sociedade - e a reação dos clubes de caráter elitista, como o Fluminense, Botafogo, Flamengo e América. O acirramento das tensões levou a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA)- entidade que organizava o futebol carioca e era controlada pelos clubes da elite -, a estipular algumas exigências para a filiação dos clubes, sendo uma delas a de possuir um estádio próprio para a realização das partidas. Assim, a diretoria do Vasco, através de uma campanha de financiamento coletivo entre os seus torcedores, arrecadou cifras e construiu seu estádio.

Autores como José Sérgio Leite Lopes (2004) e Cruz (2005) apontam que, além do cumprimento da exigência esportiva feita pela AMEA, a construção de São Januário também atendeu a fatores econômicos, fruto da popularização do futebol a partir dos anos 20, pois com o aumento do público nos jogos, tornava-se possível o crescimento da renda obtida pelo clube com as partidas em seu novo estádio.

O caso do Pacaembu, inaugurado no ano de 1940 (figura 6), se assemelha em alguns aspectos a construção de São Januário, pois também foi edificado para atender a crescente demanda de público nas partidas de futebol, pois os estádios paulistanos existentes até a década de 1930 se mostravam defasados para tal (LUTIANO e ALMEIDA, 2016). Mas possui como principal particularidade o fato de ser o primeiro estádio erguido pelo poder público no país, uma obra realizada pela prefeitura de São Paulo, para comportar até 60 mil pessoas.

Outro marco importante desse período é a construção do estádio do Pacaembu, em São Paulo, inaugurado em 1940. Consoante com o espírito de Revolução de 1932 e com o discurso bandeirante ufanista de “locomotiva do Brasil”, a municipalidade paulistana erigia o primeiro estádio de futebol estatal do Brasil. Todavia, ao contrário do Vasco, o faz em zona nobre da cidade, repetindo a tendência locacional da primeira geração dos estádios. Tratava-se de um monumento cívico, que, como tal, exigia uma localização “condizente” com sua importância e centralidade na vida social e cultural da cidade. E não havia apenas o campo de futebol, mas instalações para outras modalidades, como atletismo e natação (piscina olímpica), além de um ginásio poliesportivo (MASCARENHAS, 2014, p.123)

Portanto, percebemos que o Pacaembu não foi construído apenas para ser um estádio de futebol, mas sim uma praça multiesportiva, com espaços para outras modalidades, além de

ser um monumento para receber manifestações cívicas e políticas, como também ocorria em São Januário, durante o governo do presidente Getúlio Vargas. Sua compartimentação interna seguiria a lógica da divisão de classes: os mais abastados ocupavam as arquibancadas cobertas e com assentos, enquanto que o restante se dividia entre as arquibancadas sem assentos e as gerais (NEGREIROS, 1998, p.139).

Figura 6 - Inauguração do Estádio do Pacaembu



Fonte: Exposição Virtual do Museu do Futebol. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/exhibit/pacaembu/KAJiOz4JD3BgIq>. Acessado em: 25 de abril de 2021.

Como apontam Lutiano e Almeida (2016, p.104), com a edificação do Pacaembu inicia-se o período de construção de “imensos monumentos futebolísticos com capacidade para mais de 100.000 pessoas erigidos pelo Estado”. O mais monumental destes templos sem dúvida alguma é o nosso objeto de estudo, o estádio do Maracanã, construído a partir de uma combinação de fatores, dentre eles: a Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil; a rivalidade com São Paulo, que havia feito o Pacaembu; e a necessidade de novos estádios na cidade do Rio, em razão do crescimento de interessados no futebol, já que o único estádio de grande porte era São Januário, propriedade particular de um clube, e não uma grandiosa obra estatal. Analisaremos melhor a sua construção no segundo capítulo deste trabalho.

É importante ressaltar que, apesar da Copa do Mundo de 1950 ser um fator importante para entendermos a construção do Maracanã, em relação ao contexto geral do futebol brasileiro seu impacto é pouco expressivo para explicar a edificação de estádios. Diferente do contexto contemporâneo, as exigências para a realização de uma Copa do Mundo na época eram bem mais modestas, não demandando o mesmo nível de preparação e estrutura que vemos atualmente. Além do Maracanã, apenas mais um estádio foi construído especificamente para o torneio, o Estádio Independência, em Belo Horizonte. Todos os outros já existiam<sup>10</sup>. Neste sentido, Mascarenhas (2014, p.132) argumenta que, já estava em curso um processo acelerado de consolidação do futebol como paixão nacional, e com ele, uma política voltada para a construção de estádios maiores.

Tem início, assim, a “era dos estádios gigantes” na história do futebol brasileiro. Conforme o esporte se massificava, novas praças esportivas eram construídas nas principais metrópoles do país<sup>11</sup>, “uma febre de novos e imensos estádios, que no transcorrer de duas décadas mudou completamente a paisagem urbana e gerou novos espaços de sociabilidade e expressão popular” (MASCARENHAS, 2014, p.160). Um primeiro movimento de construção de grandiosos estádios mesclou iniciativas particulares de clubes – embora algumas dessas com apoio do poder público, como por exemplo, na cessão de terrenos – e ações dos governos locais. A maioria se concentrou na região Sul ou Sudeste, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1 - Lista de estádios de grande porte construídos na década de 1950 e 1960 no Brasil

Estádio	Ano	Proprietário	Capacidade
Fonte Nova	1951	Governo do Estado da Bahia	50 mil
Olímpico Monumental	1954	Grêmio Football Porto-alegrense	90 mil
Morumbi	1960	São Paulo Futebol Clube	120 mil
Mineirão	1965	Governo do Estado de Minas Gerais	132 mil
Beira-Rio	1969	Internacional de Porto Alegre	100 mil

Fonte: MASCARENHAS (2014) e LUTIANO e ALMEIDA (2016)

Posteriormente ao período de construções de grandes estádios no Sul e Sudeste, tivemos o momento em que o Estado brasileiro, após o golpe militar de 1964, investiu pesado na edificação de praças esportivas nas demais regiões do país, aprofundando os vínculos do

<sup>10</sup> Os outros estádios que receberam partidas da Copa do Mundo de 1950 foram: Estádio Durival de Brito-PR, Estádio do Pacaembu-SP, Estádio dos Eucaliptos-RS e o Estádio da Ilha do Retiro-PE.

<sup>11</sup> Segundo Mascarenhas (2014,p.31) em 1978 o Brasil possuía sete dos dez maiores estádios do mundo, de acordo com ranking divulgado pela FIFA.

futebol com o regime, parte componente do processo de integração nacional colocado em prática pelos militares. A própria criação do Campeonato Brasileiro, em 1971, é reflexo deste projeto de integração do país, tendo em vista que, a partir de então, todas as regiões teriam praças esportivas para receber grandes jogos. Neste contexto, uma ampla gama de estádios estaduais, porém financiados pelo governo federal, foram edificados país adentro (MASCARENHAS, 2014, p.166). Vejamos alguns dos principais, na tabela abaixo:

Tabela 2 - Lista de estádios de grande porte construídos na década de 1970 no Brasil

Estádio	Ano	Proprietário	Capacidade
Vivaldão	1970	Governo do Estado do Amazonas	57 mil
Fonte Nova (ampliação)	1971	Governo do Estado da Bahia	110 mil
Castelão	1973	Governo do Estado do Ceará	118 mil
Serra Dourada	1975	Governo do Estado de Goiás	80 mil
Mangueirão	1978	Governo do Estado do Pará	50 mil

Fonte: MASCARENHAS (2014) e LUTIANO e ALMEIDA (2016)

Entretanto, ao longo da década de 1980 chegaria ao fim esta fase de construção de “estádios gigantes” subsidiados pelo Estado (LUTIANO e ALMEIDA, 2016, p.106). O fim deste ciclo pode ser explicado a partir de alguns fatores. Primeiro, têm-se o fim dos subsídios governamentais ao futebol, resultado do processo de redemocratização por qual o país passava no período e do novo direcionamento que o Estado brasileiro tomava. Somado a isso, a redução do público nos estádios, que pode ser explicada tanto pela recessão econômica da década, como também pelo advento das transmissões televisivas das partidas, em maior escala (MASCARENHAS, 2014, p. 168).

Por fim, chegamos à etapa atual de construção de estádios no Brasil, a qual nos encontramos, a era das “arenas padrão FIFA”. Podemos demarcar seu início durante a década de 1990, com o advento dos discursos modernizantes da “nova economia do futebol” (CRUZ, 2005), onde passou-se a priorizar as noções de conforto, segurança e finalidade comercial do estádio, propondo reformas que alteram suas configurações espaciais: colocação de assentos em toda parte, drástica redução da capacidade, fechamento de setores populares (como as gerais), instalação de lojas comerciais e *fast-food*, além da utilização em eventos de entretenimento. O marco inicial desta nova fase é a construção da Arena da Baixada (figura 7), em 1999, pelo Clube Atlético Paranaense. Porém, é com a escolha do Brasil como país-sede da Copa do Mundo de 2014 que tal processo se intensifica e consolida, ocorrendo um processo de “arenização” de diversos estádios brasileiros (SANTOS, 2017), como foi o caso

do Maracanã. Veremos esta etapa com maior profundidade nos capítulos 3 e 4 de nosso trabalho.

Figura 7 - Inauguração da Arena da Baixada, em 1999.



Fonte: Site do Clube Athletico Paranaense. Disponível em: <https://www.athletico.com.br/historia/24-06-1999-arena/#0>. Acessado em: 27 de abril de 2021.

## 2 “ENTRANDO EM CAMPO”: O ANTIGO MARACANÃ (1950-2000)

O Estádio do Maracanã ganhou notoriedade ao longo de sua história, sendo considerado o maior templo do futebol brasileiro, ou o “maior do mundo”, dentre outros adjetivos que dimensionam sua grandeza concreta e simbólica. Tal processo se deu em razão de uma série de fatores, que vão desde os significados em torno de sua construção, a forma de apropriação pelos torcedores ao longo de décadas e a relação estabelecida pela população carioca –e brasileira- com o estádio. Neste capítulo, buscaremos abordar alguns dos fatores responsáveis pela dimensão simbólica que o estádio adquiriu ao longo do tempo, desde sua fundação, até antes do início das reformas dos anos 2000, que o alteraram profundamente.

### 2.1 Eis que surge o Gigante de Concreto

O estádio do Maracanã foi sem dúvidas o maior legado deixado pela Copa do Mundo de 1950 para o Brasil. De acordo com Renato Coutinho (2021, p.198), as condições objetivas para a edificação do estádio se deram graças à realização do torneio, porém, a ideia da necessidade de uma praça esportiva de grande porte na cidade do Rio de Janeiro era ventilada desde o início da década de 1940. Neste sentido, como aponta Mascarenhas (2014, p.124), a construção do Maracanã deve ser lida como a síntese de uma série de fatores, internos e externos ao futebol, e não apenas relacionados à Copa do Mundo, sem, porém, esquecê-la.

Primeiramente, podemos destacar a rivalidade da cidade do Rio de Janeiro com São Paulo. A edificação do estádio do Pacaembu, inaugurado em 1940 pelo poder público paulista, gerava nos cariocas um sentimento de insatisfação, por não possuírem uma praça esportiva a altura. No ano de 1941, o governo federal, através do ministro Gustavo Capanema, lançou um concurso para a escolha do melhor projeto para um futuro Estádio Nacional a ser levantado na então capital do país. Em 1943, o *Jornal dos Sports* estampava em sua capa com empolgação a aprovação do projeto vencedor, não deixando de mencionar a comparação com o Pacaembu e enfatizando o papel de Vargas Netto<sup>12</sup>, na época presidente da Federação Metropolitana de Football (FMF)

O presidente Vargas Netto empenhado em seu levantamento imediato - Uma obra que suplantar o Pacaembu, inclusive em magnificência arquitetônica.

---

<sup>12</sup>Designado ao cargo por indicação de seu tio, Getúlio Vargas, então presidente da República.

Não é de agora que o Rio luta por possuir um estádio moderno, à maneira do maravilhoso Pacaembu, do qual os bandeirantes tanto e tão justamente se ufanam<sup>13</sup>

Ainda no ano de 1943, um acontecimento intensificou a campanha pela construção de um estádio de grande porte e moderno na cidade do Rio de Janeiro. Em jogo disputado entre São Cristóvão e Flamengo, no estádio da rua Figueira de Melo, ocorreu um acidente, após a queda da arquibancada de madeira, ferindo centenas de torcedores e provocando grande comoção popular sobre as condições estruturais dos campos de futebol da cidade<sup>14</sup>. O desabamento da arquibancada do São Cristóvão fez acelerar as articulações políticas já existentes em prol da construção de um novo estádio. Não era raro encontrar na imprensa, comparações com a estrutura do futebol paulista, que possuía estádios preparados para receber o público, sobretudo após a inauguração do Pacaembu (COUTINHO, 2021, p.199-200).Essa perspectiva vem a corroborar com o que aponta Mascarenhas (2014, p.124), que destaca como a popularização do futebol nas décadas de 1930 e 1940 criou uma demanda por novos e maiores estádios, a fim de comportar o público – cada vez maior - interessado em assistir as partidas.

Além dos argumentos esportivos, os atores políticos envolvidos também enfatizavam o estádio como um monumento ligado ao progresso da cidade do Rio de Janeiro. Em uma solenidade realizada na Federação Metropolitana de Futebol, Vargas Netto expressou que o estádio estava articulado ao crescimento da cidade, e não apenas ao futebol: “o Rio de Janeiro não poderia ficar na retaguarda do progresso” (COUTINHO, 2021, p. 200). Tal perspectiva se alinhava a ideia de monumentalidade presente no Estado Novo, representando o desenvolvimento da nação através de obras pujantes, como o prédio do Ministério da Educação (hoje Palácio Capanema), ou a abertura da avenida Presidente Vargas. Faltava dotar a cidade de uma moderna e monumental praça esportiva, associando poder e esporte. Em edição de outubro de 1943, o *Jornal dos Sports* publicou que o estádio era uma aspiração do próprio presidente Getúlio Vargas

o preclaro chefe da Nação proclamou sempre a necessidade de se fornecer aos aficionados do desporto carioca uma praça de esportes traçadas segundo as linhas mais modernas, o prefeito Dosdworth em sua faina de sempre

---

<sup>13</sup>Aprovado o projeto do Estádio Nacional!. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº4193, 16 de abril de 1943, p.1

<sup>14</sup>O único estádio que escapava desta avaliação era o estádio de São Januário, à época o maior da cidade e um dos maiores do Brasil, sendo palco de diversas partidas da seleção brasileira. No entanto, por conta da construção do Pacaembu, um estádio público, na cidade de São Paulo, cresceria o desejo por uma praça esportiva de grande porte e pública no Rio de Janeiro.

melhorar o aspecto geral da cidade, esperou uma ocasião propícia para dar os primeiros passos nesse sentido: Virá o Estádio Nacional.<sup>15</sup>

Outro fator, também destacado por Mascarenhas (2014, p.125) na produção do que viria a ser o maior estádio do mundo, diz respeito ao contexto histórico do período. O Brasil vivia um momento de otimismo no pós-guerra, embalado pela perspectiva do desenvolvimento nacional, buscando se alinhar as grandes potências mundiais. O país passava por uma série de transformações políticas, econômicas e sociais. A industrialização era movida a pleno vapor, as cidades cresciam e a máquina estatal se mostrava cada vez mais atuante. Assim, a existência de obras monumentais, como a construção de uma praça esportiva de grande porte, era excelente oportunidade de exibir ao mundo nossa grandeza e capacidade técnica, pleiteando nossa inserção no quadro das nações modernas. Além disso, assegurava um processo de modernização comandado pelo Estado, legitimando a sua dimensão intervencionista mesmo num contexto de redemocratização.

Neste sentido, como argumenta Coutinho (2021,p.201), o projeto de construção de um estádio no Rio de Janeiro “tinha como objetivo erguer um símbolo do progresso nacional e um lugar de reconhecimento e diálogo entre Estado-Nação e sociedade”. De acordo com Gisela Moura (1998, p.40), a construção do estádio viria a reforçar a ideia de “capitalidade” da cidade do Rio de Janeiro, conceito oriundo da reflexão de Giulio Argan<sup>16</sup> em seu estudo sobre o Barroco e a afirmação das capitais no século XVII e proposto por Margarida de Souza Neves (1991) ao analisar as primeiras décadas do século XX da então capital federal. A autora parte das ideias de Argan, e numa perspectiva mais ampla, enxerga a relação cidade-capital para além de meramente ser o centro do poder político e administrativo, mas sim como símbolo de um projeto nacional. Sendo assim, dotar a cidade do Rio de Janeiro de uma grande praça esportiva era fundamental para equipará-la às principais capitais do mundo, que também possuíam espaços arquitetônicos monumentais, característicos da sociedade moderna, fortalecendo a perspectiva de progresso brasileiro.

No entanto, não seria neste momento que o estádio sairia do papel. Os poderes municipal e federal não se entenderam, e as disputas entre as esferas paralisaram o projeto, que não foi adiante neste momento. A história narra que um dos motivos seria o fato de que o projeto de estádio vencedor não era o preferido do ministro Capanema (MOURA, 1998, p.24). Porém, a ideia do estádio voltaria com força após o anúncio de que a 4ª Copa do Mundo de

<sup>15</sup>Uma aspiração do presidente Vargas! In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº4337, 02 de outubro de 1943, p.3

<sup>16</sup>ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e persuasão: ensaios sobre o Barroco*. São Paulo: Cia das Letras, 2004, p.46-185.



Futebol da FIFA seria realizada no Brasil. Era o impulso necessário, porém, não sem encontrar alguns percalços.

A intenção do Brasil sediar uma Copa do Mundo de futebol existia desde pelo menos o ano de 1938, após a exitosa campanha no mundial daquele ano<sup>17</sup>. Com a eclosão da Segunda Guerra e a interrupção da realização do torneio nos anos posteriores, o projeto teve que ser adiado até 1946, quando o país foi confirmado como anfitrião do próximo campeonato mundial, agendado para o ano de 1949 e que depois foi adiado para 1950, a fim de dar mais tempo para as nações européias se reestruturarem do pós-guerra.

Pouco tempo após o anúncio do Brasil como sede da Copa intensificou-se na imprensa carioca, sobretudo através do *Jornal dos Sports*, uma marcante campanha em defesa da construção de um grande estádio no Rio de Janeiro. É importante ressaltar que o periódico comandado por Mário Filho atuava, praticamente, como um “órgão oficial” do futebol na cidade do Rio de Janeiro. De acordo com Couto (2011, p.170), o *Jornal dos Sports* desde sua fundação tinha a pretensão de atuar duplamente no campo esportivo, ora noticiando fatos e eventos ligados ao cotidiano dos esportes, ora interferindo mais diretamente, ao promover discussões que teriam impactos nas ações de clubes, entidades e do poder público. Tal fato teve seu apogeu na campanha pela construção do Maracanã, como veremos adiante.

Em texto publicado no mês de agosto de 1946, em sua coluna “Críticas e Sugestões”, Mário Filho expõe os motivos que faziam a edificação de um novo estádio na cidade ser necessária, e quem deveria ser o responsável por tal empreitada:

Positivou-se que o grande problema do football brasileiro é o estádio, a falta de campos que comportem as multidões que desejam assistir a um grande espetáculo de football. Se esse problema se manifesta de forma tão alarmante no campeonato da cidade, é fácil imaginar como se ampliará diante de um acontecimento de repercussão, do interesse nacional de um campeonato do mundo. [...] Por enquanto o problema é dos clubes, das entidades, daqui a menos de três anos, porém, o problema será do Brasil. E se os homens do Governo encarassem o esporte como ele deve ser encarado, o problema que hoje é dos clubes e das entidades, já seria mais do que isso: um problema do Governo.

É preciso, porém, que os homens do Governo compreendam a significação de um campeonato do mundo. Não para um esporte, para o esporte que já tem de figurar nas cogitações sérias dos dirigentes de todas as nações civilizadas. [...] O Brasil tem de se mostrar à altura do grande certame de 49.<sup>18</sup>

Ademais, Mário Filho apontava que, como os estádios cariocas estavam se tornando insuficientes para o numeroso afluxo de torcedores interessados em assistir partidas de

<sup>17</sup> O Brasil conquistou o 3º lugar na competição, tendo Leônidas da Silva como principal destaque e artilheiro do torneio.

<sup>18</sup> Mário Filho. A necessidade cada vez maior de um Estádio Nacional. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5204, 04 de agosto de 1946, p.2.

futebol, os clubes passaram a cobrar ingressos mais caros, aproveitando a grande demanda. Assim, defende o cronista, a construção de um novo estádio para mais de 100 mil pessoas poderia também contribuir para a popularização e democratização do acesso ao esporte, visto que o preço dos ingressos poderia ser mais baixo, já que aumentaria a oferta de lugares disponíveis<sup>19</sup>.

Em meio ao debate sobre a necessidade de um novo estádio para o Rio de Janeiro, que comportasse as multidões que passaram a frequentar os jogos de futebol, a ideia de ampliar o estádio de São Januário, o maior na época, ganhou a simpatia da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e da prefeitura da cidade. Porém, para Mário Filho, tal opção não passaria de um “arranjo”, um verdadeiro improvisado, quando na verdade dever-se-ia buscar uma “solução”, que não seria outra senão a construção do “Estádio Nacional”. O argumento do proprietário do *Jornal dos Sports* era de que São Januário pertencia a um clube em particular, o Vasco da Gama, não podendo se transformar no estádio “para a grandeza do esporte brasileiro”. Além disso, no final das contas, os gastos com as obras seriam avantajados, visto a necessidade de urbanização do entorno, e estes recursos poderiam ser investidos para pagar parte de um novo estádio, maior e para todos os clubes da cidade <sup>20</sup>.

As discussões entre os poderes municipal e federal para decidir quem comandaria a construção do novo estádio ressurge, mas desta vez Mário Filho intervém de maneira mais concisa, buscando minimizar a disputa, argumentando que um “estádio nacional seria da cidade – ou seja, municipal -, assim como um estádio municipal seria do Brasil – isto é, nacional”, para se concretizar o empreendimento deveria reunir forças de ambos os poderes. Não demorou a acontecer o entendimento entre as partes, ficando decidido que a municipalidade seria responsável, detentora de melhores condições financeiras e local mais adequado, mas contando com o devido apoio do governo federal (MOURA, 1998, p.27-28).

Tornando-se consenso a importância da construção de um novo estádio na cidade, visando receber a Copa do Mundo, o próximo passo seria discutir em qual localização a praça esportiva deveria ser erguida. Neste quesito houve embates mais calorosos entre dois grupos. De um lado, Mário Filho, através do *Jornal dos Sports*, recebendo a companhia de personalidades como Ary Barroso, cronista esportivo e vereador recém empossado pela UDN e José Lins do Rego, romancista brasileiro que também escrevia para o periódico. Do outro lado, a figura central era o então vereador Carlos Lacerda, também da UDN, e setores do

---

<sup>19</sup> Ibidem

<sup>20</sup> Mário Filho. Só há uma solução para o campeonato do mundo: o Estádio Nacional. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5438, 14 de maio de 1947, p.2.

empresariado carioca, que tinham no jornal *Correio da Manhã* seu principal meio de comunicação.

O primeiro grupo defendia que o novo estádio fosse construído no terreno do antigo Derby Club, local que recebia corridas de cavalo no final do século XIX, situado no bairro do Maracanã. Dentre os argumentos estavam, por exemplo, os colocados por José Lins do Rego na sua coluna “Esporte e Vida”, que apontava a facilidade na aquisição do terreno por parte da prefeitura<sup>21</sup>, a localização - bem abastecida por meios de transportes - e os impactos urbanísticos com as obras no entorno, alargando ruas e canalizando rios<sup>22</sup>.

Figura 8 - Visão aérea da região onde ficava o antigo Derby Club, em 1928



Fonte: Acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/>. Acesso em 20 de janeiro de 2022.

Em contrapartida, o grupo opositor liderado por Carlos Lacerda se opunha a ideia de construir no bairro do Maracanã, apresentando uma proposta na Câmara Municipal de erguer o estádio na região de Jacarepaguá. Lacerda apontava que a opção por construir no terreno do

<sup>21</sup> De acordo com Moura (1998, p.29) no início acreditava-se que a área pertencia à própria prefeitura, porém, posteriormente constatou-se que era propriedade do Jockey Club, levando o poder municipal a permutar terrenos na Lagoa Rodrigo de Freitas.

<sup>22</sup> José Lins do Rego. O Estádio e os Sonhos. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5472, 24 de junho de 1947, p.3

Derby Club não seria a mais acertada, devido aos elevados custos com as obras no entorno, por conta da necessidade de aquisição de terras e desapropriações para aumentar o espaço. Sua contraproposta era baseada em um antigo projeto de cidade olímpica, elaborado em 1938 pelo engenheiro Antonio Laviola, argumentando que a escolha por Jacarepaguá era mais correta devido ao custo menor das terras neste local, a oportunidade de urbanizar a região e investir em infraestrutura de transportes, além de fortalecer uma futura candidatura olímpica da cidade<sup>23</sup>.

A reação do *Jornal dos Sports* veio, dentre outras formas, através de uma pesquisa de opinião realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), idealizada por Ary Barroso e divulgada no periódico em 19 de agosto de 1947, com o objetivo de intervir nos debates sobre a localização do estádio e pressionar a opinião pública a decidir o que convinha para a cidade. Seus resultados indicavam extremo apoio da população à proposta de construção do estádio no bairro do Maracanã. Cerca de 79% dos entrevistados achavam necessária a construção de um estádio na cidade, chegando a 95% quando focalizados apenas os que acompanhavam o futebol. Em relação ao local, 56% defendiam a construção no terreno do Derby, enquanto que apenas 9,7% eram adeptos da opção por Jacarepaguá. Quando contabilizados apenas os aficionados por futebol, o Derby Club era o preferido de mais de 85%.

Figura 9 - Resultados da pesquisa de opinião promovida por Ary Barroso

**A OPINIAO DO POVO EM GERAL**

Em Janeiro do corrente ano já havíamos abordado superficialmente o assunto, quando da nossa sondagem internacional para o Gallup Poll, perguntando ao público: "O Estadio para o Rio deve ser construido pela Prefeitura ou pelos Clubes?"

E a resposta, então, foi:

Pela Prefeitura .....	59.1 %
Pelos clubes .....	14.9 %
Não sabem ou não opinam .....	26.0 %
	100.0 %

Por esse motivo não incluímos pergunta semelhante na nossa sondagem que ora comentamos, pois já conhecíamos há muito a atitude do povo em relação ao assunto.

Vejamos, pois, como se comportou o povo em face das perguntas do nosso questionario.

**P. — O SR. (a) ACHA NECESSARIA A CONSTRUÇÃO DE UM ESTADIO PARA A CIDADE?**

	Povo em geral	Só aficionados
Sim .....	79.2 %	95.6 %
Não .....	18.3	4.6
Não sabem .....	1.5	0.3
Não opinam .....	1.0	0.3

A quase unanimidade dos amantes do football é fortemente a favor da construção do Estadio. Raramente, em pesquisas de opinião pública, temos encontrado manifestações tão unânimas.

**aP. — ONDE DEVERIA SER LOCALIZADO O ESTADIO?**

	Povo em geral	Só aficionados
Derby Club .....	56.8 %	85.3 %
Jacarepaguá .....	9.7	4.4
Outras sugestões .....	6.9	6.9
Não sabem ou não opinam .....	26.6	5.4

<sup>23</sup> A pluralidade das fórmulas para o Estádio. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, nº 16142, 20 de junho de 1947, p.10.

Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5520, 19 de agosto de 1947, p.6

Estes conflitos verificados dentro do poder público evidenciam o que Silva (2003) ressalta como uma das principais características dos projetos urbanísticos do país, pelo menos até a década de 1940. Enquanto na Europa o campo de conhecimento arquitetônico e urbanístico costumava se formar fora da administração pública, encaminhando suas propostas ao Estado já finalizadas, no Brasil, pelo menos até o Estado Novo, as propostas muitas vezes eram feitas por membros do próprio campo político, ocasionando muitas vezes disputas e tensões internas.

Com os “números que falam a vontade do povo”, explicitados no resultado da pesquisa, uma etapa da “Batalha do Estádio” – termo como ficou conhecida a disputa entre os atores políticos - seria vencida, pois, em outubro de 1947 foi aprovada na Câmara Municipal por 28 votos a 6, e posteriormente sancionada pelo prefeito Mendes de Moraes, a lei que viabilizava a construção do estádio no bairro do Maracanã, no terreno onde se situava o Derby Club<sup>24</sup>. Após a decisão sobre a escolha do lugar a se construir o estádio, Mário Filho apresentaria em sua coluna no *Jornal dos Sports* a valorização da localização geográfica do bairro do Maracanã, enfatizando a importância de se pensar no torcedor e na chegada do público ao local:

Em uma obra assim, que vai ser construída pela Prefeitura, paga pelo público, que vai ser sustentada pelas competições, ninguém podia ser esquecido. O público, os jogadores, os jornalistas, os locutores, os convidados, todos tinham de ter o conforto que até agora nenhum estádio brasileiro ainda dera. [...]Para se ter uma idéia: pensou-se no torcedor desde que sai de casa para o estádio, seja morador da zona norte ou da zona sul, dos bairros ou dos subúrbios. O trem vai parar, por assim dizer, na porta do estádio e o estádio estará cercado de avenidas de quarenta metros, ligadas a zona sul e a zona norte. Até aqui todos os estádios brasileiros, que exceto o caso especial do Pacaembu, foram frutos da iniciativa privada, do esforço único de agremiações esportivas, foram construídos sem que se levasse muito em conta como é que o público chegaria até lá. O problema do tráfego de bondes, ônibus, automóveis e pedestres não era e nem é dos clubes. Sempre foi da Prefeitura. A Prefeitura vai abrir caminhos, alargar avenidas, para que o público possa chegar ao estádio sem atropelos e voltar sem atropelos para casa.<sup>25</sup>

Porém, os preparativos para o início das obras continuariam lentos, sendo somente em 20 de janeiro de 1948 (feriado de São Sebastião, padroeiro da cidade) lançada a pedra fundamental para a edificação do Estádio Municipal, como passaria a ser chamado a partir de então, noticiada com louvor pelo *Jornal dos Sports* como a “primeira semente da maior obra

<sup>24</sup> Agora, a grande obra!. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5581, 30 de outubro de 1947, p.1

<sup>25</sup> O mais perfeito estádio que se possa construir. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5604, 25 de novembro de 1947, p.2

de arquitetura e engenharia, jamais inaugurada e projetada no continente sul-americano”<sup>26</sup>. A ênfase na questão continental não deixava de ser uma indireta para a Argentina, nosso grande rival futebolístico, visto que nosso vizinho também desejava sediar o torneio, e se apresentava como nação detentora dos mais modernos estádios da América do Sul (MOURA, 1998, p.33).

Outro tema que acalorou os debates sobre o estádio a ser construído dizia respeito à administração ser estatal ou privada. A lentidão para o início das obras do novo Estádio Municipal permitiu que a oposição ao projeto se rearticulasse em uma nova contraproposta. Foi lançado, em março de 1948, a proposta do Estádio Nacional Sociedade Anônima (E.N.S.A), uma idealização do empresário Fausto Matarazzo, e que contava com o apoio do vereador Carlos Lacerda. O E.N.S.A comprava a parte destinada a anúncios publicitários dos jornais, tanto no *Correio da Manhã* quanto no *Jornal dos Sports*, para alavancar a divulgação, buscando angariar interessados na compra de ações para capitalizar o empreendimento. A localização seria na Avenida Brasil, na altura do bairro de Irajá e o projeto falava em um estádio multiesportivo que comportaria 100 mil espectadores.

O projeto do E.N.S.A foi duramente criticado pelo *Jornal dos Sports*, sendo acusado de “contravenção pura e simples”, por tentar angariar lucros com a exploração do esporte. Mário Filho argumentava que o decreto-lei 3.199/41, que regia a estrutura esportiva nacional, impedia que se auferisse lucro a partir da prática esportiva, estando o E.N.S.A, portanto, em desacordo com a legislação nacional<sup>27</sup>, fato que viria a ser confirmado no mês de abril de 1948 com a publicação de uma manchete na qual o próprio Conselho Nacional de Desportos (CND), reconhecia a ilegalidade do Estádio Nacional Sociedade Anônima<sup>28</sup>.

Contrapondo as acusações dos idealizadores do E.N.S.A, de que o financiamento do estádio seria mais viável sendo feito pela iniciativa privada, o *Jornal dos Sports* defendia o programa de vendas de cadeiras cativas como forma de levantamento de recursos para a obra, lançado por João Lyra Filho, então presidente do CND, e que acumulava o cargo de secretário de finanças do município. Mário Filho alegava que o plano das cadeiras cativas era vantajoso, pois o próprio povo seria responsável por custear o estádio, não comprometendo assim o orçamento público municipal destinado para as questões sociais.<sup>29</sup> Assim, o periódico fazia ampla divulgação da campanha de venda de cadeiras, divulgando estatísticas e valores

<sup>26</sup> Plantado O Marco Inicial. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº5650, 21 de janeiro de 1948, p.4

<sup>27</sup> Mário Filho. Exploração do esporte é contravenção pura e simples. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5706, 31 de março de 1948, p.3.

<sup>28</sup> Reconhece o C.N.D a ilegalidade dos propósitos da Estádio Nacional S.A. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5721, 17 de abril de 1948, p.1.

<sup>29</sup> Mário Filho. Os vereadores e a Batalha do Estádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5515, 13 de agosto de 1947, p.2.

arrecadados, além de noticiar a aquisição por parte de celebridades, como por exemplo, Nelson Rodrigues<sup>30</sup>, irmão de Mário Filho, fortalecendo a confiança da opinião pública. Conforme argumenta Moura(1998, p.28), o plano de venda das cadeiras teria importante papel na defesa da construção do estádio, visto que livraria a prefeitura do ônus da obra, pois o “objeto de desejo do povo carioca seria pago pelo próprio povo carioca”.

Por fim, um argumento central na defesa da administração pública do estádio dizia respeito a sua função social e de que maneira serviria ao povo, que por sua vez deveria ser dotado de direitos de retorno social das obras do poder público. Em sua coluna do dia 30 de maio de 1948, Mário Filho faz uma defesa enfática do Estádio Municipal do Maracanã, onde fica explícita sua concepção política em torno do esporte:

[...] O Estádio Municipal será de todos os clubes e de todas as entidades, o Estádio Nacional nunca deixaria de ser de uma empresa criada para explorar o esporte em grande escala. [...]

Não é que dois estádios, um de cento e cinquenta e cinco mil espectadores e outro de cem mil façam mal. [...] O mal está no que o Ensa significa: o programa da exploração do esporte.

[...] O Estádio Municipal vai elevar o desenvolvimento esportivo carioca e, através dele, do brasileiro, ao mais alto grau. [...] O público poderá ver o seu esporte predileto com absoluto conforto. Com um conforto que nunca lhe foi assegurado, nem como sócio de clube nem como comprador de cadeira numerada. Este é o lucro que o público quer de um estádio. Pagará menos para ver um grande match, porque os clubes e as entidades, podendo arrecadar num jogo três milhões de cruzeiros, sem contar com as cadeiras cativas, não pensarão nunca mais em ingressos caros, tendo, ao contrário, o interesse de baratear o football, de aumentar-lhe a popularidade. Maior lucro não poderia desejar o público.<sup>31</sup>

Assim, podemos concluir que o grupo liderado por Mário Filho na defesa do Estádio Municipal se alinhava claramente a uma concepção nacional-desenvolvimentista, enquanto que o projeto do Estádio Nacional S.A, de Lacerda e Matarazzo, se aproximava do liberalismo econômico. O contexto da época era profícuo ao triunfo do primeiro, afinal se iniciava uma nova fase de progresso e desenvolvimento com a redemocratização após a ditadura do Estado Novo. Desta forma, os defensores da construção do estádio no Maracanã lançaram mão da dimensão simbólica de país inclusivo, onde classes e indivíduos teriam papel fundamental em alavancar o Brasil ao patamar das nações modernas e civilizadas. Tal discurso se afirma claramente na manchete do *Jornal dos Sports* exposta abaixo, no dia seguinte da inauguração do estádio, em uma partida amistosa entre as seleções do Rio de Janeiro e São Paulo.

<sup>30</sup> Mais títulos de cadeiras cativas. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5710, 4 de abril de 1948, p.1

<sup>31</sup> Mário Filho. A Batalha contra o Estádio. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 5783, 30 de maio de 1948, p.2.



Figura 10 - Capa do *Jornal dos Sports* em 19 de junho de 1950, dia posterior à inauguração do Maracanã



Fonte: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6386, 19 de junho de 1950, p.1

A estratégia discursiva apresentada por Mário Filho no embate mobilizou categorias que giravam em torno da ideia de modernidade, democracia, progresso, dentre outras. Sabemos, como aponta Kosseleck (2003), que as palavras e os conceitos não possuem valores absolutos em si mesmo, adquirindo sentidos de acordo com determinado contexto histórico. Desta forma, construir uma praça esportiva do porte do Maracanã alinhava-se perfeitamente ao projeto modernizador posto em curso pelo Estado brasileiro a partir da década de 1930, reforçando a atuação conjunta do povo e do governo pelo engrandecimento do Brasil. De acordo com Moura (1998, p.39), a construção do estádio era considerada como um monumento fundador, tanto do esporte quanto da arquitetura nacional, testemunho material da capacidade de trabalho do povo brasileiro.

Luiz Antonio Simas (2020) em suas diversas reflexões identifica o futebol, no contexto das décadas de 1930 a 1950, como elemento formador da identidade nacional brasileira, com base na ideologia da mestiçagem, que se apresentava como a solução dos problemas raciais históricos do país. Neste sentido, interpreta a edificação do Maracanã como “a representação em concreto do Brasil cordial e mestiço”, porém, ressalta que se tratava de um estádio inclusivo, mas não igualitário, levando em consideração as hierarquias sociais dispostas na ocupação dos seus espaços, bem observadas pelo antropólogo Luis Felipe Baeta Neves, em um dos pioneiros trabalhos acadêmicos sobre futebol:



Tal divisão da plateia segue critérios principalmente econômicos: os setores obedecem a uma escala de preços, sendo os mais caros os lugares individuais: as cadeiras. Fora dos critérios econômicos, os que vigem são os de caráter profissional (setores destinados à imprensa, por exemplo) e os de caráter político: as tribunas de honra são os lugares reservados a representantes do poder ou a seus convidados. Tendo a melhor localização do estádio e sendo mais confortáveis, são interditos ao público comum, não sendo vendidos seus lugares.

Os piores lugares (quanto a conforto e visibilidade do jogo) são os mais baratos e os que não têm lugar definido. Arquibancadas e gerais são ocupadas por *massas*; as cadeiras, tribunas e camarotes por *indivíduos*. [...] Os critérios de divisão são claros (econômicos e políticos) e sua visualização muito fácil (nível e cores). A possibilidade de homologia entre a divisão do espaço da platéia em um estádio de futebol e a efetiva divisão do espaço social na sociedade brasileira não seriam improváveis. (BAETA NEVES, 1982, p.54)

No entanto, Simas (2020) enfatiza que é necessário reconhecer o avanço que significou a inclusão dos setores historicamente marginalizados. Corroborando com esta interpretação, Renato Coutinho (2021) aponta que a edificação do – à época - Estádio Municipal do Rio de Janeiro indicava a disposição do Estado em dialogar com a sociedade civil, a partir de um pacto social que considerava as camadas populares como representantes da modernidade brasileira: “Mais do que um estádio para a Copa do Mundo, o estádio municipal surgiu para ser o lugar das multidões historicamente esquecidas no Brasil” (COUTINHO, 2021, p.201). Nesse sentido, nas palavras do antropólogo Martin Curi (2013, p.14) “o Maracanã representa bem as ideias do movimento modernista da arquitetura brasileira”, pois, seu gigantismo arquitetônico abriu espaço para toda a população, possibilitando a inclusão de setores socialmente marginalizados, contribuindo para o “sonho utópico de uma nova sociedade dos modernistas”.

## 2.2 O antigo Maracanã: um estádio multicultural

Nem mesmo a trágica derrota na final da Copa do Mundo de 1950 para os uruguaios abalaria os ânimos daqueles que lutaram pela edificação do estádio. Logo em seguida a perda do título, Mário Filho buscou minimizar o resultado em campo e elevar a autoestima nacional, exaltando o reconhecimento em relação à organização do torneio, ao futebol apresentado pela seleção e ao grandioso estádio erguido. Apesar da derrota dentro de campo, fora dele existiria uma série de vitórias a serem comemoradas:

E embora perdêssemos o campeonato do mundo, ganhamos o estádio, que é uma prova da capacidade de realização do brasileiro, ganhamos a admiração do mundo por termos realizado o mais brilhante campeonato do mundo de todos os realizados, por termos oferecido aos disputantes do campeonato do mundo um ambiente de segurança

ainda não oferecido em nenhum outro campeonato do mundo e por termos exibido o melhor football do mundo.<sup>32</sup>

Muita expectativa se criou sobre como seria a reação da população carioca – e brasileira – no pós Copa do Mundo. Alguns temiam que a traumática derrota da seleção brasileira para os uruguaioi pudesse diminuir o interesse do povo pelo futebol. Porém, a “apreensão quanto ao futuro do futebol brasileiro [...] é dissipada pelo comparecimento do público a um amistoso entre Bangu e Flamengo, realizado no Maracanã exatamente uma semana depois do último jogo da Copa.” (MOURA, 1998, p.137). Foi a primeira partida oficial após o campeonato do mundo. Apesar do pessimismo, o público compareceu em peso, mostrando que rejeitava o derrotismo e aplaudiria os seus craques<sup>33</sup>. Em seu livro, Gisela Moura destaca um trecho da crônica de autoria de Augusto Rodrigues – primo de Mário Filho – no *Jornal dos Sports*, que dá uma dimensão do significado que a grande afluência de torcedores na partida teria para o futebol brasileiro e para a cidade do Rio de Janeiro:

As correntes humanas que afluem e refluem em suas dependências, os jatos ininterruptos de gente que sobe e desce as suas rampas de acesso antes e depois dos jogos sugerem-nos as artérias de um fabuloso órgão, que vão buscar na sua fonte o élan vital. (...) Por tantos motivos, por que não reivindicar para o Brasil e, particularmente para o Rio, o título de capital do mundo footballístico?<sup>34</sup>

Talvez isso explique porque o antropólogo José Sérgio Leite Lopes (2009) definiu o Maracanã como “O Coração do Brasil”. Diante de todo simbolismo e significado do estádio podemos especular alguns dos motivos que levaram o autor a chamá-lo de tal forma. Um deles, salientado por Bernardo Buarque de Hollanda (2014, p.327) deve-se a sua centralidade em relação à geografia da cidade. Localizado em um ponto considerado de confluência espacial, econômica e social, situando-se na zona norte, entre a zona sul e o subúrbio, abastecido por transporte férreo e rodoviário, contribuía para o acolhimento das diversas camadas da sociedade. Nas palavras do autor, “o estádio uniria simbolicamente os extremos da capital do país, das localidades mais abastadas às mais carentes”.

Outro fator, levantado por Leite Lopes (2009), diz respeito à concepção arquitetônica do estádio. O Maracanã, à época de sua inauguração, dividia-se em cinco setores, distribuídos em dois anéis. No anel superior tínhamos as arquibancadas, cadeiras especiais e tribunas de

<sup>32</sup>Não se perdeu tudo. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6411, 18 de julho de 1950, p.8

<sup>33</sup>A partida contou com a participação de três jogadores que estiveram na seleção brasileira durante a Copa de 1950: Zizinho, Juvenal e Bigode. O amistoso foi organizado para arrecadar fundos para o pagamento do passe de Zizinho, que tinha acabado de se transferir do Flamengo para o Bangu.

<sup>34</sup>Rodrigues, Augusto. O coração do mundo footballístico. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6418, 26 de julho de 1950, p.5

honra. No anel inferior, as cadeiras comuns e a geral. As arquibancadas eram o espaço onde se concentravam o maior número de pessoas nas partidas (cerca de 100 mil), refletindo em enorme diversidade social. A forma elíptica do estádio permitia que, no anel superior, apesar das diferenças setoriais, os torcedores ficassem no mesmo nível, não existindo visão privilegiada para ninguém e nem lugar descoberto. A divisão entre arquibancadas, tribunas e cadeiras especiais existia, mas a única diferença era a existência de assentos mais “confortáveis” nos dois últimos (figura 11).

Figura 11 - Partida entre Brasil x Paraguai, em 1985, no Maracanã



Em jogos com grandes públicos, como este, a separação entre alguns setores tornava-se difícil de distinguir a olho nu. Fonte: Arquivo O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/historias-do-velho-mario-filho-9717899>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

No anel inferior tínhamos as cadeiras comuns, e logo à sua frente, a famosa “geral”, setor onde eram cobrados os ingressos mais baratos do estádio, único local possível de ser acessado para muitos dos torcedores. A geral proporcionava maior proximidade com o campo de jogo, mas possuía ângulo de visão bastante afetado, pelo fato de estar localizado quase no mesmo nível do gramado e possuir baixa inclinação. Além disso, ter uma boa visão de uma partida da geral também era dificultado “pelo grande número de pessoas e equipamentos que se interpõem entre a geral e o campo de jogo – repórteres e equipes de transmissão televisiva, policiais que fazem a segurança, o banco de reservas” (CRUZ, 2005, p.64).

A gigante marquise do Maracanã é uma novidade da época de sua construção, pois cobria praticamente todo o anel do estádio, deixando apenas a geral e alguns poucos lugares da arquibancada, descobertos. Até então, as coberturas em estádios eram comuns apenas na parte das tribunas e setores dispostos às classes mais abastadas, sendo todo o resto, exposto. O Maracanã também foi o primeiro estádio brasileiro com fosso, separando o gramado do público, servindo de padrão para outros que viriam a seguir, como o Mineirão e o Morumbi.

Após a Copa do Mundo de 1950, o Maracanã torna-se o principal estádio da cidade do Rio de Janeiro, e do país, sendo o palco da maioria dos confrontos entre os principais clubes da cidade, além de jogos da seleção brasileira e até de clubes de outros estados, como o Santos de Pelé. No ano de 1966, é batizado oficialmente de Estádio Jornalista Mário Filho, em homenagem póstuma àquele que tanto incentivou e batalhou pela sua construção<sup>35</sup>. Na década de 1970, sua administração foi transferida do governo municipal para o governo estadual. Além disso, ao longo do tempo, se concretizou a ideia de criação de um Complexo Desportivo em seu entorno, com a inauguração do ginásio Gilberto Cardoso – mais conhecido como “Maracanãzinho” – em 1954; da Escola Municipal Arthur Friedenreich, na década de 1960; do estádio de atletismo Célio de Barros, no ano de 1974; e do parque aquático Júlio Delamare, em 1978.

Como salienta Leite Lopes (2009), o estádio do Maracanã contribuiu para o surgimento de novas culturas de torcedores, mais ativos, organizados e atuantes do que o futebol estava acostumado até então. Os dois espaços do estádio que mais simbolizaram a formação destas culturas futebolísticas foram, sem dúvida, as arquibancadas e a geral. Veremos a seguir como os torcedores se apropriaram destes lugares, construindo identidades e formas específicas de torcer.

### **2.3 As culturas torcedoras do antigo Maracanã: torcidas organizadas, torcidas jovens e geraldinos**

Conforme aponta Curi (2013, p.12) “as praças esportivas podem expressar, a partir de sua arquitetura, uma tipificação ideal dos torcedores e das formas específicas de controle de potenciais conflitos derivados da exacerbação das emoções”. Partindo desta perspectiva,

---

<sup>35</sup> Na época, a família de Mário Filho consultou João Saldanha a respeito da homenagem. Saldanha sugeriu que seria melhor escolher uma rua para homenageá-lo, pois temia que o nome Mário Filho não vingasse na boca do povo, que continuaria chamando o estádio de Maracanã (RODRIGUES e OAKIM, 2015)

consideramos a configuração espacial do Maracanã um importante fator para compreendermos sua importância histórico-cultural e a dimensão simbólica de uma série de significados construídos pelos frequentadores do estádio.

Com o decorrer dos anos, o espaço das arquibancadas do Maracanã tornou-se palco do surgimento de uma nova cultura torcedora, constituída por novas formas de sociabilidade e comportamento, geradas pela dimensão espacial do estádio e pela apropriação territorial associada à lógica das rivalidades clubísticas do Rio de Janeiro. De acordo com Bernardo Buarque de Hollanda, até momento de surgimento do Maracanã, o alcance dos agrupamentos de torcedores era bastante restrito e pouco performático dentro dos estádios. Tinham como principal objeto de sinalização, os lenços, e chamavam pouca atenção. Porém, com o aparecimento de um estádio em proporções gigantescas - como o Maracanã- as torcidas organizadas começaram a introduzir novos instrumentos festivos, como, por exemplo, as bandeiras, feitas em dimensões cada vez maiores. (HOLLANDA, 2014, p.336-337).

A festa realizada pelas torcidas organizadas, a partir dos anos de 1950, foram bastante estimuladas em razão do “Duelo de Torcidas”, uma competição festiva, inspirada na disputa das escolas de samba e proposta por Mário Filho através do *Jornal dos Sports*, que encontraria nas arquibancadas do gigante estádio, ambiente propício, conforme demonstra o trecho a seguir:

O duelo das torcidas do Fluminense e Flamengo fará recordar idêntica iniciativa de JORNAL DOS SPORTS, em tempos idos, e quando Fla-Flu oferecia espetáculos de marcante expressão. E para domingo, no estádio do Maracanã, o brilho deverá ser ainda mais impressionante, uma vez que os tradicionais grêmios serão estimulados por suas massas de adeptos - desta vez, pela amplitude do estádio, compreendendo a torcida organizada propriamente dita, com as suas “charangas”, além do fan individual.<sup>36</sup>

Como percebemos, a atmosfera festiva e carnavalesca se devia, em grande medida, a atuação da imprensa esportiva, contribuindo para “a conversão do futebol em um espetáculo de massas, congruente com a estrutura do carnaval, organizada também naqueles moldes” (HOLLANDA, 2008, p.505). Assim, a “carnavalização”<sup>37</sup> das partidas, com a utilização de pequenas bandas, conhecidas como charangas musicais, faixas, bandeiras, balões, foguetes e

<sup>36</sup>Ressurreição do Fla-Flu. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 6786, 9 de outubro de 1951, p.6

<sup>37</sup>Em sua tese, Hollanda (2008) utiliza o conceito de *carnavalização* formulado por Bakhtin na obra *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, onde o teórico russo analisa as festas populares na Europa medieval e as manifestações de extravasamento e inversão da ordem cotidiana. De acordo com o próprio Bakhtin, o termo carnavalização deve ser visto de forma ampla, não ficando restrito apenas a cultura europeia medieval, podendo ser observado ao longo dos séculos, em diversos espaços da cultura popular. É neste sentido que o conceito é também utilizado nas interpretações sobre o futebol, sobretudo no que tange a seu caráter estético, como por exemplo, na relação dos espectadores (torcedores) com o espetáculo (jogo).

outros adereços festivos, dependia da atuação dos torcedores organizados, proporcionando um espetáculo que atraía simpatizantes das mais diferentes origens sociais e geracionais (HOLLANDA, 2008, p.186).

Porém, devido à monumentalidade do estádio, a manutenção da ordem se tornou uma preocupação frequente das autoridades públicas. Não era incomum ocorrer algumas brigas e conflitos entre torcedores. Neste sentido, as primeiras torcidas organizadas também assumiriam um importante papel nas arquibancadas do Maracanã, o de disciplinar e ordenar o público espectador da partida. Cada clube possuía uma torcida organizada, responsável por representar e supervisionar a totalidade dos seus torcedores, muitas vezes atuando em parceria com as autoridades de segurança. Assim, de acordo com Hollanda, estes agrupamentos coletivos teriam dupla função: vigiar a conduta do torcedor e coordenar de maneira organizada o incentivo à equipe. (HOLLANDA, 2012, p.92).

Porém, esse modelo de torcida organizada, começaria a ser colocado em xeque no fim dos anos de 1960. Dentro do contexto de rebeldia juvenil da década, que teve como símbolo os movimentos de maio de 1968 em Paris, e no âmbito nacional, de contestação e resistência à ditadura militar, origina-se uma nova cultura de torcida organizada, as denominadas Torcidas Jovens<sup>38</sup>. Estas novas gerações de torcedores rompem com o modelo anterior, instaurando dissidências nos grupos antigos. Uma das principais divergências dizia respeito à discordância que estes novos agrupamentos tinham dos anteriores em relação a protestar diante de resultados e atuações ruins dos seus clubes. De acordo com Hollanda:

A reivindicação de novos métodos de participação nos estádios assim se manifestava. Ao protagonizar à sua maneira o conflito geracional, estes jovens reclamavam o direito ao protesto e à contestação em fases críticas da equipe. Para tanto, invertiam o princípio normativo das torcidas organizadas entre os anos de 1940-60, que prescrevia o apoio incondicional ao clube. O veto à autoridade dos líderes de idade mais avançada repercutia na modificação do ato de torcer. Este ganharia novos significados e tomaria outros rumos, gerados pela cisão na unidade da torcida e em seu princípio unitário constitutivo: um clube, uma torcida, um chefe. (HOLLANDA, 2012, p.110)

Portanto, em nova demarcação territorial, as Torcidas Jovens passam a se posicionar nas arquibancadas localizadas atrás das balizas do gramado, reivindicando o direito de vaiar jogadores, treinadores e dirigentes, buscando exercer maior pressão na política do clube, porém sem deixar de lado a cultura festiva das bandeiras e instrumentos musicais, inclusive ampliando-as, com os famosos “bandeirões”. Exigia-se um papel mais ativo e de liberdade das torcidas organizadas, em contraposição à passividade do modelo anterior, tutelado pelos

---

<sup>38</sup>As quatro principais torcidas jovens do Rio de Janeiro que surgem nesse momento são Torcida Jovem do Flamengo (TJF), Força Jovem do Vasco (FJV), Torcida Jovem do Botafogo (TJB) e Torcida Young Flu (TYF).

seus chefes, pelos dirigentes e pela imprensa. A ruptura é política e comportamental, mas na questão estética, da festividade e carnavalização, existe uma continuidade, ou melhor, um aprofundamento das práticas anteriores. Um indício é o retorno dos concursos que premiavam torcidas nos *Jornal dos Sports*, desta vez com novos e mais elaborados quesitos de disputa, conforme demonstra Hollanda:

A tradição dos grandes concursos entre torcidas volta a ser promovida em 1973 pelo *Jornal dos Sports*, o que evidencia a presença modal deste órgão na propagação dos valores comparativos e concorrenciais mimetizados no espaço das arquibancadas. Em abril de 1973, a preparação para o clássico Botafogo e Flamengo produzia a reportagem: “JS dá prêmio à maior e à melhor torcida”. Nela, o periódico publicava no início da semana o regulamento para a conquista dos três troféus em disputa. O primeiro, a Taça Mário Filho, era destinado ao clube de torcida “mais vibrante”, enquanto o segundo e o terceiro, as Taças *Jornal dos Sports*, iam para a torcida organizada de cada clube que superasse a outra pela vibração. Os critérios para a mensuração do entusiasmo e as normas para a concessão dos prêmios também eram prévia e rigidamente discriminados: 1) “o maior número de maiores bandeiras”; 2) “o maior número de bandeiras normais”; 3) “a maior bandeira presente ao estádio; 4) “o maior número de charangas”; 5) “as charangas mais vibrantes”; 6) “a que mais e por mais tempo incentivar o seu time”; 7) “a maior faixa, tanto esteticamente como com os dizeres mais bem elaborados” (HOLLANDA, 2008, p.269)

Ao longo dos anos de 1970, surgiram, em profusão, diversas torcidas jovens no Rio de Janeiro. Muitas destas torcidas eram formadas por grupos de amigos e vizinhos de uma mesma região, o que acentuaria uma nova característica interessante dessa cultura torcedora, voltada para a recreação e socialização. Para além do vínculo com o clube, o torcedor teria vínculo com a própria torcida. A identidade formada pelos indivíduos, a sensação de acompanhar a uma partida de futebol e comemorar a vitória são desfrutadas de forma mais intensa dentro da própria torcida do que em qualquer outro lugar. (SILVA, 2000 apud HOLLANDA, 2012, p.114)

Figura 12 - Festa das torcidas organizadas do Vasco no Maracanã, década de 1980



Fonte: <http://torcidasdovasco.blogspot.com/2011/02/anos-80-forca-jovem-maracana.html>. Acesso em 21 de setembro de 2021.

Outra parte do estádio do Maracanã marcante para a construção da identidade coletiva de torcedores foi a “geral”. Seus freqüentadores marcaram época ao longo da história, adquirindo uma representação simbólica, espelho do povo brasileiro, destituído de bens, mas que ali encontrava seu lugar, apropriando-se do estádio para fazer sua festa. A geral era o setor mais barato do estádio. Por diversas vezes para acessá-la pagava-se módicos valores, o que permitia praticamente qualquer cidadão conseguir assistir a uma partida de futebol.

O trabalho do antropólogo Roberto da Matta (1979) acerca das manifestações da cultura popular brasileira, como o Carnaval, nos permite realizar algumas aproximações com o comportamento festivo dos torcedores da antiga geral. De acordo com a abordagem de Da Matta, a festa carnavalesca é analisada como período de suspensão da ordem do cotidiano. Durante o momento festivo há o despojamento daquilo que marca as pessoas no dia a dia, como ocupantes de certas posições sociais permanentes. O comportamento cotidiano é temporalmente revirado, há uma parada das atividades regulares e o seu tempo de realização rotineiro é suspenso e invertido. Assim, no espaço da geral do Maracanã, os “geraldinos”, marginalizados socialmente e economicamente na sociedade, tornavam-se protagonistas do espetáculo promovido no estádio.

A invenção do termo “geraldino” é atribuída ao jornalista Washington Rodrigues, conhecido como Apolinho<sup>39</sup>, que durante décadas escreveu uma coluna no histórico *Jornal dos Sports* intitulada *Arquibaldos&Geraldinos*. Sobre os tradicionais torcedores da geral, o radialista afirma:

O geraldino era um ser totalmente diferente e especial, acho que veio até de outro planeta..Ele fazia parte da história, da cultura do futebol brasileiro, e da história do Maracanã, porque aquilo só acontecia daquela maneira no Maracanã, em outro estádio não havia isso (Washington Rodrigues, o Apolinho)<sup>40</sup>

As palavras de Apolinho dão o tom da originalidade destes torcedores. Ele é categórico ao dizer que o “geraldino” é diferente de qualquer outro torcedor e está marcado na história do Maracanã e do futebol brasileiro, ressaltando também a singularidade do estádio

<sup>39</sup>Repórter de campo e posteriormente comentarista esportivo nas rádios Globo e Tupi. Na década de 1990 chegou a ser treinador e diretor de futebol do Flamengo.

<sup>40</sup>GLOBO ESPORTE. 10 anos após fim da Geral do Maraca geraldinos ainda frequentam o estádio. Globo Esporte [online]. 21 jun. 2016 Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/2015/06/10-anos-apos-fim-da-geral-do-maraca-geraldinos-ainda-frequentam-o-estadio.html>. Acesso em 10 de agosto de 2021.



para a constituição da forma “geraldina” de torcer. O jornalista Mauro Cezar Pereira, ex-frequenter da geral do Maracanã, em texto publicado em seu blog no site da emissora ESPN, nos traz algumas considerações importantes para compreendermos o imaginário do geraldino e sua relação com o espaço da geral no estádio:

Fui geraldino. Ficávamos de pé, mas víamos a todos de perto, do craque ao perna-de-pau. Pegávamos chuva e sol, mas tínhamos a chance de vibrar com os nossos ídolos, correndo em direção a eles, fosse para comemorar ou para xingar. Na geral eu gostava de ficar na direção da bandeira de escanteio. Sempre acompanhando o ataque. Quando havia perspectiva de goleada, costumava buscar uma posição atrás do gol adversário. Quem queria ver o outro lado do campo? Frequentei a geral e afirmo: em nenhum outro setor de um estádio se comemorava gol como ali, onde o torcedor corria feito louco. Para qualquer lado ou ao encontro do artilheiro, ficando a metros do autor do gol, celebrando juntos. [...] A geral nos permitia estar no Maracanã. Fosse estudante com grana curta, assalariado de orçamento apertado, ou desempregado. Todos tínhamos a chance de ir ao futebol. [...] O Maracanã contemplava todas as classes sociais. De camarotes e cadeiras especiais, onde ficavam os mais abastados, às azuis. [...] A geral tinha vida própria e ali reinaram alguns dos mais divertidos e autênticos personagens da torcida carioca e brasileira. Foram 55 anos entre 1950 e 2005, quase seis décadas com tantas histórias de amor pelo futebol.<sup>41</sup>

No que se refere aos estádios como espaços de forte representação e simbolismo para seus torcedores, o sociólogo britânico Richard Giulianotti nos mostra que alguns estudiosos utilizaram o conceito de topofilia para analisar a questão. O conceito foi formulado pelo geógrafo Yu-Fu Tuan (2012), para avaliar as ligações afetivas dos seres humanos com o meio ambiente material, e utilizado para abordar os estádios de futebol pelo pesquisador inglês John Bale (1994). No sentido proposto por Bale, os estádios são entendidos como espaços topofílicos para os torcedores, pois proporcionam experiências únicas, caracterizando um sentido de lar, território onde se sentem bem e constroem afetos, estabelecendo uma relação identitária e de afetiva com o lugar. (GIULIANOTTI, 2002, p.96)

Assim, é possível afirmar que os torcedores que frequentavam a geral construíam sentimentos de topofilia naquele espaço. A liberdade para se comemorar um gol, a mudança de posição com o objetivo de acompanhar a jogada ofensiva de seu time, a proximidade dos jogadores, eram fatores significativos na relação do torcedor com a geral. As adversidades existiam, mas eram ignoradas, ficavam em segundo plano, pois as sensações positivas eram maiores. De acordo com Simas (2018) a geral era “perversa”. Não permitia assistir o jogo com boa visibilidade. Os torcedores eram obrigados a ficar em pé o tempo inteiro e, além disso, corria-se “o risco permanente de ser encharcado pela chuva e alvejado por líquidos suspeitos e outros objetos que vinham de cima.” No entanto, apesar de tudo isso, ele destaca em sua crônica que a geral representava a “possibilidade de invenção de afetos e

<sup>41</sup>PEREIRA, Mauro Cezar. Geraldinos. ESPN. 28 abril. 2016. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/594674\\_geraldinos](http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/594674_geraldinos)>. Acesso em: 10 de agosto de 2021

sociabilidades dentro do que havia de mais precário”, pois era “a fresta pela qual a festa do jogo se potencializava da forma mais vigorosa: como catarse, espírito criativo, performance dramática e sociabilização no perrengue.”

Figura 13 - Torcedores do Flamengo comemoram gol de Zico na geral do Maracanã



Disponível em: <http://ge.globo.com/rj/blogs/especial-blog/torcedor-do-flamengo/post/quando-o-maracana-era-do-povo.html>. Acesso em 21 de setembro de 2021.

Após dez anos do fechamento da geral, no ano de 2015, o programa *Esporte Espetacular*, da TV Globo, produziu uma reportagem com alguns dos tradicionais geraldinos<sup>42</sup>. As falas destes torcedores nos permitem compreender um pouco da dimensão identitária e topofílica que aquele espaço representava:

“Tinha gente que queria me levar até pras cadeiras (...) num tem esse negócio de cadeira cativa? Mas não, eu quero lá (...) eu quero lá, o povo! A farra toda era lá. Tomei amor àquele chão (se referindo à geral do Maracanã)” (Maria de Lourdes da Silva, a Vovó Tricolor, torcedora do Fluminense)

“O torcedor da geral do Maracanã, ele se sente. Se sente dono do time, se sente o treinador do time, sente que manda no jogador, ele até se sente que é árbitro. (Aristides Telles, o alvinegro da cartola, torcedor do Botafogo.)

Portanto, cada um ao seu modo, seja na afetividade construída em relação ao lugar ou na forma de entender e participar do jogo, os geraldinos faziam da geral seu espaço, construtor de identidades e significados, formador da cultura carioca e do futebol brasileiro.

Por fim, mais uma vez recorremos às reflexões de Simas (2018), que afirmou ter sido o Maracanã, ao lado das praias, a encarnação do “mito do convívio cordial”, permitindo duas coisas que amenizavam as injustiças na cidade: a crença em um modelo de coesão, em que as

<sup>42</sup> GLOBO ESPORTE. Op cit.

diferenças poderiam se evidenciar no espaço, mas se diluíam no imaginário de amor pelo futebol e a possibilidade de inventar sociabilidades e afetos no estádio (SIMAS, 2018). Porém, essa situação se modificou bastante, com a remodelação do estádio a partir dos anos 2000, sobretudo com as reformas de 2007 - que pôs fim ao setor da geral - e a completa reconfiguração de seu espaço interno em 2013 – visando à realização da Copa do Mundo e dos Jogos Olímpicos. Os impactos nestas culturas torcedoras – da arquibancada e da geral - que se originaram ao longo do tempo no Maracanã foram bastante perceptíveis. Analisaremos este processo nos próximos capítulos do nosso trabalho.

### 3 “PRIMEIRO TEMPO”: MEGAEVENTOS, NEOLIBERALISMO E A METAMORFOSE DO FUTEBOL

#### 3.1 Rio de Janeiro: a cidade-espetáculo na rota dos megaeventos

Não é possível entender as mudanças que ocorreram no estádio do Maracanã nas últimas duas décadas sem a devida reflexão sobre a transformação do Rio de Janeiro em uma “cidade-espetáculo”, inserida na lógica urbana neoliberal, típica do capitalismo contemporâneo. De acordo com Fernanda Sánchez

A aspiração de colocar a cidade no novo mapa do mundo é perseguida por hábeis gestores do city marketing que fabricam também uma nova cidadania, um novo modo de ser e viver na cidade. É o que chamamos de cidade-espetáculo (SANCHEZ, 1999, p.26)

Conforme aponta Ermínia Maricato (2014, p.19) a emergência da globalização neoliberal, a partir de meados da década de 1970, impactou profundamente as cidades, em especial as que se localizam na periferia do capitalismo, onde os direitos sociais nunca foram plenos. De acordo com a autora, este contexto significou a substituição do ideal urbano modernista, inclusivo, por um novo modelo urbano, neoliberal, pautado na desregulamentação, elitização e privatização de espaços públicos, com o objetivo de realizar a abertura para o fluxo de capitais imobiliário, de infraestrutura e de serviços. Nas palavras de David Harvey (2005), no plano da gestão urbana, este processo representou uma mudança de paradigma, com a passagem do administrativismo para o empreendedorismo urbano.

Esse novo modelo ganhou força nos anos de 1980, inicialmente nos países centrais do capitalismo. Surgiram inúmeras reformas que apresentaram como principais características a construção de grandes equipamentos culturais (museus, estádios, parques), marcos arquitetônicos “que aquecem o mercado imobiliário e da construção civil, dão lustre ‘moderno’ à figura do governante, dinamizam o turismo e revigoram o chamado ‘marketing da cidade’, gerando uma imagem positiva, capaz de atrair quantidade considerável de capitais (FERREIRA, 2014, p.8). Na década de 1990 esse modelo de espalhou pelo mundo com extremo sucesso, levando diversos especialistas (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2000) a apontarem a existência de um “pensamento único nas cidades”. Desta forma, multiplicaram-se transformações urbanas, com grandes obras, financiadas com recursos públicos e sob a justificativa de que são necessárias para a inserção da cidade na nova competitividade global.

No entanto, era necessário legitimar esse novo modelo de planejamento urbano de forma ainda mais profunda, buscando construir consensos e minimizar possíveis críticas. Neste sentido:

Percebeu-se então que grandes eventos, sobretudo os esportivos, que movem paixões nacionais, tinham a grande “qualidade” de serem popularmente aceitos. A ideia era associar esses eventos às obras de requalificação urbana desejadas. Assim, ao redor de um grande estádio, de um pavilhão de exposições, começaram a ser erguidos centros de negócios, bairros de alto padrão etc. Operações casadas em que governantes e investidores saíam ganhando, com a vantagem do apoio popular. A Copa do Mundo da Fifa e os Jogos Olímpicos do COI, os megaeventos mais importantes nesse cardápio, passaram a ser disputados ferozmente pelas cidades do mundo. [...] a Fifa e o COI perceberam o poder que tinham nas mãos. Governantes passaram a tratá-los como fontes milagrosas de capitais. Quem obtivesse o direito de sediar seus eventos teria uma justificativa de inquestionável popularidade para dispor de rios de dinheiro público em nome da “modernização” da cidade, alavancando negócios milionários para o setor privado. Porém, necessidades legitimamente urbanísticas e, em geral, mais urgentes eram passadas para trás. (FERREIRA, 2014, p.9)

Mas o que são os megaeventos? Como destaca Mascarenhas (2014, p.212) os grandes eventos esportivos contemporâneos “se definem por um conjunto de competições periódicas, geralmente quadrienais, que vêm apresentando há décadas crescimento constante e elevada capacidade de impactar as cidades em que são realizados”. Assim, um megaevento apresenta oportunidade única para se colocar em prática um novo modelo de planejamento urbano, pautado na lógica do capitalismo neoliberal. Verifica-se nos países-sede, um conjunto de obras desenvolvidas em razão da exigência da entidade organizadora, em aliança com os governos locais, privilegiando ramos empresariais como o da construção civil e o setor imobiliário. De acordo com Ermínia Maricato:

Revitalização, reabilitação, revalorização, requalificação, reforma, não importa o nome dado ao processo que reúne capitais internacionais “especializados” no urbanismo do espetáculo e que utiliza como álibi megaeventos esportivos, culturais ou tecnológicos: com frequência, são as mesmas instituições financeiras, as mesmas megaconstrutoras e incorporadoras e os mesmos arquitetos do star system que promovem um arrastão empresarial a fim de garantir certas características a um pedaço da cidade que se assemelha, no mais das vezes, a um parque temático. (MARICATO, 2014, p.17)

Importante salientar que estes projetos de renovação urbana não ocorrem exclusivamente em função dos megaeventos, pois se trata de uma estratégia típica da globalização neoliberal, onde as cidades ocupam papel importante no processo de acumulação capitalista. Porém, os megaeventos atuam de forma a potencializar essa tendência, funcionando como um álibi para as intervenções do “urbanismo do espetáculo” (MARICATO, 2014, p.17-18).

Como destacam Oliveira e Vainer (2014, p.98) os megaeventos possuem uma carga simbólica que viabiliza o “patriotismo cívico para sua sustentação”, devido à capacidade de mobilizar elementos universalistas inquestionáveis ao senso comum como a “união entre os povos” e a “celebração esportiva”. Neste sentido, qualquer crítica é colocada como inaceitável, um obstáculo a realização dos eventos, contribuindo para a formação do consenso e do regime de urgência com que as reformas são tocadas.

Foi em Barcelona, sede dos Jogos Olímpicos de 1992, que essa fórmula foi inaugurada com sucesso, tornando-se uma receita a ser seguida mundialmente. Neste contexto surgiram as propostas dos “planos estratégicos”, que se ajustaram perfeitamente ao ideário neoliberal vigente, com a função de adequar as cidades à nova competitividade global, transformando-as em “máquinas urbanas de produzir renda”. Para tanto, as cidades devem ser dotadas de serviços e equipamentos exigidos na competição global: hotéis cinco estrelas, centro de convenções, aeroportos internacionais, etc, a fim de demonstrar competência e capacidade (MARICATO, 2014, p.19-20)

No caso do Rio de Janeiro, o marco inicial desse novo modelo de planejamento urbano é o ano de 1993, com o lançamento, durante a gestão municipal de César Maia, do primeiro Plano Estratégico da Cidade (PECRJ), conceito trazido pelo então secretário de urbanismo Luís Paulo Conde, que viria a ser prefeito da cidade entre 1997 e 2001. Intitulado “Rio Sempre Rio”, o projeto possuía como principal objetivo o reposicionamento da cidade em termos globais, a fim de angariar investimentos. Assim, o PECRJ iniciou a adoção do marketing urbano como estratégia de projeção internacional da cidade, ou, “em outras palavras, tratava-se de construir uma nova capitalidade para aquela que já havia sido capital do Império e da República” (RODRIGUES e OAKIM, 2015, p.51).

A candidatura do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2004, lançada no ano de 1996, foi um dos primeiros e principais esforços neste sentido<sup>43</sup>. Na ocasião, anunciou-se a intenção, por parte do governo estadual, de reformar e privatizar o estádio do Maracanã, que seria palco da competição. Dentre as mudanças postuladas estavam a demolição do complexo esportivo (estádio Célio de Barros e Parque Júlio Delamare) para a construção de um estacionamento e shopping Center, além de transformar o espaço da geral em um

---

<sup>43</sup> A busca pela projeção internacional da cidade ficava clara nas estratégias de campanha da candidatura Rio 2004. Por exemplo, foi gravado um clipe oficial com participação de mais 80 artistas, cantando a música *Aquele Abraço*, de Gilberto Gil, enfatizando as belezas naturais e o potencial turístico da cidade.

velódromo. No entanto, a reação da sociedade civil e a derrota da candidatura olímpica, no ano de 1997, fizeram a idéia perder força e não ir à frente naquele momento<sup>44</sup>.

O primeiro triunfo seria obtido no ano de 2002, com a conquista do direito da cidade sediar os Jogos Pan-Americanos de 2007. Este, que é considerado o primeiro megaevento esportivo carioca do século XXI, incorporou desde o princípio a lógica elitista, concentrando eventos e realizando a maioria das intervenções em áreas nobres, de interesse do capital imobiliário, como a Barra da Tijuca, visando oferecer ao mundo uma “imagem urbana supostamente civilizada e moderna” (SANCHEZ, 2014, p.48). Por exemplo, a principal instalação esportiva edificada na ocasião, fora das áreas da cidade consideradas nobres, foi o estádio conhecido como “Engenhão”, na zona norte. No entanto, não incorporou nenhum grande melhoramento urbano ao bairro do Engenho de Dentro.

A própria intervenção realizada no estádio do Maracanã para o Pan de 2007, que analisaremos com mais profundidade no capítulo posterior, foi também voltada para a imagem externa: a substituição da geral por cadeiras, adequando assim o estádio aos padrões internacionais da FIFA. Em suma, o “legado” principal do Pan-Americano de 2007 foi, mais do que qualquer coisa, a construção da ideia de sucesso sobre sua realização, possibilitando acúmulo de capital simbólico para pavimentar as articulações em direção aos próximos megaeventos que a cidade viria sediar (*ibidem*, p.49).

O Rio de Janeiro tentaria outras duas vezes sediar os Jogos Olímpicos, se candidatando às edições de 2012 e 2016, e obtendo resultado favorável nesta última. Além disso, foi também escolhido como uma das sedes da Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, sendo o Maracanã o palco da grande final da competição. Os preparativos para a organização das respectivas competições se deram durante a gestão municipal de Eduardo Paes, que tinha no governo estadual seu aliado Sérgio Cabral, ambos do mesmo partido, o PMDB<sup>45</sup>.

No ano de 2013, em seu segundo mandato, Paes apresentou o novo plano estratégico para a cidade, nomeado “Pós-2016: O Rio mais integrado e competitivo”. Sua gestão à frente da cidade representou a continuidade do processo iniciado em 1993, com a busca pela projeção internacional do Rio de Janeiro (RODRIGUES e OAKIM, 2015). Dentre as principais transformações urbanas realizadas neste período destacam-se a revitalização da

---

<sup>44</sup> Maracanã: outras tentativas de concessão fracassaram, afirma especialista. Jornal do Brasil. 23 out. 2012. Disponível em: <https://www.jb.com.br/esportes/noticias/2012/10/23/maracana-outras-tentativas-de-concessao-fracassaram-afirma-especialista.html>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

<sup>45</sup> Além disso, Eduardo Paes havia sido secretário de turismo, esporte e lazer do governo Sérgio Cabral, entre 2007 e 2008, antes de ser eleito prefeito da cidade.

zona portuária – o projeto Porto Maravilha – e as obras de modernização do estádio do Maracanã, que acarretaram profunda reconfiguração de seus aspectos originais, como veremos no próximo capítulo.

Por fim, cabe destacar que o “momento Rio”, ou seja, a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 e da Copa do Mundo de 2014 na cidade do Rio de Janeiro foram o “desenlace de um processo ao longo do qual, em duas décadas, vem se afirmando uma concepção de cidade que indica a profunda influência que o pensamento neoliberal teve sobre as políticas urbanas” (SÁNCHEZ, 2014, p.51).

As características principais deste projeto, que permite enquadrar o caso do Rio de Janeiro dentro desta perspectiva, são: parcerias público-privadas, competição interurbana, marketing de cidade, gestão empresarial, criação de estruturas institucionais de caráter excepcional, flexibilização de leis, etc. A maneira pela qual o projeto se impôs, demonstrou ainda a conformação de uma coalizão de poder político e econômico local, com a participação de atores, empresas e instituições externas, porém, com interesses localizados. (*ibidem*)

### 3.2 Neoliberalismo, megaeventos e futebol empresa

Conforme aponta Giulianotti (2002, p.12), "os aspectos do futebol somente passam a ser significativos quando colocados em seu contexto histórico e cultural. O futebol não é dependente nem sequer isolado das influências do meio mais amplo: existe uma relativa autonomia na relação entre os dois". Diferentemente do jornalismo esportivo, onde os eventos do jogo são o cerne da questão, nos estudos acadêmicos sobre o futebol nas ciências humanas os fatos e personagens envolvidos no esporte não são objetos de análise em si mesmos, mas sim indícios de fenômenos maiores e mais complexos (FRANCO JR, 2014, p.366). Desta maneira, o futebol, assim como outros aspectos da sociedade, deve ser pensado dialeticamente, na relação entre ele próprio e o cenário mais amplo em que está inserido, levando em conta questões políticas, sociais, culturais e econômicas.

Autores como Proni (2000), Cruz (2005), Haag (2013) e Santos (2017), apontam que a passagem da década de 1970 para 1980 é o marco para se pensar a entrada do futebol no mundo dos negócios e da indústria do entretenimento. Este processo deve ser compreendido a partir de dois âmbitos: o geral, que diz respeito às modificações do capitalismo, onde se destaca a emergência do neoliberalismo e sua capacidade de expandir a lógica de mercado a coisas e objetos que até então não eram mercantilizadas; e o particular, que se refere às ações internas do próprio do futebol, com as inovações e métodos de administração empresarial do



esporte. Assim, o particular e o geral interagem dialeticamente, provocando profundas alterações no mundo futebolístico.

Nesta parte do trabalho, buscaremos analisar o contexto mais amplo da economia política mundial nas últimas décadas do século XX, período de ascensão do neoliberalismo, de modo a compreender melhor seus reflexos no mundo esportivo, construindo cenário propício para as transformações empreendidas nos clubes e estádios.

David Harvey (2008, p.13) aponta que, para além de uma política-econômica colocada em prática a partir da década de 1970, visando à reestruturação do capitalismo e a retomada dos lucros por parte da classe dominante, o neoliberalismo deve ser compreendido como uma “modalidade de discurso”, presente em quase todos os espaços, passando a afetar amplamente os modos de pensar e agir das pessoas no mundo. De acordo com o autor, o processo de neoliberalização impactou profundamente diversas áreas da vida humana, provocando uma “destruição criativa”, enquadrando muitas das ações humanas dentro da lógica do mercado, substituindo princípios e crenças existentes, onde o valor de troca se sobrepõe ao valor de uso.

A mercadificação presume a existência de direitos de propriedades sobre processos, coisas e relações sociais, supõe que se pode atribuir um preço a eles e negociá-los nos termos de um contrato legal. Há aí um pressuposto de que o mercado funciona como um guia apropriado – uma ética – para todas as ações humanas. [...] A mercadificação da sexualidade, da cultura, da história, da tradição; da natureza como espetáculo ou como remédio; a extração de renda monopolista da originalidade, a autenticidade e da peculiaridade (de obras de arte, por exemplo) – todas essas coisas equivalem a atribuir um preço a coisas que na verdade jamais foram produzidas como mercadorias. (HARVEY, 2008, p.178-179)

Complementando esta visão, Pierre Dardot e Christian Laval consideram o neoliberalismo “como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (2016, p.17). Os autores apresentam o neoliberalismo como a “nova razão do mundo”, em outras palavras, “um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida” (ibidem). Neste sentido, uma das características mais marcantes do neoliberalismo é abrir à acumulação do capital novos campos, até então considerados fora do alcance da lucratividade (HARVEY, 2008, p.172-173). Dentro deste contexto podemos então situar o futebol, e analisar as mudanças implementadas nas últimas décadas do século XX, que deram origem a chamada “nova economia do futebol” (CRUZ, 2005).

Em primeiro lugar, devemos compreender o papel da FIFA, sendo a entidade internacional que comanda o futebol a maior estimuladora das transformações econômicas das

últimas décadas. O marco inicial deste processo é a chegada do brasileiro João Havelange a presidência da entidade, no ano de 1974, anunciando que iria “vender o produto chamado futebol” (GALEANO, 2009, p.143). Neste sentido, a Copa do Mundo, maior torneio de futebol realizado no planeta, assume papel primordial em sua administração

Desde 1974, quando o brasileiro João Havelange assumiu a presidência da FIFA, tal entidade iniciou um processo de profunda reestruturação na economia e gestão do futebol mundial, implantando padrões gerenciais que culminaram no quadro atual: a competição movimentou cifras colossais e exige dos países-sede elevado investimento em estádios, sem o devido compromisso com sua sustentabilidade futura. Após o megaevento, o equipamento permanece na paisagem e nas contas governamentais, a despeito do desencontro com as necessidades locais, condenado à exposição pública, símbolo da irresponsabilidade fiscal. (MASCARENHAS, 2014, p.216)

Dentre as principais medidas implementadas a partir da chegada de Havelange ao cargo máximo da FIFA, podemos destacar duas, que refletem a busca por novos mercados para o produto futebol. Primeiro, o aumento progressivo de seleções nacionais a participarem da Copa do Mundo, ampliando o número de vagas para o continente africano e o asiático, principalmente. Além disso, destaca-se também a rotatividade de países-sede da competição, principalmente com a escolha de nações de limitada tradição futebolística, ou de economias emergentes. Como não dispunha de recursos próprios para a escalada comercial, a entidade máxima do futebol se associou com patrocinadores, empresas multinacionais como Coca-Cola e Adidas, firmando contratos milionários. (CRUZ, 2005, p.77-78).

Assim, o futebol foi se transformando em um excelente produto a ser explorado, tornando-se um valioso veículo de publicidade, gerando interesse das grandes redes de televisão. Desde a Copa do Mundo de 1990 observa-se um crescimento exorbitante nos valores pagos pelos direitos de transmissão da competição (PRONI, 2000, p.48). Os balanços financeiros apresentados pela FIFA nos últimos anos demonstram o quão milionário – ou bilionário – se tornou o produto futebol. Para se ter uma idéia, no ano de 2009, pela primeira vez a entidade apresentou uma receita bruta acima de U\$ 1 bilhão. Em 2015, em balanço relativo ao quadriênio de 2011-2015, a soma das receitas chegou ao número de U\$ 5,7 bi, apresentando um lucro na casa dos U\$ 338 milhões, incrementando as reservas totais da entidade, que circulam na casa dos U\$ 1.5 bilhões (SCHERER, 2017, p.46-47)

É neste contexto que a Copa do Mundo FIFA ganha a conotação de “megaevento” esportivo, com a busca pela reprodução dos recursos econômicos da entidade a partir de sua principal competição, com estratégias de marketing e comercialização dos direitos de transmissão dos jogos pela TV. Mas não só a entidade sai ganhando com isso. Como sugere Matias Scherer (2017, p.47), é possível também entender a FIFA como “personificação do

capital para a reprodução da mercadoria”, ou seja, as grandes empresas capitalistas, patrocinadoras dos eventos, também encontram no esporte uma forma de se legitimar e camuflar, ampliando capital.

De acordo com Proni (2000, p.49), a mudança na direção da FIFA “sinalizou o começo de uma nova fase na estrutura de financiamento e comercialização do futebol mundial”. Nas palavras do autor, tem início a era do “futebol-empresa”, onde o esporte transforma-se em uma atividade complexa, guiada pela lógica de mercado, convertendo-se em uma grande oportunidade de se auferir lucros.

No âmbito do futebol de clubes e de federações nacionais e continentais, também verificamos um processo de mercantilização a partir da década de 1980, em razão da adoção das estratégias do futebol-empresa. Um primeiro exemplo mais concreto foi o processo de privatização dos clubes italianos, convertidos em empresas comerciais após um período de grave crise financeira, passando a pertencerem a grupos econômicos privados. Outro fato significativo que também ocorreu na Itália foi a liberação da publicidade estampada nos uniformes, despertando interesse de muitas empresas exporem suas marcas, em um esporte com cada vez mais visibilidade na mídia. (PRONI, 2000, p.50).

No entanto, o modelo mais refinado de empresarização do futebol ocorre onde o mesmo “nasceu” enquanto esporte: na Inglaterra. A gestão empresarial, aliada ao pesado investimento das emissoras de TV, trouxe significativas mudanças para os clubes ingleses e seus estádios (CRUZ, 2005, p.78). Ao fim da década de 1980, no Reino Unido, alguns dos principais clubes já conseguiam ganhar mais dinheiro com atividades extra-campo do que com a renda da bilheteria, tendo como principal fonte de renda patrocínios de empresas ou a venda de produtos (GIULIANOTTI, 2002, p.118).

Porém, o futebol inglês convivia com problemas de violência oriundos do *hooliganismo*. Neste contexto, a tragédia de Hillsborough, ocorrida em 1989, é fundamental para compreendermos as transformações ocorridas. Em uma partida entre Liverpool e Nottingham Forest, disputada no estádio do Sheffield, 96 torcedores morreram esmagados e sufocados, após confusão que se instaurou em decorrência da superlotação. Em razão do trágico acontecimento, o governo neoliberal da primeira-ministra Margareth Thatcher buscou criminalizar os torcedores e produziu o Relatório Taylor, que investigou as causas da tragédia e estabeleceu novas diretrizes para os estádios ingleses, operando profundas alterações arquitetônicas e de comportamento.

No entanto, conforme aponta Santos (2017, p.90), o *hooliganismo* não foi o verdadeiro culpado, sendo utilizado como pretexto para aprofundar a mercantilização do futebol inglês.

Mais de duas décadas depois, graças ao movimento de luta por justiça feito pelos familiares das vítimas, o Estado inglês e a Football Association admitiram erros e responsabilidade na condução da tragédia, como por exemplo, o despreparo das forças de segurança, que reprimiram os torcedores que pulavam para o campo para escaparem de serem imprensados nas grades<sup>46</sup>.

O fato é que a obrigatoriedade de adequar os estádios às normas do Relatório Taylor impôs aos clubes da Inglaterra a necessidade de se reestruturar financeiramente. Boa parte abriu seu capital, buscando investidores de todo tipo, dando início ao aprofundamento da empresarização e privatização dos clubes ingleses (SANTOS, 2017, p.91). Na busca pela adequação às demandas da nova economia do futebol, os estádios ingleses foram, em sua maioria, completamente descaracterizados. Nas reformas, construíram-se restaurantes, espaços comerciais, museus e, principalmente, camarotes executivos (figura 14) com o objetivo de atrair possíveis patrocinadores e um novo perfil de público frequentador, conforme aponta Cruz:

As mudanças operadas na configuração dos estádios britânicos tiveram consequências profundas na “etnologia social” do futebol. A proibição das populares *terraces*, as gerais do futebol britânico e sua substituição por arquibancadas com assentos teve como efeito o afastamento de uma grande parcela de torcedores que não possui meios de arcar com ingressos mais caros que lhes deem o direito de acessar os setores remodelados dos estádios. Estas mudanças apontavam para o desejo dos clubes em buscar um novo tipo de torcedor, ou por outra, espectador, capaz de arcar com os preços das novas arquibancadas e camarotes executivos. (CRUZ, 2005, p.83)

Figura 14 - Camarote executivo dentro do Emirates Stadium, atual estádio do Arsenal de Londres



<sup>46</sup> Tragédia de Hillsborough faz 30 anos. Relembra os erros, as mudanças e a busca por justiça. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/tragedia-de-hillsborough-faz-30-anos-relembra-os-erros-as-mudancas-e-a-busca-por-justica.ghtml>. Acesso em: 25 de abril de 2021.

Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/140667188338689576/>. Acessado em: 25 de abril de 2021.

No Brasil, os esforços para implementação do futebol-empresa datam de meados dos anos de 1980. De acordo com Proni (2000, p.149), esta década foi marcada pela mais séria crise do futebol brasileiro, com os clubes e federações afundados em dívidas, a diminuição do público nos estádios e o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior. Assim, cresciam os discursos de que o futebol brasileiro precisava se modernizar, baseado no modelo empresarial desenvolvido na Europa. Neste período, algumas medidas foram tomadas, no intuito de permitir os clubes ampliarem suas fontes de receita, sendo as principais delas a permissão de publicidade nos uniformes, em 1983, e a assinatura do contrato de transmissão do Campeonato Brasileiro de 1987 – mais conhecido como Copa União - com a Rede Globo de Televisão, que aumentou consideravelmente as receitas dos principais clubes do país, que se associaram através do Clube dos 13. (PRONI, 2000. p.161).

Na década de 1990, auge do neoliberalismo no Brasil, com os governos Collor e Fernando Henrique Cardoso (COSTA, 2000), tivemos a atuação do Estado, formulando novas legislações esportivas - Lei Zico 1993 e Lei Pelé 1998 - com o objetivo de introduzir a mentalidade empresarial nos clubes, inspirados no modelo europeu, no intuito de adequar o futebol brasileiro à lógica do mercado (PRONI, 2000). Uma das principais mudanças era a conversão obrigatória dos clubes em empresas, que, no entanto, após intensa disputa travada na Câmara dos Deputados durante a tramitação da legislação, acabou tornando-se facultativa. Porém, como aponta Proni (2007, p.33), o conceito vigente de futebol-empresa independe da natureza jurídica dos clubes – ou seja, se são empresas ou associações esportivas -, o que importa é como cada um explora sua marca, diversifica as receitas e aproveita as oportunidades do mercado.

Neste sentido, é emblemática a entrevista concedida por Marco Aurélio Klein, à época consultor de marketing esportivo, mas que posteriormente, a partir dos anos 2000, viria a ocupar importantes cargos no Ministério do Esporte:

Preço de ingresso é questão de foco. De público-alvo. Nossos ingressos são caros para quem não prioriza conforto e muito baratos para os que não se dispõem a frequentar instalações desconfortáveis, sujas e inseguras [...]Preços compatíveis com o poder de compra do mercado-alvo. Com planejamento e muita organização, os clubes brasileiros serão tão competentes fora do campo como já o são com a bola rolando (KLEIN, 1998 apud PRONI, 2000, p.225)

Assim, a transformação do futebol brasileiro em um negócio rentável permanece em pauta desde então. Como argumenta Cruz (2005, p.90), a empresarização do futebol é uma

imposição do mercado, da chamada “nova economia do futebol”, e não de uma legislação específica. Mesmo sem a conversão da maior parte dos clubes brasileiros em empresas comerciais, o nosso futebol vem, nas últimas três décadas, cada vez mais consolidando uma mentalidade empresarial. Os torcedores passaram a ser tratados como consumidores, o jogo transformou-se também em um evento comercial, e os estádios necessitaram ser remodelados para atrair os “novos clientes”, estando no centro das estratégias que busquem aprofundar a lucratividade do futebol.

### **3.3 Do Torcedor ao Consumidor, do Estádio à Arena**

A adoção do modelo de futebol-empresa, a nível mundial, trouxe uma série de mudanças para o esporte mais popular do planeta. Para além das transformações na composição das receitas e na administração das entidades esportivas, implicou em uma profunda alteração na relação entre os torcedores e seus clubes, refletindo também na concepção e forma dos estádios, agora pensados a partir das exigências do mercado. São estes os impactos que mais nos interessam em nosso trabalho.

De acordo com Proni (2000, p.65), a grande virada do futebol-empresa ocorreu na década de 1990, quando se instaurou definitivamente a tendência de que o público dos estádios deveria ser tratado como consumidores de um evento, estabelecendo relação custo-benefício do preço do ingresso, com o conforto e a segurança. Desta forma, o estádio é tido como uma importante ferramenta de rentabilidade, tornando-se um ambiente propício ao consumo, onde importa mais a capacidade que o público frequentador tem de consumir, do que de torcer e participar festivamente.

Analisando este contexto, Richard Giulianotti (2002, p.113) afirma que uma característica do futebol a partir deste período, que ele classifica como “pós-moderno”, é a transformação do ambiente dos estádios em grandes áreas de compras. Desta forma, a experiência torcedora nos campos de futebol passou a não se relacionar mais unicamente com os aspectos simbólicos inerentes ao esporte, pois “antes dos jogos ou no intervalo, o espectador não passeia mais apenas para observar o resto dos torcedores; em vez disso, ele ou ela torna-se um consumidor que sai para olhar vitrines, analisando os produtos do clube”. Assim, a qualidade das instalações esportivas é julgada não em comparação a outros espaços públicos, mas sim de acordo com o espaço de consumo - como shoppings centers, por exemplo - diante da oferta que proporciona aos torcedores-consumidores. Se pensarmos o futebol inserido em um contexto mais amplo, todo este processo vincula-se, em última

instância, as especificidades do capitalismo contemporâneo, nomeado por Fredric Jameson (2006) de “capitalismo tardio”, que de acordo com o autor, opera a partir da lógica cultural do consumo, produzindo necessidades e estimulando o consumismo.

Este processo de empresarização do futebol, do qual tratamos, fez emergir um novo modelo de estádio, mais apropriado aos interesses e estratégias mercadológicas do futebol contemporâneo. É neste sentido que surgem as chamadas “arenas”, inspiradas nos modelos dos estádios ingleses construídos após a tragédia de Hillsborough, que mencionamos anteriormente. Não tardou para a principal entidade do futebol mundial, a FIFA, adotar este modelo - que se convencionou chamar de “Padrão FIFA”- como requisito básico para a realização das principais competições internacionais, sob o pretexto de estabelecer um ambiente mais seguro e confortável para o futebol. Um importante documento que contribui para explicitar as características das novas arenas é o guia editado pela própria entidade, intitulado “Estádios de Futebol: Recomendações e Requisitos Técnicos” (FIFA, 2011), que define as diretrizes de como devem ser construídos os estádios que visem abrigar partidas das Copas do Mundo e demais competições organizadas pela instituição.

Porém, se seguirmos a sugestão de Walter Benjamin e “escovarmos a história à contrapelo” (LOWY, 2005, p.70), perceberemos que as reformas ou edificações destas novas arenas modernas, guiadas pelo modelo da FIFA, guardam também outras intenções, para além do discurso da modernização, do conforto e da segurança. Em um dos trechos do documento citado, uma das decisões estratégicas estipuladas durante a fase de pré-construção ou reforma de uma arena, versa sobre ter “conhecimento do mercado”, no que tange ao público espectador, pois “atrair VIPs ou consumidores que estejam dispostos a pagar muito mais que o preço regular dos ingressos é essencial para o sucesso financeiro do estádio moderno.” (FIFA, 2011, p.31). Além disso, o documento determina uma série de proibições em relação às manifestações coletivas e individuais dos torcedores no estádio, como por exemplo, a limitação do tamanho das bandeiras e o impedimento de assistir aos jogos em pé. É explícito também ao enfatizar que os lugares mais caros, para os “VIPs”, devem ficar localizados no centro do campo.

Todos os espectadores devem ficar sentados. Os assentos devem ser individuais e fixados à estrutura, confortáveis e com encostos com altura mínima de 30 cm para fornecer apoio. [...] Os encostos também ajudam a prevenir o avanço altamente perigoso dos espectadores que frequentemente ocorria nas velhas arquibancadas quando um gol era marcado, e que ainda acontece em alguns estádios com assentos sem encostos. Bancos e áreas de pé são inaceitáveis sob quaisquer circunstâncias para Copa do Mundo FIFA™. [...]

Os assentos para VIPs devem ser largos e mais confortáveis, ficar localizados na direção do centro do campo e separados das demais áreas de assentos. (FIFA, 2011, p.109)

Para Mascarenhas (2014, p.211), este novo modelo de estádio traz novas formas de vivenciar a vida urbana e o futebol, além de uma arquitetura pujante e monumental, alvo de ufanismo da imprensa, das autoridades públicas e do esporte. Conforme destaca o autor, as arenas impactam profundamente a espacialidade, sendo responsáveis pela produção de uma nova territorialidade do futebol, marcadamente excludente, caracterizada por:

1. limitação de acesso ao recinto, seja pela sensível redução da capacidade dos estádios, seja pelo encarecimento extremo dos ingressos, seja, ainda, pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo “político”. Em outras palavras, o cidadão está impedido de protestar nos estádios contra a Federação, a CBF ou qualquer outra entidade pela qual ele se sinta lesado;
2. limitações severas de comportamento dentro do estádio, pela imposição de normas e vigilância onipresente por meio de câmeras filmadoras. Processo agudo de disciplinarização e constrangimento que estudamos anteriormente(MASCARENHAS, 2014, p.211-212)

De acordo com Irlan Simões, as novas arenas devem ser compreendidas como um “conceito” que se expande por todo mundo do futebol, uma vez que extrapola os interesses esportivos, apresentando-se como equipamentos multifuncionais que ampliam as possibilidades de arrecadação financeira (SANTOS, 2017, p.92). Como demonstra Ferreira (2017, p.79), apesar da nomenclatura “arena” não ter uma definição objetiva e universal, é possível afirmar que o termo surge como tentativa de demarcar oposição em relação aos “velhos estádios”, considerados obsoletos e atrasados. Desta forma:

As arenas funcionam como fator de distinção em múltiplas escalas: arquitetônica (como ícones do espaço urbano inseridos no contexto de promoção da imagem das cidades), social (símbolo de status), cultural (imposição de um novo padrão de comportamento e formas de utilização desses espaços) e técnica (incorporação de materiais e apetrechos tecnológicos de ponta), expressões do meio técnico-científico informacional do qual trata Milton Santos. (FERREIRA, 2017, p.79)

A passagem do uso da palavra “estádio” para “arena” significou mais do que uma mera mudança semântica para se referir a um espaço, passando a apontar para a ocorrência de modificações nos modos de se comportar e pertencer ao lugar (SOUTTO MAYOR *et al*, 2013). Durante muito tempo os estádios tradicionais foram apropriados como espaços de expressões culturais, lugar de festa e ritos simbólicos, um dos poucos espaços da sociedade onde as classes populares conseguiam ser protagonistas. Porém, com o surgimento das novas arenas ocorreram mudanças significativas. A nova anatomia arquitetônica transformou os



estádios em espaços disciplinares, pautados no controle dos corpos e das manifestações coletivas, em uma perspectiva foucaultiana da biopolítica (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2004, p.3). Neste sentido, convertidos em ambientes voltados para o controle corporal e para o consumo, as novas arenas provocaram uma ruptura com as antigas formas de torcer, dando origem ao que o sociólogo britânico Richard Giulianotti (2002) classificou como o “pós-torcedor”, que pode ser definido como o espectador pós-moderno, de maior poder aquisitivo e menor paixão pelo clube, um mero consumidor passivo do espetáculo esportivo.

Do ponto de vista estético, Marcos Alvito sugere o conceito de “estádio-estúdio” para entendermos as atuais arenas, no sentido de que são concebidas mais para as transmissões televisivas de um “ordeiro espetáculo” do que para serem espaço de encontro e livre manifestação. Como aponta Broudehoux (2014), as tecnologias interferem cada vez mais na concepção de projetos relacionados aos megaeventos esportivos, inclusive nos modelos arquitetônicos das arenas, feitas para serem fotogênicas, maquiando quaisquer imperfeições. É a prática do “potemkismo” na construção da imagem, que nas palavras da autora pode ser definido como “a manipulação de aparências para distorcer a realidade, especialmente a fim de retratar um maior nível de desenvolvimento” (BROUDEHOUX, 2014, p.22).<sup>47</sup>

Recorrendo mais uma vez a Gilmar Mascarenhas, que com bastante clareza definiu os impactos que as novas arenas originaram na cultura futebolística, percebemos que

nesse processo de reforma dos estádios se quer trocar a figura do “torcedor” (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo “consumidor” (ou pós-torcedor, diria Giulianotti), geralmente de média ou alta renda, mais sereno, que aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente a um “espetáculo” repleto de “astros” midiáticos. O torcedor sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, com o qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo. (MASCARENHAS, 2014, p.210)

A importação do modelo de arena padrão FIFA está em curso no Brasil desde pelo menos o fim da década de 1990, tendo como marco a construção da Arena da Baixada, em 1999 (CRUZ, 2005; MASCARENHAS 2014). Nos anos 2000 o processo avançou, com a extinção do setor conhecido como “geral” em alguns dos principais estádios brasileiros, como o Maracanã, Mineirão e o Beira-Rio, com reformas que reduziram a capacidade dos estádios e incentivaram a colocação de assentos em todos os setores. A escolha do Brasil como país-sede

---

<sup>47</sup> Um exemplo citado pela autora foi a construção do estádio da Cidade do Cabo, na África do Sul, para a Copa do Mundo de 2010. A FIFA se opôs a localização inicial do estádio, pois seria em um bairro popular, alegando que não seria adequado a exposição da pobreza ao redor do estádio. O estádio então foi erguido em uma área de mais “alto nível”, com cenário mais “fotogênico”. (BROUDEHOUX, 2014, p.27)

da Copa do Mundo de 2014 acelerou este processo, funcionando como um vetor da “arenização” dos estádios brasileiros (SANTOS, 2017)<sup>48</sup>. Neste contexto, o estádio do Maracanã, nosso objeto de estudo, foi um dos alvos, conforme veremos no capítulo a seguir.

---

<sup>48</sup> Para a Copa do Mundo de 2014 foram 12 estádios brasileiros reformados e/ou construídos: Arena das Dunas (Natal), Arena Pernambuco (Recife), Arena Itaquera (São Paulo), Maracanã (Rio de Janeiro), Beira Rio (Porto Alegre), Mineirão (Belo Horizonte), Fonte Nova (Salvador), Castelão (Fortaleza), Arena Pantanal (Cuiabá), Mané Garrincha (Brasília) e Arena da Amazônia (o antigo estádio Vivaldão, em Manaus). Além disso, também foram edificadas neste contexto de “arenização” a Arena do Grêmio e o Allianz Parque (Palmeiras), apesar de não utilizados na Copa.

## **4 “SEGUNDO TEMPO”: O NOVO MARACANÃ, ARENA PADRÃO FIFA (2000-2015)**

O quarto e último capítulo de nosso trabalho será dividido em quatro partes. Na primeira parte, começaremos analisando o que chamamos de “ensaio geral”, que foram as duas primeiras reformas que mudaram consideravelmente o Maracanã, entre 2000 e 2007, porém mantiveram algumas características históricas do estádio. Abordaremos também, neste contexto, o processo de tombamento do estádio pelo IPHAN, como mecanismo de proteção ao patrimônio cultural diante dos projetos de reforma que surgiam.

Na segunda parte, mergulharemos a fundo na reforma para a Copa do Mundo de 2014, que descaracterizou radicalmente o estádio em toda a sua arquitetura e buscou também implementar normas comportamentais aos torcedores, além de marcar uma brusca redução da capacidade de receber público e a consolidação da privatização do estádio. Na terceira parte, trataremos dos mais importantes personagens do futebol, os torcedores, abordando processos de críticas e resistência a última reforma e as impressões do público sobre o novo estádio. Por fim, realizaremos uma análise do preço dos ingressos durante os períodos anteriores e posteriores as três reformas ocorridas, buscando comparar o custo do acesso ao estádio durante as últimas duas décadas, medindo seus impactos.

### **4.1 O ensaio geral: descaracterização reversível (2000-2007)**

#### **4.1.1 A ofensiva neoliberal: a década de 1990 e a pressão por reformas**

Desde meados da década de 1990 – período de apogeu do neoliberalismo no Brasil – começou a ganhar espaço no debate público uma campanha que enfatizava o “atraso” do Maracanã, sobretudo em relação aos novos modelos de estádios “modernos” que surgiam na Europa. De fato, o Maracanã sofria com o descaso e abandono do poder público há algum tempo, o que ficou explicitado no trágico acidente ocorrido na final do campeonato brasileiro de 1992, durante a partida entre Flamengo x Botafogo, em que uma das grades de contenção da arquibancada onde estava a torcida rubro-negra cedeu, ocasionando a queda de centenas de torcedores, com três mortes. Após este episódio, o estádio ficou fechado por quase um ano.

Porém, este incidente, além de lamentável, marca também uma das estratégias neoliberais colocadas em prática em nosso país, desde os anos de 1980. Trata-se do processo de sucateamento dos serviços e patrimônios públicos, permitindo que os bens públicos

(escolas, hospitais, estradas, telecomunicações, áreas de lazer, etc) se deteriorarem ao ponto de “necessitarem” da gestão privada, apresentada como supostamente mais eficiente (PACS, 2012).

No ano de 1993, para que o Maracanã pudesse receber a partida decisiva entre Brasil x Uruguai, pelas eliminatórias sul-americanas para a Copa do Mundo do ano posterior, foi necessário fechar a geral e colocar assentos numerados na arquibancada, atendendo exigências da FIFA<sup>49</sup>. Iniciou-se então, a partir de setores da imprensa, e de autoridades do governo estadual do Rio de Janeiro, a defesa de uma reforma que “modernizasse” o Maracanã, equiparando-o a outros estádios do mundo, adequando-se às normas da entidade máxima do futebol para realização de jogos internacionais, além da idéia de entregar sua administração para a iniciativa privada, sob o argumento de maior eficácia na gestão.

Em 1995, Raul Raposo, então presidente da Superintendência de Esportes do Estado do Rio de Janeiro (SUDERJ) durante o governo Marcello Alencar, em entrevista à imprensa já sinalizava as intenções do governo estadual naquele momento, de reformar o Maracanã de acordo com os padrões de estádios internacionais, e também de que isso só seria possível com a privatização do complexo esportivo<sup>50</sup>. No mesmo período, o *Jornal do Brasil* lançou um editorial intitulado “A Raiz e o Mal”, onde defendia que a crise do estádio apenas se resolveria “tirando-o das mãos do poder público”, pois “a doença do Maracanã é a mesma dos outros órgãos públicos”, enfatizando que a iniciativa privada está “vacinada” contra a má gestão e corrupção, e a privatização do estádio seria um caminho necessário, cortando o “mal pela raiz”. Além disso, o editorial defendia que

No mundo inteiro o futebol progride com a iniciativa privada, no financiamento de empresas aos clubes, na gestão dos estádios. Não se concebe mais um Maracanã às voltas com evasão de renda, deterioração do prédio, sujeira nos corredores, imundície nos banheiros e a existência – inaceitável para a FIFA, em grandes jogos internacionais – de toda uma seção de torcedores em pé.<sup>51</sup>

A proposta de modernização incluía a privatização do estádio, como parte do Programa Estadual de Desestatização (PED) do governo Marcello Alencar<sup>52</sup>. Em 1997 foi lançado o projeto do “Estádio Olímpico do Maracanã”, com a pretensão de demolir o estádio de atletismo Célio de Barros para a construção de um estacionamento no lugar, além da redução das dimensões do campo para dar lugar a uma pista de atletismo de 400 metros em

<sup>49</sup> Globo Esporte. Especial Maracanã. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/3-descaso-e-abandono.html>

<sup>50</sup> “Maracanã 2000”. In: *Jornal dos Sports*, Rio de Janeiro, 23 de abril de 1995.

<sup>51</sup> A Raiz e o Mal. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 22 abril de 1995, p.8

<sup>52</sup> Novo Marcello vai vender e reformar tudo. In: *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1995, p.2.

volta do gramado, o que deixaria o tamanho do campo menor do que diversos estádios de clubes pequenos do Rio<sup>53</sup>.

Esta proposta de reforma suscitou um intenso debate na opinião pública, mobilizando jornalistas, esportistas e dirigentes. O então ministro dos Esportes na época, Pelé, se posicionou contra a demolição do parque de atletismo, apesar de defender a privatização. Diversos ex-atletas olímpicos questionaram a demolição do Célio de Barros<sup>54</sup>. Enquanto isso, o presidente da FIFA, João Havelange, chegou a propor a implosão do estádio para que fosse construído um completamente novo, argumentando que o complexo esportivo não tinha utilidade e que estádios para mais de 80 mil pessoas eram anacrônicos em uma era de futebol na televisão<sup>55</sup>.

Em meio às críticas sofridas e a derrota da candidatura olímpica Rio 2004, o projeto não foi à frente neste momento. Porém, a campanha por reformas continuaria na imprensa. Em uma série de matérias da revista de esportes *Placar*, entre agosto e outubro de 1998, foi feito um balanço sobre a situação de alguns estádios brasileiros, buscando identificar problemas e possíveis soluções para que se tornassem mais agradáveis e atrativos ao público, consequentemente gerando mais receitas. Na análise do periódico, o Maracanã foi colocado como “um caso à parte”, classificado como ultrapassado por inúmeras questões, enquanto que a Arena da Baixada, recém construída, era apontada como exemplo de modernidade, um “campo além dos sonhos”, totalmente o oposto do que representava o Maracanã naquele momento. Percebemos nos recursos semânticos utilizados pela revista, certa semelhança com a retórica neoliberal da “modernidade” versus “atraso”, utilizada pelos meios de comunicação para legitimar certos discursos, ao tratar de assuntos gerais do país.

Um dos principais critérios utilizados pela revista ao realizar tais distinções entre os estádios analisados tratava-se das possibilidades e capacidades de consumo dentro deles. Por exemplo, o Maracanã era criticado por sua baixa atratividade e oportunidades de consumo e lazer em suas dependências.

O estádio não atrai empresas que poderiam instalar lojas para melhor servir o torcedor. Também não há videotecas, livrarias, boas lanchonetes. Nada que poderia tornar uma ida ao Maracanã muito mais confortável e divertida.<sup>56</sup>

<sup>53</sup> O maior do mundo pode encolher. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 29 de janeiro de 1997, p.39.

<sup>54</sup> Pelé: “não vai demolir nada”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1997, p.38

<sup>55</sup> Havelange sugere implosão do complexo esportivo do Maracanã, até do estádio. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1997, p.40.

<sup>56</sup> Maracanã: um caso à parte. In: *Revista Placar*, agosto de 1998, p.70

Além disso, também foram apontados como problemas do “ex- maior do mundo” o defasado placar eletrônico, o número de vagas insuficientes no estacionamento, a ausência de assentos nas arquibancadas – indo contra a determinação da FIFA – e a obsolescência da rede elétrica e hidráulica, conforme podemos ver na imagem a seguir.

Figura 15 - matéria da *Revista Placar* sobre o Maracanã, em agosto de 1998



Fonte: PLACAR. n.1142. São Paulo: Ed. Abril, Agosto, 1998, p.70.

No entanto, o estádio da Arena da Baixada era elogiado, não somente por sua modernidade estética e estrutural, mas também pelo seu amplo espaço destinado ao consumo e diversão, inclusive para aqueles que não estavam interessados em assistir a partida:

Para quem não quer futebol: Como os ingressos são comprados no nível 1 e a entrada é no nível 2 (onde se dá a separação entre quem vai entrar e quem quer usufruir do shopping do clube), não será preciso pagar para curtir o que a nova Baixada oferece. Antes das roletas, haverá um Centro de Conveniência independente, com churrascaria, boliche, jogos eletrônicos ou bingo, museu do clube, bar temático e outras alternativas de diversão.<sup>57</sup>

<sup>57</sup>Um campo além dos sonhos. In: *Revista Placar*, setembro de 1998, p.68

#### 4.1.2 A reforma para o Mundial de Clubes da FIFA de 2000

As reformas previstas durante o governo de Marcello Alencar não se concretizaram, porém, no ano de 1999, já no mandato de Anthony Garotinho como governador do estado, foi anunciado que o Maracanã seria uma das sedes do torneio Mundial de Clubes organizado pela FIFA e previsto para o ano de 2000. Desta vez a privatização não esteve no plano do governo, mas reformas estruturais voltariam à pauta, solicitadas pela entidade máxima do futebol, visando adequar o estádio ao padrão exigido para receber competições internacionais. Além disso, o Brasil se movimentava para lançar candidatura para a Copa do Mundo de 2006, e a exibição de um novo e moderno Maracanã para o mundo, em uma competição da FIFA, soava como uma boa estratégia.

Como resultado as obras de modernização trouxeram a recuperação das estruturas da marquise e das rampas de acesso, a criação da Calçada da Fama, a construção de novas cabines de imprensa, a ampliação do setor das cadeiras especiais, a instalação de camarotes no anel superior do estádio, além daquela que é considerada a mais marcante das transformações: a colocação de assentos em todo o anel superior - onde ficavam as arquibancadas de cimento - e a divisão em três novos setores, de acordo com as cores dos assentos (figura 16). A geral não sofreu nenhuma intervenção, mas durante os jogos do Mundial da FIFA, não pôde receber público, devido às normas da entidade.

Figura 16 - Maracanã após as reformas para o Mundial de Clubes em 2000



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/4-reformas-estruturais.html>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.



Com a inserção dos assentos individuais sobre as arquibancadas e a nova setorização, o Maracanã deixou de ser considerado o “maior do mundo”, passando a abrigar, em sua totalidade, 93 mil lugares. Dali em diante, não registraria mais nenhuma vez um público superior a 100 mil pessoas, conforme ocorria, com alguma frequência, nas décadas anteriores<sup>58</sup>. Porém, continuaria como o maior palco futebolístico do país. Tais mudanças no anel superior do estádio trouxeram uma nova compartimentação dos torcedores, como aponta Cruz (2005). Se antes havia três grandes divisões no estádio inteiro – gerais, arquibancadas e cadeiras especiais/cativas – com esta reforma instituiu-se uma hierarquização dentro da própria arquibancada, onde cada setor possuiria um preço distinto, visando atrair diferentes público alvo

as cadeiras brancas, mais caras, situadas no meio do campo, direcionadas a um público mais “família”, e aos turistas, em que também é possível a mistura de torcedores de times opostos em dias de clássicos regionais; as cadeiras amarelas, situadas na quina do córner, direcionadas a torcedores de um time que preferem ficar à distância das torcidas organizadas e que possui um preço intermediário; por fim, as cadeiras verdes, situadas atrás do gol, mais baratas e direcionadas às torcidas organizadas. (CRUZ, 2005, p.96)

Ademais, cabe destacar que a colocação de assentos é um fator limitante - em certa medida - a movimentação dos torcedores, impactando principalmente as torcidas organizadas, dificultando (mas não impedindo) suas manifestações festivas, com “bandeirões” e adereços. O setor da geral, apesar de não ter sido removido, passou a ser proibido nos jogos internacionais, e mesmo nas partidas envolvendo as competições locais disputadas pelos clubes cariocas, a carga de ingressos para o setor diminuiu drasticamente, o que já demonstrava a intenção de decretar o seu fim permanente (CRUZ, 2005, p.97).

A instalação dos camarotes, na parte mais alta de todo o anel superior do estádio (figura 17), demonstrava a nova concepção de futebol em voga, buscando capacitar o estádio de um ambiente mais “confortável” e atrativo ao novo tipo de público que se esperava atrair, o do torcedor-consumidor. Ao todo foram construídos 98 camarotes nesta reforma, que possuíam 35 m<sup>2</sup>, ar condicionado, geladeira, e toda uma “atmosfera de mordomia”, como demonstrado em matéria da TV Globo<sup>59</sup>.

<sup>58</sup>A última vez que o Maracanã recebeu público superior a 100 mil pessoas foi na partida final da Copa do Brasil de 1999, entre Botafogo x Juventude, onde estiverem presentes exatos 101.581 torcedores. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/saudade-dos-100-mil-botafogo-juventude-de-1999-ultimo-grande-publico-do-maracana-23574654>. Acesso em: 25 de janeiro de 2022.

<sup>59</sup> A reportagem da TV Globo mencionada encontra-se disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/4-reformas-estruturais.html>. Acessado em: 25 de janeiro de 2022.



Figura 17 - Camarotes instalados no Maracanã na reforma para o Mundial de Clubes de 2000



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/4-reformas-estruturais.html>. Acessado em: 25 de janeiro de 2022.

Figura 18 - Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para o Mundial de Clubes 2000

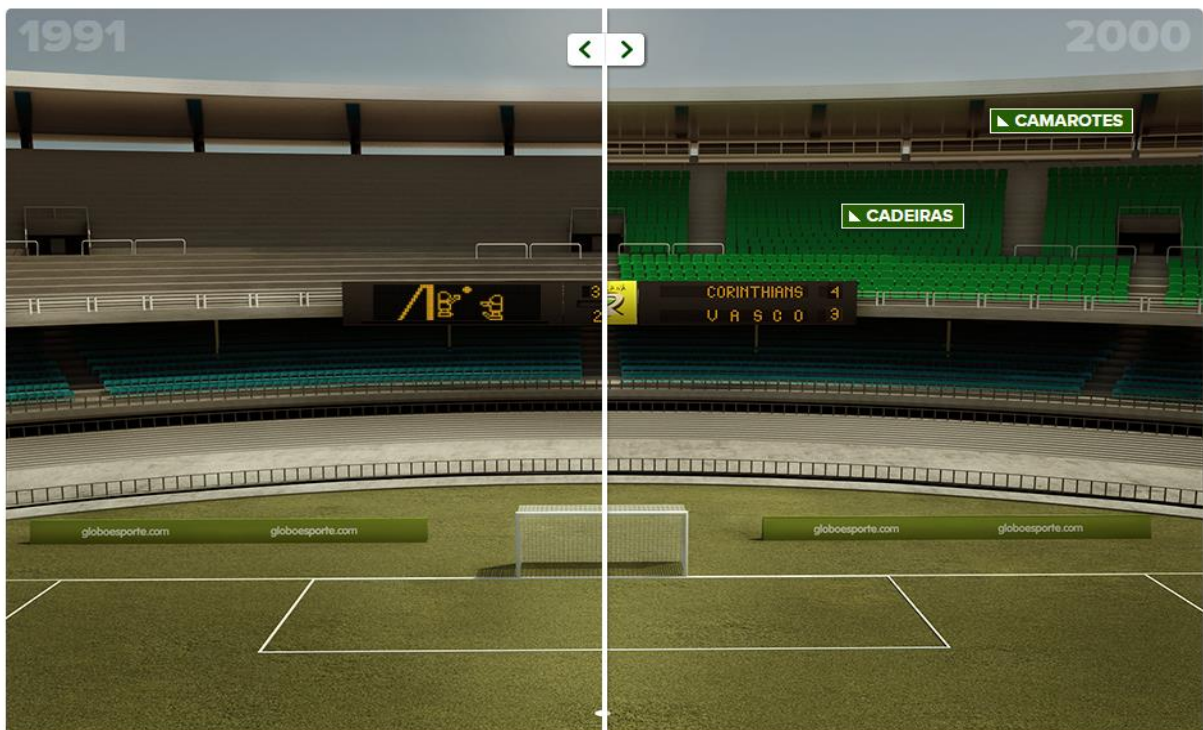


Imagem comparativa produzida em reportagem especial do GloboEsporte.com, evidenciando as mudanças após a reforma realizada em 2000, com a colocação de cadeiras nas arquibancadas e a construção de camarotes no alto. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/4-reformas-estruturais.html> . Acesso em 22 de setembro de 2021.

A reforma de modernização do Maracanã e os riscos de descaracterização do estádio acabariam despertando ações do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), em busca da efetivação de seu tombamento enquanto patrimônio cultural, conforme veremos a seguir.

#### 4.1.3 A defesa do patrimônio: o processo de tombamento pelo IPHAN

No capítulo 2 deste trabalho buscamos demonstrar alguns aspectos que contribuíram para o Maracanã ter se tornado um símbolo do Rio de Janeiro e do Brasil, lugar de encontro entre os diferentes na cidade e espaço para o surgimento das mais diversas formas de torcer. Um "centro de manifestação genuína de parte do que se pode identificar como cultura brasileira" (LIMA e SILVA, 2019), fato que explica também as razões de ser o único estádio do país tombado pelo IPHAN.

De acordo com Erick Omena e Gabriel Cid (2019, p.707), a consolidação da monumentalidade e do caráter popular do Maracanã ao longo das décadas marcou o imaginário brasileiro, contribuindo para que surgissem iniciativas de proteção do estádio via tombamento como patrimônio cultural, no início dos anos de 1980. Os autores ressaltam que, neste período, estavam em curso no país, algumas "ações de novo tipo no campo do patrimônio cultural", com destaque para os tombamentos de espaços de manifestação da cultura popular, apontando para um sentido de ampliação da esfera cultural e do reconhecimento da necessidade de políticas de proteção voltadas para setores até então desprestigiados.

A primeira iniciativa de tombamento do estádio, pelo IPHAN, data do ano de 1983, a pedido do então secretário de cultura Marcos Villaça. Foi criada a série tipológica "Estádios" e iniciaram-se estudos com o objetivo de se recolher informações sobre as diversas praças esportivas brasileiras. Desta forma, em relação ao Maracanã

constrói-se a hipótese de que, além de sua importância histórica (Copa de 50), marca a entrada do futebol nacional em sua idade madura, citando a necessidade de reconhecer a apropriação popular do equipamento. A justificativa para o tombamento é a de qualificá-lo como símbolo maior do futebol no Brasil. Ressalta-se a possibilidade de a "proteção da rede capilar [...] salvaguardar o valor cultural da atividade do risco [...] predatório por parte da indústria cultural" (OMENA DE MELO&CID, 2019, p.708)

No entanto, o projeto de tombamento não sairia do papel neste momento, ficando parado por mais de uma década, retornando mediante o risco de descaracterização que surge com as propostas de reforma para o estádio, a partir de meados dos anos de 1990. Segundo

Omena e Cid (2019, p.708), esta década representou a inserção da cidade do Rio de Janeiro na era do planejamento urbano neoliberal, onde o foco passou a ser em ações que priorizavam a competitividade da cidade no mercado global, privilegiando o turismo, entretenimento e o setor imobiliário, conforme vimos no capítulo 3. Tal perspectiva de política urbana privilegia a lucratividade, minimizando - ou desprezando- o valor cultural e simbólico dos bens de uso público.

Neste contexto, o tema foi retomado pelo IPHAN em fevereiro de 1997, onde os técnicos do órgão concluíram que havia requisitos para o tombamento, e que a pauta deveria seguir para a apreciação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Foi indicado também que o tombamento deveria incorporar, além do estádio, todos os espaços do complexo esportivo, ou seja, o parque aquático, o estádio de atletismo e o ginásio do Maracanãzinho. O IPHAN entrou em contato com a SUDERJ e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) para informar que, diante do processo de tombamento em curso, quaisquer projetos de obras no estádio deveriam ser encaminhados para apreciação prévia. (OMENA DE MELO & CID, 2019, p.709)

Conforme vimos, a primeira considerável reforma que o Maracanã sofreu foi realizada no segundo semestre do ano de 1999, às vésperas de seu aniversário de 50, visando adequar o estádio para receber as partidas do Mundial de Clubes da FIFA, em 2000. Dentre as mudanças, a proposta de inserção de cadeiras nas arquibancadas e a redução da capacidade foram vistas com certo receio pelo IPHAN, mas o órgão concluiu que, neste momento, não havia risco de descaracterização e a reforma foi autorizada. A arquiteta e urbanista Claudia Girão, que participou ativamente do processo de tombamento do estádio, assim interpretou as reformas que ocorreram neste momento:

Na época, haviam sido assentadas cadeiras com as cores da bandeira nacional sobre as arquibancadas de concreto originais e, na parte mais alta das arquibancadas, sob a marquise original de concreto, estavam instalados camarotes. Mantinha-se a ‘geral’ — a faixa elíptica de concreto adjacente à elipse envoltória do campo de futebol e situada em cota mais baixa, na qual até 30 mil espectadores assistiam, de pé, aos jogos, com ingressos a preços módicos —, pois se conciliara a exigência da FIFA de não se permitir torcedores de pé com a conservação da geral: sobre ela se colocaria temporariamente, durante o breve período de jogos da FIFA, uma plataforma. A inclusão de cadeiras individuais reduziu o número de lugares nas arquibancadas; o Maracanã continuava a ser o maior estádio do Brasil, mas deixava de ser o maior do mundo. Tais adições foram toleradas pelo IPHAN, por seu caráter reversível e por não comprometerem o espírito democrático do Maracanã: afinal, acrescentavam-se camarotes, mas conservavam-se as arquibancadas e a geral. Nessa ocasião, recomendei o tombamento pelo preponderante valor etnográfico e também pelo valor paisagístico, ao perceber que o Maracanã era dotado, sim, de valor histórico por ter contribuído de maneira significativa para o desenvolvimento do futebol profissional e a organização das torcidas; imbuía-se de valor artístico por ser uma obra arquitetônica importante em sua época; mas prevalecia, de fato, seu valor

etnográfico, o modo como se consagrou templo do futebol, aclamado pelo povo e um dos mais visitados monumentos do Rio. (GIRÃO, 2012)

No mês de abril de 2000, já após a realização das reformas anteriormente mencionadas, foi concluído o processo de tombamento do Maracanã. De acordo com Erick Omena e Gabriel Cid (2019, p.711) a aprovação do tombamento pelos conselheiros do IPHAN “demonstrou o entendimento do caráter simbólico da reunião de setores da sociedade no estádio, destacando a apropriação do bem pelas camadas populares que dele se tornaram marca”. Tal interpretação fica mais clara, se observarmos o seguinte trecho proferido por Nestor Goulart Reis Filho, relator do projeto de tombamento, descrito na ata da reunião do IPHAN que concluiu o processo:

O exame da documentação apontada apenas confirma o que é de conhecimento público: a extraordinária monumentalidade do estádio Mário Filho e seu valor simbólico para a quase totalidade do povo brasileiro, de todas as regiões e não apenas para os habitantes do Rio de Janeiro. O Urbanismo e a Arquitetura (sobretudo as obras de uso coletivo) têm uma dimensão simbólica que ultrapassa os limites dos aspectos utilitários. Mas poucas vezes a monumentalidade reúne qualidades simbólicas de caráter democrático. Em geral, as obras monumentais são afirmações do poder sobre o povo. Neste caso, ocorre o contrário. O Maracanã tem a monumentalidade da massa que o utiliza, à qual representa. Não deve ser descaracterizado. No Brasil, dada a fragilidade das instituições democráticas e da cidadania, é comum os monumentos e espaços de uso popular serem abandonados e descaracterizados. A dimensão simbólica das grandes obras e dos grandes espaços de uso popular e a manutenção de um nível elevado de qualidade nessas obras e nesses espaços é um objetivo cultural relevante. Manifesto-me pela aprovação, congratulando-me com o povo do Rio de Janeiro pelo valor simbólico de seus monumentos. [...] o Maracanã é como o Coliseu. Ele não é preservado pela sua estética, nos dias que correm, mas pelo fato de simbolizar exatamente o espaço de reunião pública de um povo. Penso que esta é a dimensão cultural desse tipo de monumento.<sup>60</sup>

Em dezembro do ano 2000, o estádio foi inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico<sup>61</sup>. Nas palavras do conselheiro Nestor Goulart Reis, “o fundamental do Maracanã não é a obra de arquitetura, mas o cenário desse grande congaçamento [...] o que desejamos preservar é esse cenário, nesse sentido há a preocupação do tombamento etnográfico”<sup>62</sup>. Como ressalta Girão (2012) o tombamento etnográfico, por valor simbólico e cultural, também tem como objetivo a preservação do objeto material, para que continue representando o valor simbólico nele reconhecido. Porém, como veremos adiante, nas reformas para o Pan Americano de 2007 e – sobretudo- para a Copa do Mundo de 2014, o

<sup>60</sup>IPHAN. Ata da 21ª Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Abril, 2000.p.26-28. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/2000\\_01\\_21a\\_reuniaordinaria\\_13\\_de\\_abril.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/2000_01_21a_reuniaordinaria_13_de_abril.pdf). Acesso em 20 de setembro de 2021.

<sup>61</sup>Inscrição nº 125, de 26/12/2000

<sup>62</sup> IPHAN, 2000. Op Cit. p.30

tombamento não foi o suficiente para a preservação da dimensão simbólica e do “congraçamento” do Maracanã de outrora, e tão pouco para a proteção do bem material.

#### 4.1.4 A reforma para os Jogos Pan-Americanos de 2007 e o fim da geral

Em agosto de 2002, a cidade do Rio de Janeiro foi vitoriosa na disputa para ser a sede dos Jogos Pan Americanos de 2007. Logo o estádio do Maracanã seria escolhido pelo comitê organizador como palco das cerimônias de abertura e encerramento do evento, além de receber as partidas de futebol feminino e masculino. Diante disso foi anunciada uma nova reforma no estádio, inclusive com a promessa de que, desta vez, o preparariam para a Copa do Mundo de 2014, competição que o Brasil pretendia lançar candidatura.

Nesta oportunidade, as mudanças foram mais significativas do que as da reforma anterior, ocasionando a transformação mais radical que vivera o Maracanã até o momento. As obras que prepararam o estádio para receber o Pan Americano ocorreram entre 2005 e 2007, e decretaram o fim do setor mais popular do estádio: a geral. No local foram colocadas 18 mil cadeiras, formando um único setor no anel inferior, para 45 mil pessoas. Assim, o Maracanã passaria a comportar um público total de 90 mil pessoas sentadas<sup>63</sup>, sendo considerado um estádio “*allseater*” (todos sentados), de acordo com a classificação internacional de estádios da FIFA. Houve também o rebaixamento do gramado em 1,40 metros, possibilitando melhor visão do campo para o novo setor formado pela junção das cadeiras com a geral. Foram construídas duas novas rampas e alargados os acessos aos setores do estádio. Os tradicionais placares eletrônicos foram substituídos por novos placares em LCD, além de serem instalados 2 modernos telões atrás dos gols, com 6 metros de altura por 10 de largura. (figura 19)

Figura 19 - Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para os Jogos Pan Americanos de 2007



<sup>63</sup> Estádio de Borracha. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 2004, p.32



Imagem comparativa produzida em reportagem especial do GloboEsporte.com, evidenciando as mudanças após a reforma realizada para o Pan de 2007, com a colocação de cadeiras onde ficava a geral, e o novo placar eletrônico e telão. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/5-obras-para-o-pan-2007.html>. Acesso em 22 de setembro de 2021

Como já salientado, o maior impacto desta reforma foi a extinção da icônica geral. A partida de despedida do setor foi disputada entre Fluminense x São Paulo, no dia 24 de abril de 2005, válida pela 1ª rodada do Campeonato Brasileiro. Semanas antes, o último clássico da geral do Maracanã foi realizado, um Fla x Flu valendo pela semi-final do Campeonato Carioca.

A cobertura da imprensa sobre as últimas partidas antes do fechamento definitivo do setor nos ajuda a entender os significados da geral e o sentimento com que os “geraldinos” encaravam o fato. Em matéria veiculada pelo jornal *O Globo*, no dia seguinte ao último clássico da geral, nos deparamos com registros de várias manifestações sobre a despedida. “Adeus geral. O meu amor por você será eterno” dizia um cartaz de torcedores tricolores. Um torcedor rubro-negro vestido com a máscara do presidente Lula dizia: “vim assim para pedir ao Chiquinho de Carvalho (presidente da SUDERJ) para não acabar com a geral. Eles têm de ouvir um pedido do presidente. Outro rubro-negro brincava “se acabar com a geral, vou entrar com uma liminar”. Segundo a matéria, Chiquinho de Carvalho já estava acostumado a ouvir estes pedidos, mas enfatizava que o Maracanã deveria seguir os padrões da FIFA, onde todos os torcedores são obrigados a assistirem aos jogos sentados<sup>64</sup>.

Outros marcantes relatos de geraldinos, que ressaltam o valor simbólico e histórico do setor, foram registrados em matéria do site UOL, na última partida da história da geral do Maracanã:

"Se chorei ou se sofri, o importante é que grandes emoções na geral eu vivi." (Robson de Oliveira, mecânico de avião)

"A geral é o coração do Maracanã. Sem geral, o Maracanã não existe" (Francisco Amaro, pintor)

"A geral é um símbolo cultural do Rio de Janeiro. Se é para ver o jogo sentado, prefiro sentar em casa" (Marcelo Medeiros, professor de Educação Física)<sup>65</sup>

<sup>64</sup> Angustiadados, porém de pé, na hora da despedida. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 4 de abril de 2005, p.4

<sup>65</sup> Geral do Maracanã vive seu último jogo oficial. UOL. 25 de abril de 2005. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/04/25/ult59u93048.jhtm>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

Figura 20 - Torcedores protestam contra o fim da geral do Maracanã



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/5-obras-para-o-pan-2007.html>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

Cabe também destacarmos duas produções audiovisuais sobre o fim da geral. O curta-metragem “Geral” (2010) de Anna Azevedo, filmado durante as últimas cinco partidas anteriores a extinção do setor, e o documentário “Geraldinos” (2015), dirigido por Pedro Asbeg e Renato Martins, que registrou com primor os últimos momentos dos “geraldinos” no Maracanã, tecendo importante análise crítica sobre a reforma e a elitização do estádio.

Em maio de 2007 a revista *Placar* produziu uma matéria sobre as impressões de alguns torcedores em relação a reinauguração do estádio após as obras que colocaram fim a geral. Logo na primeira página ressalta que “a antiga geral ganhou cadeiras, está mais confortável e mistura novos e velhos habitantes”. Também afirma que as modificações atraíram um novo tipo de público, como famílias, crianças, casais e aposentados. Mas chama atenção para o fato de que “as melhorias não foram suficientes para agradar uma parte dos frequentadores da antiga geral”, pois o local teria perdido o que tinha de melhor, a espontaneidade, além de custar mais caro.

A reportagem entrevista diversos torcedores, tanto antigos quanto novos, sobre o Maracanã sem a geral e reformado para os Jogos Pan Americanos de 2007. Percebemos nos relatos opiniões bastante diversas. Elogios foram feitos a modernização do estádio, mas com ponderações, sobretudo em relação às novas formas de torcer que as mudanças tentaram impor.

Um dos torcedores entrevistados que elogiou a reforma, afirmou que não possuía mais disposição para enfrentar os “perrengues” anteriores da época da geral, e que agora o setor era mais confortável e seguro, o que possibilitava levar a família

“Já fiquei partidas inteiras sem conseguir enxergar nada, de tão cheia que ficava a geral. Não sou dos mais altos e ficava um monte de gente na frente. Só sabia o que acontecia pela vibração da galera. Mas naqueles tempos valia tudo. [...] “Ficou show de bola. Claro que o jeito de torcer mudou, mas agora dá para trazer a família com tranqüilidade. Hoje o policiamento está ótimo, não tem briga e o clima é de paz. Também dá pra torcer, mas de outra maneira”<sup>66</sup>

Outro caso de impressão positiva é de um pai que pela primeira vez levou seu filho cadeirante ao Maracanã, elogiando o novo espaço, que segundo o próprio seria melhor para seu filho assistir a partida, mas ressaltando a falta de rampas para transitar com a cadeira de rodas.

No entanto, há também impressões que lamentam as perdas em consequência da reforma, como o relato do rubro-negro Antônio Carlos, famoso pelo seu radinho no ouvido

“Tiraram a alegria da torcida. Não dá nem pra comparar com o que era antes. Agora a vibração aqui é outra. Temos que ficar sentados e mais distantes. Não é a mesma coisa”, diz, mesmo reconhecendo que a visão do campo melhorou e as famílias voltaram a frequentar o espaço.  
[...]“Deviam criar um espaço pequeno para aquele torcedor folclórico, que gosta de ficar perto do campo, exercer sua criatividade”<sup>67</sup>

Figura 21 - Imagem do setor onde ficava a antiga geral, com as cadeiras instaladas após a reforma para o Pan Americano de 2007



<sup>66</sup>Géleia Geral. In: *Revista Placar*, maio 2007, p.73

<sup>67</sup>*Ibidem*



No muro próximo ao gramado está escrito “para o conforto de todos assista ao jogo sentado”. Retirada da Página “Maracanã Antigo”, no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/antigomaracana/photos/pb.100064061012426.-2207520000./1492853480928846/?type=3>. Acesso em: 20 de janeiro de 2022.

Apesar do clamor popular gerado em torno da questão da extinção da geral, as obras foram autorizadas pela superintendência do IPHAN. De acordo com Claudia Girão (2012), apesar da descaracterização do estádio, neste momento tudo ainda era reversível, “embora a eventual restituição não se revestisse do caráter autêntico das condições originais”. No entanto, para Telles (2009), a definição “descaracterização” é “suave” para descrever a reforma que ocasionou o fim da geral, sugerindo o termo “mutilação”.

É visível a mutilação que o Maracanã – patrimônio cultural brasileiro tombado pelo seu valor etnográfico – sofreu, uma vez que a geral era um dos elementos medulares do bem. Importante ressaltar que o termo empregado – mutilação – é utilizado, aqui, como uma categoria jurídica, contida no art. 17 do DL 25 / 37, que proíbe expressamente a destruição, demolição ou mutilação do bem tombado. (TELLES, 2009, p. 164)

O autor defende que, se o valor etnográfico foi a vertente escolhida para o tombamento do Maracanã pelo IPHAN, a geral possui papel importante nisso, destacando sua relevância na construção do imaginário do torcedor e do ato de torcer. Ao reformar o estádio e suprimir a geral, tal valor etnográfico não foi devidamente respeitado, ocorrendo a “mutilação” do estádio.

Como aponta Luiz Antônio Simas (2018), a extinção da geral até poderia ser defensável, considerando as precariedades do setor, como a dificuldade de visão do gramado e a exposição a objetos “estranhos” vindos da arquibancada, além das intempéries. No entanto, de acordo com o autor, o problema principal foi que, na verdade, o fim da geral significou algo mais perverso, onde o objetivo principal foi “sumir com os geraldinos”. Em última instância, o fim da geral representou parte do processo de gentrificação e elitização dos estádios – e das cidades – que autores como o próprio Simas e Gilmar Mascarenhas nos falam.

#### **4.2 Novo Maracanã para a Copa do Mundo de 2014: descaracterização irreversível**

No início do ano de 2007, antes mesmo da disputa dos Jogos Pan-Americanos - realizados em julho - foi anunciado por parte do governo do estado do Rio de Janeiro a intenção de novas obras no Maracanã, visando à candidatura do Brasil para a Copa do Mundo

de 2014. O argumento foi de que a reforma anterior não cumpriu todas as exigências do caderno de encargos da FIFA (FIFA,2011), como por exemplo, o requisito mínimo de vagas no estacionamento, o número de banheiros, a distância entre os assentos do estádio, reformulação no sistema de som e no setor de imprensa. Neste contexto, mais uma vez voltou à tona a ideia de privatização do estádio, sugerida pelo então secretário estadual de esportes Eduardo Paes, como única forma possível de realizar as obras necessárias e tornar o estádio financeiramente viável, adequando-o a nova economia do esporte.

o secretário de esportes quer ainda que, na Copa de 2014, o Maracanã seja um grande centro de entretenimento. [...] Graças ao sistema de concessões à iniciativa privada, está nos planos a construção de restaurantes, centro de convenções, cinema, academia, lojas e imóveis comerciais no complexo.

- É aquela ideia do jogo de beisebol: o americano vai lá pra ver o jogo, mas passa o dia inteiro no estádio. Ele come, se diverte com outras atrações e, é claro, deixa dinheiro lá. O Maracanã tem que virar um grande negócio para se tornar viável economicamente – afirma o secretário<sup>68</sup>

A questão do estacionamento foi bastante enfatizada neste momento. Segundo as exigências da FIFA, um estádio para receber uma partida de Copa do Mundo necessita disponibilizar um número de vagas no estacionamento equivalente a 10% da capacidade total de público. À época o Maracanã possuía capacidade para cerca de 90 mil lugares, mas “apenas” 3 mil vagas para carros no estacionamento, número insuficiente de acordo com o padrão da FIFA. De acordo com o governo do estado, a solução seria a construção de um edifício-garagem por parte da empresa que assumisse a administração do estádio e o indicativo de local para a sua construção era o prédio do antigo Museu do Índio, localizado na Rua Mata Machado.

Um dos argumentos utilizados por Paes era de que “o Maracanã fica num lugar menos valorizado que o Morumbi, por exemplo. Isso facilita as eventuais desapropriações para construções no seu entorno”<sup>69</sup>, admitindo desde então as intenções de que as obras para os megaeventos gerariam remoções, uma marca registrada de seu mandato na prefeitura do Rio de Janeiro (2008-2016), diga-se de passagem.

Em outubro de 2007, mês em que o Brasil foi confirmado pela FIFA como sede da Copa do Mundo de futebol de 2014, o governo estadual do Rio divulgou o resultado do estudo de viabilidade econômica, realizada por uma empresa de consultoria estadunidense, com o objetivo de preparar as bases para o edital de concessão do estádio. A ideia da

<sup>68</sup> Para receber a Copa, Maracanã vai recorrer à iniciativa privada. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 2007, p.61

<sup>69</sup> *Ibidem*

privatização ventilada no início foi um pouco modificada. A consultoria concluiu e sugeriu que a administração do estádio poderia ficar a cargo de dois clubes da cidade, Flamengo e Fluminense, e da CBF, transformando o Maracanã em principal palco dos jogos da seleção brasileira.

O ponto mais polêmico a aparecer foi a proposta de demolição do estádio de atletismo Célio de Barros e do parque aquático Júlio De Lamare, onde seriam construídos estacionamentos e novos complexos esportivos. A ideia anterior de construir um shopping foi descartada.<sup>70</sup>

A concessão não avançou neste momento. Houve atraso para o início das obras, inclusive gerando críticas públicas da FIFA. A reforma só teve início no mês de março de 2010, ainda com o estádio aberto e durou até meados de 2013. A última partida antes do fechamento total aconteceu em setembro, Flamengo x Santos, válido pelo campeonato brasileiro. O Maracanã passaria então pela mais radical transformação de sua história. Para muitos, o que se ergueu foi um outro estádio, completamente distinto. Cunhou-se até mesmo uma nova forma de nomeá-lo: “Novo Maracanã”, para alguns, ou “Arena Maracanã”, para outros. Não foram muitas as vozes dissonantes. A admiração fetichista pelo “novo” e pelo “moderno” imperou.

O projeto da reforma ficou a cargo da Empresa Municipal de Obras Públicas (EMOP). Na ocasião, o presidente do órgão afirmou que “o estádio vai conciliar o moderno com o antigo para se tornar eterno”. No lançamento do projeto enfatizou que “o conforto é a marca registrada da nova fase do Maracanã”, com promessa de cobertura em todos os setores e cadeiras reclináveis, dotando o estádio de um padrão equivalente aos mais modernos do mundo. Ao ser questionado sobre o entorno, garantiu que não haveria nenhuma mudança em nenhuma parte do complexo esportivo. Foi anunciado também a formação de um consórcio responsável pelas obras formado pelas construtoras Odebrecht, Delta e Andrade Gutierrez. A marquise original estava prevista para ser mantida, com a proposta de extensão da cobertura do estádio através da instalação de uma espécie de toldo<sup>71</sup>.

#### 4.2.1 A demolição da marquise e o desrespeito ao tombamento

Algum tempo após início das obras, de acordo com a EMOP, houve a constatação de que a marquise estava condenada e corria risco de desmoronar. A solução mais adequada do

<sup>70</sup> Maracanã já tem modelo de gestão para a Copa. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 31 de outubro de 2007, p.11

<sup>71</sup> Emop revela detalhes das obras do 'novo' Maracanã para Copa de 2014. GloboEsporte.com. 22 de setembro de 2010. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/09/emop-revela-detalhes-das-obras-do-novo-maracana-para-copa-de-2014.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

ponto de vista econômico e técnico, segundo o órgão, seria a sua completa demolição e construção de uma nova, desconsiderando o fato de ser um bem tombado. Porém, outros especialistas consultados apresentaram discordâncias. É o caso do laudo feito pelo CISDEM (Centro de Seguridad y Durabilidad de Estructuras y Materiales, da Universidade de Madri)

Em recente entrevista ao jornal O Dia, a engenheira Maria del Carmen, do CISDEM, “uma das maiores especialistas do mundo em estruturas”, confirma haver problemas na marquise, porém ressalta: “Apresentavam certo nível de deterioração na estrutura, que precisava ser reparada. Algo tinha que ser feito. Mas demolir não era imprescindível, também poderiam ser feitos reparos” (GIRÃO, 2012)

O laudo feito pela engenheira espanhola propunha soluções alternativas à demolição, visando a manutenção arquitetônica do estádio (GIRÃO, 2012). Destacamos aqui duas possibilidades apresentadas. Uma sugestão foi a reparação da marquise original, medida mais econômica, mas que não solucionaria o problema de vez, tendo vida útil de apenas dez anos. Outra opção seria a demolição da marquise, reconstruindo-a da mesma forma que a anterior, com vida útil de mais de cinquenta anos e manutenção da estética e arquitetura original do estádio, o que nos pareceria uma decisão bastante razoável, tendo em vista que se trata de bem tombado.

Incrivelmente, ao ser consultado sobre a derrubada da marquise e demais obras de intervenção no Maracanã, o IPHAN autorizou. O principal responsável pela autorização foi o superintendente regional do órgão no Rio de Janeiro, Carlos Fernando Andrade, que fez coro com a EMOP sobre não haver tempo hábil para reparar a marquise, sendo necessária a sua derrubada para que o estádio ficasse pronto dentro do prazo e não corresse riscos de deixar de ser impedido pela FIFA de receber jogos da Copa do Mundo<sup>72</sup>. É no mínimo estranho, para não dizer lamentável, que o superintendente estivesse mais preocupado com a participação do estádio na Copa do que com a preservação do bem tombado<sup>73</sup>.

Ademais, a justificativa apresentada por Andrade no ofício que autorizou as obras de descaracterização do estádio foi de que seu tombamento seria de valor etnográfico e “imaterial”, e não pela sua arquitetura, o que permitiria as alterações na marquise e a destruição das arquibancadas. Segundo o superintendente, as modificações arquitetônicas não

<sup>72</sup>Ofício que autorizou mudanças no Maracanã aponta para ordens da Fifa e admite reversão das intervenções após a Copa. ESPN. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/331133\\_oficio-que-autorizou-mudancas-no-maracana-aponta-para-ordens-da-fifa-e-admite-reversao-das-intervencoes-apos-a-copa](http://www.espn.com.br/noticia/331133_oficio-que-autorizou-mudancas-no-maracana-aponta-para-ordens-da-fifa-e-admite-reversao-das-intervencoes-apos-a-copa). Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

<sup>73</sup>De acordo com reportagem de Lúcio de Castro para os canais ESPN, o superintendente do IPHAN que autorizou as obras era também funcionário do governo do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/330860\\_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaixo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado](http://www.espn.com.br/noticia/330860_dossie-maracana-superintendente-do-iphan-que-autorizou-bota-abaixo-do-maracana-e-funcionario-do-governo-do-estado). Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

afetariam o “espetáculo das torcidas”, desconsiderando os impactos que o padrão FIFA de estádios causou nas culturas torcedoras ao redor do mundo. Houve enorme revolta de diversos profissionais do IPHAN que estiveram envolvidos desde o início do processo de tombamento e uma reunião do conselho consultivo do órgão foi convocada, no entanto, sem poder de revogação da autorização.

Em agosto de 2011, depois da derrubada da marquise, uma reunião do Conselho colocou em xeque o ofício do superintendente regional, que não compareceu ao encontro. Estarrecidos, os arquitetos Cláudia Girão e Nestor Reis viram sua argumentação pelo tombamento do Maracanã por seu aspecto etnográfico ser utilizada por Andrade para justificar a não relevância arquitetônica do estádio. “Ele distorceu o que nós escrevemos para o tombamento, que acabou se realizando em 2000. Foi extremamente antiético”, disse Cláudia à Pública. Em ata, Nestor Reis chegou a usar a expressão “má-fé” e a palavra “crime” para se referir à decisão de Andrade: “Como conselheiro relator, me sinto profundamente revoltado pelo modo como meu parecer foi utilizado, com má-fé, para inverter o sentido de tudo aquilo que escrevi<sup>74</sup>.”

De acordo com Claudia Girão (2012), ao ser inscrito no primeiro Livro do Tombo, o Maracanã obteve reconhecimento “como exemplar arquitetônico de excepcional valor etnográfico que deve ser preservado materialmente“. Assim, a suposta ideia de tombamento “imaterial” induz a interpretações errôneas, ou distorcidas. Segundo a arquiteta, a derrubada da marquise do Maracanã pode ser considerada uma das mais radicais intervenções realizadas em bens tombados que não sofreram incêndio ou calamidades. Já Nestor Goulart Reis, relator do processo de tombamento, afirmou que a cobertura não poderia ser demolida em “hipótese alguma”, pois obras em bem tombados apenas podem ser realizadas para preservá-los ou restaurar traços originais.

A reação de especialistas de dentro do próprio IPHAN acendeu o debate público e gerou uma ação do Ministério Público Federal, que contestou na justiça a derrubada da marquise, solicitando sua reconstrução e paralisando as obras por um período. No entanto, a Justiça Federal entendeu que IPHAN e EMOP agiram de forma técnica e autorizou a retomada das obras, argumento também sobre o prazo para a Copa do Mundo. A decisão afirmou que “a reparação das armaduras originais foi considerada inviável, pois a medida demandaria tempo (o que impediria o uso do estádio para a Copa do Mundo de 2014), teria alto custo e a estrutura reparada não teria a durabilidade que justificasse o investimento realizado.”<sup>75</sup>

<sup>74</sup> A anatomia de um crime. *A Pública: agência de jornalismo investigativo*. Disponível em: <https://apublica.org/2017/03/anatomia-de-um-crime/>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

<sup>75</sup> Justiça Federal autoriza demolição de marquise do Maracanã. *Globo.com*. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/08/justica-federal-autoriza-demolicao-de-marquise-do-maracana.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

#### 4.2.2 O conturbado processo de privatização: a democracia direta do capital

Como já vimos, a ideia da concessão da gestão do estádio para a iniciativa privada circulava desde reformas anteriores. Desta vez se concretizaria, em um processo extremamente conturbado, sem transparência e autoritário, aproveitando-se da instauração da “cidade da exceção, que não seria senão a afirmação, sem mediações, da democracia direta do capital” (VAINER, 2011), prática iniciada a partir da inclusão do Rio de Janeiro na rota dos megaeventos e na produção da cidade-espetáculo, da qual falamos no capítulo 3.

No início de 2012, o governo estadual encomendou um estudo de viabilidade financeira para o gerenciamento do estádio. A única empresa a apresentar o estudo foi a IMX Holding AS, do empresário Eike Batista, cuja relação com o ex-governador Sérgio Cabral foi amplamente exposta nos últimos anos, devido às investigações que levaram os dois a condenações judiciais. Na proposta ofertada pela IMX, previa-se a transformação do complexo esportivo do Maracanã em um Complexo de Entretenimento, sob variadas formas:

- Estádio, Arena Multiuso: além dos jogos de futebol e de eventos esportivos, ocorrerão concertos musicais, apresentações e outros espetáculos de entretenimento, buscando tornar o empreendimento mais atrativo do ponto de vista econômico financeiro;
- Bares e Restaurantes: além dos localizados dentro do Maracanã e do Maracanãzinho, existirão instalados bares e restaurantes na área comum do complexo, os quais serão pontos de venda de alimentos e bebidas numa variedade de produtos abrangendo desde lanches rápidos a refeições completas;
- Espaço para realização de Congressos e eventos corporativos: integrando o complexo, tais espaços serão utilizados para reuniões, conferências, exposições, banquetes ou outros eventos como casamentos, festas de diferentes portes e públicos;
- Estacionamento: será explorado nos dias de eventos e também nos dias em que não haja eventos, a fim de atender aos residentes em torno do Complexo;
- Museu: possuindo um acervo capaz de proporcionar ao visitante o conhecimento sobre a história do futebol brasileiro e a história do Estádio do Maracanã (RIO DE JANEIRO, 2012, p.4)

Para cumprir o exposto, o estudo da IMX relatou a necessidade de demolição de parte do Complexo Esportivo, como a Escola Municipal Friedenreich, o estádio de atletismo Célio de Barros e do Parque Aquático Júlio Delamare, com o compromisso de reconstrução dos mesmos em outros espaços, por parte da concessionária que assumisse a gestão do estádio.

No fim de novembro de 2012, foi realizada uma audiência pública para discutir os moldes do edital de licitação a ser lançado. O evento foi marcado por manifestações de setores da sociedade civil, dentre eles estudantes, pais de alunos da escola Friedenreich,

---

torcedores de futebol, indígenas e parlamentares. A principal reivindicação era o cancelamento da audiência, pois segundo os manifestantes, o que deveria ser debatido era a privatização em si, fato de que já era considerado consumado pelo governo do estado, sem qualquer possibilidade de consulta a população. Em relação aos questionamentos dos manifestantes, o secretário da casa civil do Rio de Janeiro, Regis Fichtner, afirmou que o governo estava “fazendo o que ocorreu nos melhores estádios do mundo [...] oferecendo conforto aos torcedores”, alegando não ser possível “manter o Maracanã da mesma forma que ele era como em 1950. As exigências do mundo são outras”.<sup>76</sup> Analisaremos com mais profundidade os processos de resistência popular a privatização e as demolições do entorno no próximo tópico deste capítulo. Mas podemos perceber no discurso do governo um exemplo do regime da “cidade do pensamento único”, prática típica do planejamento urbano neoliberal (ARANTES, VAINER e MARICATO, 2000)

O fato é que em fevereiro de 2013, durante a etapa final da reforma, após investimento público de 1 bilhão de reais, foi produzido por parte do governo estadual o Decreto 44.082, que incluiu no Plano Estadual de Parcerias Público-Privadas o projeto para concessão de administração e operação do estádio Mário Filho e do Ginásio do Gilberto Cardoso (Maracanãzinho) para a iniciativa privada. A licitação ocorreu em maio de 2013 e o consórcio vencedor, denominado Maracanã S.A, foi um grupo formado pelas empresas Odebretch (90%), a IMX (de Eike Batista, a mesma que fez o estudo de viabilidade) e AEG Administração de Estádios LTDA, conquistando o direito de gerir o estádio pro 35 anos. De acordo com nota divulgada, o consórcio se comprometeu a “promover uma gestão de nível internacional e garantir a modernização do complexo para consolidá-lo como pólo de entretenimento do Rio de Janeiro e do Brasil.”<sup>77</sup>

Em contrapartida, o consórcio se comprometeria a pagar 4,5 milhões por ano ao governo, com carência de 1 ano pela outorga da concessão, além da realização das obras no entorno, com as demolições planejadas e a construção do estacionamento e museu. Como destacam Oliveira e Vainer (2014, p.104), tomando como referência este valor anual a ser pago pelo consórcio, o total a ser recebido pelo governo do estado ao fim dos 35 anos de concessão seria de apenas 15% do montante investido na reforma do estádio. Ou seja, no final

<sup>76</sup>Audiência pública sobre privatização do Maracanã é marcada por protestos. GloboEsporte.com. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/11/audiencia-publica-sobre-privatizacao-do-maracana-e-marcada-por-protestos.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

<sup>77</sup>Grupo com Eike vence licitação e vai administrar o Maracanã por 35 anos. GloboEsporte.com. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-das-confederacoes/noticia/2013/05/grupo-de-eike-e-habilitado-e-vence-processo-de-licitacao-do-maracana.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.



das contas, os gastos são públicos, mas os lucros, privados, prática corriqueira do neoliberalismo.

Na ocasião, uma das vozes dissonantes no campo político fluminense foi o então deputado estadual Marcelo Freixo. Em discurso proferido nas tribunas da ALERJ, logo após a licitação, o deputado criticou o estudo feito pela IMX e o processo de privatização:

Isso aqui não deveria se chamar estudo de viabilidade. Deveria se chamar projeto de entrega do interesse público ao interesse privado. Isso aqui é uma vergonha, uma peça de propaganda para a própria IMX, que faz o estudo, que concorre a licitação e ganha. O senhor Eike Batista mente e a gente pagou para isso. Desde quando o Júlio Delamare e o Célio de Barros são ociosos? Desde quando a população optou por uma mudança de perfil de público para cobrar mais caro e para ser mais lucrativo? Não tem nenhum interesse público garantido neste projeto<sup>78</sup>

Como aludido por Freixo, no trecho acima, uma das intenções com a reforma de fato era a elitização do público frequentador. Isso fica explícito em artigo escrito por Daniel Hopf Fernandes, arquiteto responsável pelo projeto do Novo Maracanã, onde afirma que, para “definir os produtos de uma nova arena, sua quantidade, seu conteúdo e sua política de preços, é preciso conhecer bem o público-alvo”, justificando a necessidade de atrair o que denomina de “público premium”, que ocuparia em torno de 16% da capacidade total de uma arena, mas podendo representar até 70% da receita total do estádio (FERNANDES, 2013, p.66).

De acordo com o contrato da parceria público-privada entre o governo do Rio e o consórcio Maracanã S.A, os valores de ingressos para o estádio deveriam variar entre R\$ 50,00 e R\$ 500, conforme podemos ver na imagem abaixo (figura 22). Chama atenção os termos utilizados para se referir aos “produtos” (ingressos), típicos do mundo empresarial.

Figura 22 - Preços dos ingressos por assento, segundo o contrato de privatização do Maracanã

Produto	Localização	Valor (R\$)
Camarote Corporativo	Centro	500
Camarote Corporativo	Asa	350
Camarote Frisa	Centro	400
Camarote Frisa	Asa	300
Assento Premium Corporativo	Centro	300
Assento Premium Corporativo	Asa	250
Assento Premium	Centro	250
Assento Premium	Asa	200
Fã Tickets	Centro	90
Fã Tickets	Asa	70
Fã Tickets	Atrás do Gol	50

Preços de Assentos Por Produto Premium no Estádio

<sup>78</sup> O discurso encontra-se disponível na página do deputado Marcelo Freixo no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xPShxf1W25w>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/noticia/2013/10/maracana-estimativa-de-lucro-de-concessionaria-atinge-r-95-mi-ao-ano.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

#### 4.2.3 O Novo Maracanã: arena padrão FIFA e do novo torcedor

A reabertura do estádio, inicialmente prevista para dezembro de 2012, atrasou, ocorrendo apenas em abril de 2013, em um jogo festivo entre ex-jogadores, com presença apenas de operários e seus familiares. A primeira partida oficial foi um amistoso entre Brasil e Inglaterra, em junho de 2013, às vésperas da Copa das Confederações, o primeiro evento-teste visando a Copa do Mundo do ano posterior<sup>79</sup>.

Quando reinaugurado, o Maracanã apresentou um formato interior bastante diferente, além da nova marquise (figura 24), perdendo sua identidade arquitetônica e se assemelhando a diversas outras arenas modernas do futebol mundial. As arquibancadas de concreto que existiam com cadeiras verdes, amarelas e brancas, foram colocadas abaixo, para dar lugar a um único anel de assentos no estádio com nova inclinação (figura 23). Também foram construídas 4 novas rampas de acesso pelas laterais, para facilitar a entrada e saída do público, além da instalação de novos placares eletrônicos, com 7 metros de altura por 16 de largura. O gramado, que originalmente possuía 100mx75m, passou a ter 105x68m, diminuindo a largura do campo.

Figura 23 - Comparação do Maracanã antes e depois da reforma para a Copa do Mundo de 2014



<sup>79</sup>Brasil empata com a Inglaterra no reencontro com o Maracanã. GloboEsporte.com. 03 de junho de 2013. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/brasil-empata-com-inglaterra-no-reencontro-com-o-maracana.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

Imagem comparativa produzida em reportagem especial do GloboEsporte.com, evidenciando as mudanças após a reforma para a Copa do Mundo de 2014, com a destruição do anel duplo e a formação de um único lance de assentos. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/6-o-novo-maracana.html>. Acesso em 22 de setembro de 2021

Figura 24 - Comparação evidenciando as mudanças na marquise do Maracanã após a reforma para a Copa do Mundo de 2014



Imagem comparativa produzida em reportagem especial do GloboEsporte.com, evidenciando as diferenças entre a tradicional marquise do Maracanã e a nova marquise, construída na reforma do estádio para a Copa do Mundo de 2014. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/especial-maracana/6-o-novo-maracana.html>. Acesso em 22 de setembro de 2021

O Novo Maracanã passou então a ser dividido em quatro grandes setores, com subdivisões internas dentro deles, conforme demonstra a **figura 25** abaixo. Atrás das balizas, os setores Norte e Sul foram distribuídos em cadeiras inferiores e superiores. Com visão central para o gramado, localizam-se os setores Leste e Oeste, também dividido em parte inferior e superior. Com as obras, a capacidade do estádio foi, mais uma vez, reduzida, passando a comportar no máximo 78 mil pessoas, todas sentadas.

Figura 25 - Nome dos novos setores do Maracanã de acordo com a concessionária Maracanã S.A



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/noticia/2013/09/concessionaria-da-novos-nomes-aos-setores-do-maracana.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

Além disso, o estádio passou a contar com 110 novos camarotes, amplamente enfatizados pela imprensa e pelos gestores da arena, com cerca de 80m<sup>2</sup>, ar condicionado, poltronas, bar e banheiro privativos (figura 26). Em vídeo de divulgação do Novo Maracanã, a concessionária responsável pela administração do estádio apresenta com ênfase o setor “Maracanã Mais”, destinado ao “público vip”, situado na parte inferior do lado Oeste, com maior proximidade e melhor visão do campo de jogo. Este setor passaria a ser o mais caro do estádio, possuindo diversos serviços agregados, como alimentação e bebidas, com estética bastante semelhante a dos shoppings centers<sup>80</sup>.

Figura 26 - Novos camarotes do Maracanã para a Copa do Mundo de 2014



Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2012/12/maracana-apresenta-camarote-modelo.html>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

Se nas reformas anteriores, para o Mundial de Clubes de 2000 e para os Jogos Pan Americanos de 2007 o estádio foi modificado, mas poderia ser restituído de características originais, como apontaram alguns especialistas (GIRÃO, 2012), desta vez a radicalidade da reforma não permitiria. Com a destruição da marquise e do anel das arquibancadas, e a reconstrução de toda a parte interior do estádio, com nova inclinação e setorização, o estádio foi descaracterizado de forma irreversível.

Passemos agora à análise de alguns discursos proferidos por atores políticos envolvidos na reforma do Maracanã para a disputa da Copa do Mundo de 2014, onde perceberemos que grande parte das transformações foram justificadas através da ideia de modernidade e progresso, e há, uma clara proposta de novo padrão de estádio e comportamento do público.

<sup>80</sup>O vídeo encontra-se no canal Odebrecht Arenas no Youtube. Disponível em: Arenas <https://www.youtube.com/watch?v=hixCz7nHD0w>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2022.

Para Michel Foucault (1996) o discurso é uma construção de características sociais, onde se deve levar em conta o contexto da sociedade em que foi produzido, pois ela é a base de sua estrutura, exprimindo características intrínsecas e extrínsecas. Desta forma, ressaltamos que entendemos o campo discursivo como uma arena onde é possível perceber a manifestação de diferentes perspectivas e ideologias, como aponta Bakhtin (apud BRANDÃO, 1991, p. 9).

Em texto escrito para a coluna de opinião do jornal *O Globo*, em abril de 2013, no contexto de proximidade da reabertura do estádio, o então secretário da casa civil do governo estadual, Regis Fichtner sai em defesa das reformas realizadas no estádio, com os seguintes argumentos:

O novo Maracanã impressiona pela sua beleza, o seu conforto, a sua funcionalidade e o seu padrão tecnológico. O estado o transformou em um estádio moderno, sem que ele perdesse as características que o fizeram um dos principais ícones do esporte mundial.[...] Sempre que grandes transformações são realizadas, há resistência por parte de pessoas que têm receio do novo. Tem gente que nunca quer mudar nada, que sente nostalgia da geral, onde os mais pobres quase não conseguiam assistir ao espetáculo. Que tem saudade do acesso precário, dos banheiros fétidos, do sistema de som inaudível, da falta de segurança. O governo do estado quer um novo Maracanã, acessível a toda a família, onde as torcidas possam fazer a sua festa com segurança e conforto.<sup>81</sup>

Enfatizando as novas características arquitetônicas e estruturais do estádio, como telões de últimas geração, câmeras de segurança e camarotes climatizados, o secretário estadual afirma que “o Rio de Janeiro tem hoje o melhor estádio de futebol do mundo”, e alega a necessidade de repassar sua gestão para a iniciativa privada, que poderá gerir com “padrões internacionais de qualidade”.

Em suas palavras percebe-se a estratégia retórica, recorrentemente utilizada pelas classes dominantes, de contrapor o antigo ao moderno, como forma de legitimar o pretensioso discurso que toma o novo como algo necessariamente positivo. Assim, segurança e conforto viram algumas das palavras da vez, para defender as modificações e convencer a opinião pública. Porém, como aponta o historiador Flávio de Campos, na verdade, o que se pretende em nome do conforto e da segurança nas arenas modernas é uma verdadeira higienização social. “A segurança que se pronuncia é a segurança para o consumo, e a constituição de lugares seguros para o consumo” (CAMPOS, 2014, p.358).

Outra fala emblemática é a entrevista concedida por João Borba, então diretor do consórcio privado que passou a gerir o Maracanã, reproduzida no jornal *O Globo*, em julho de 2013, nas vésperas da partida entre Fluminense x Vasco, a primeira entre clubes no estádio remodelado. Segundo a matéria, o objetivo do consórcio seria fazer do local “mais que um

---

<sup>81</sup>FITCHNER, Regis. O Novo Maracanã. In: *O Globo*, 19 de abril de 2013, p.23)

estádio”, mas sim um “novo centro esportivo, cultural e de convivência da cidade”, onde deveria entrar em vigor uma nova maneira de torcer. Nas palavras do gestor:

Temos de trabalhar com os clubes nesta mudança de hábitos. Bandeirões gigantes, mastros de bambu, torcedores sem camisa, não assistir aos jogos em pé [...]Fui no último fim de semana às finais do tênis em Wimbledon, e no convite, estava escrito que não é recomendável ir com uma determinada roupa... Quando um inglês lê “não recomendável”, entende que não deve usar aquele tipo de roupa.<sup>82</sup>

Norbert Elias (1994) nos mostra que manuais de conduta ou comportamento podem sugerir sintomas de processos sociais mais amplos, de profundas mudanças culturais. Neste sentido, compreendemos a fala do diretor do consórcio privado que passou a administrar o Maracanã como um indício da construção de um novo modo de torcer e se portar nos estádios de futebol, aquilo que Giulianotti (2002) chamou de “pós-torcedor”, do qual já falamos na seção anterior sobre as arenas. Em um contexto mais geral, o filósofo italiano Giorgio Agamben afirmou ser uma característica do capitalismo contemporâneo promover a dessubjetivização dos indivíduos, através do que ele chama de “dispositivos”, que são “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes.” (AGAMBEN,2005, p.13)

E prosseguindo, na mesma entrevista, o diretor do consórcio também ressalta outras ideias para a nova arena moderna:

Terá restaurantes, museus, estacionamento, lojas temáticas, de modo que o torcedor possa vir ao Maracanãzinho de manhã, para assistir a um espetáculo, depois almoce, visite o museu e à tarde vá ao jogo. A ideia é a de fazer do estádio um centro de convivência da família.<sup>83</sup>

O trecho acima reforça a ideia, anteriormente colocada, de que o novo modelo de estádio também se insere no projeto urbano do capitalismo em sua forma neoliberal, tendo como objetivo atrair público não somente para as partidas, mas também para consumir serviços e outras atrações. Um fenômeno das cidades contemporâneas, pautadas em uma arquitetura constituída como espaço para o consumo. Assim:

as novas arenas ampliam e radicalizam o sentido da cidade mercadoria, ao impor valores comerciais muito mais altos para os ingressos e para a alimentação em seu interior, eliminando assim agentes e serviços informais que tradicionalmente compunham a experiência dos torcedores. Acima de tudo, para garantir a plena realização da mercadoria, vem sendo imposto um crescente aparato normativo que

---

<sup>82</sup>Ambiente exige respeito no novo Maracanã. O Globo. 11 jul. 2013. Disponível em:<https://oglobo.globo.com/esportes/ambiente-exige-respeito-no-novo-maracana-9000186>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022

<sup>83</sup>*Ibidem*



visa eliminar ou subjugar práticas e usos populares, em favor de comportamentos mecânicos e dirigidos, voltados para o consumo passivo. Toda a nova arquitetura dos estádios aposta nesse princípio do controle dos corpos, condicionando a circulação dos frequentadores e reduzindo seu comportamento à passividade, distanciando-os do tradicional protagonismo festivo das massas ruidosas e, por vezes, imprevisíveis (MASCARENHAS, 2013, p.145)

#### **4.3 O contra-ataque torcedor: movimentos sociais e movimentos de torcedores, o futebol e o direito à cidade.**

O estádio do Maracanã, outrora um espaço popular da cidade do Rio de Janeiro, concebido enquanto um “estádio das massas”, sofreu profundas transformações, como vimos na parte anterior do nosso trabalho. No entanto, é importante salientar que tais mudanças não aconteceram sem resistência popular, que inclusive serviu para impedir que o projeto inicial de reforma do estádio e seu entorno – até mais danoso do ponto de vista social- fosse além. Vozes dissonantes buscaram maneiras de serem ouvidas, em meio às tentativas de silenciar as críticas por parte do poder público e de setores da grande imprensa.

Neste sentido, destacou-se a organização dos Comitês Populares da Copa e Olimpíadas, que se mobilizaram em denunciar as decisões arbitrárias e as violações de direitos por parte do poder público, ao longo dos preparativos para receber a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016. De acordo com Tanaka e Cosentino:

O Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro é um espaço de articulação política, composto por movimentos sociais urbanos, Organizações Não-governamentais, sindicatos, mandatos parlamentares, entidades de pesquisa, organizações comunitárias e pessoas sem vínculo institucional que passam a atuar neste espaço por acreditar em seu projeto político. (TANAKA e COSENTINO, 2014, p.208)

Os movimentos sociais podem ser entendidos, de maneira resumida, como um conjunto de ações coletivas, de caráter sociopolítico e cultural, com o objetivo de organizar e expressar demandas da sociedade (GOHN, 2010, p.13). Quando estes movimentos têm por base setores da população urbana, residentes nas cidades e reivindicam pautas relacionadas a ela, podem ser chamados de movimentos sociais urbanos.

Portanto, o Comitê Popular da Copa no Rio de Janeiro se instaura como uma articulação de movimentos sociais urbanos, tendo como pautas iniciais a reforma urbana, o direito à moradia e o direito a cidade, buscando realizar um contraponto ao projeto de cidade neoliberal elaborado em torno dos megaeventos esportivos (TANAKA e COSENTINO, 2014, p.214). Dentre os grupos que passaram a atuar de maneira articulada no Comitê, podemos

destacar a Associação Nacional dos Torcedores (ANT) e a Frente Nacional dos Torcedores (FNT), movimentos criados no ano de 2010, em um contexto de transformações no futebol brasileiro, que questionavam, principalmente, a elitização dos estádios e ausência de participação dos torcedores nos processos decisórios do futebol<sup>84</sup>. A FNT em sua página na rede social Facebook se descreve como “movimento social com objetivo de lutar pelos direitos dos torcedores, visando um futebol justo, democrático e popular”<sup>85</sup>.

Uma das primeiras ações do Comitê Popular da Copa foi a manifestação “Você Pensa que a Copa é nossa?”, realizada no dia do sorteio dos grupos das eliminatórias da Copa do Mundo, em julho de 2010. O objetivo principal do ato foi questionar o legado dos megaeventos, denunciando as remoções forçadas, por conta de obras de preparação para receber os jogos, a falta de transparência nos gastos públicos e a ausência de participação popular nas decisões, recordando experiências negativas anteriores de países que sediaram os megaeventos esportivos. Além disso, questionava-se os projetos de reformas dos estádios e o risco de elitização do público com a elevação do preço dos ingressos, experiência já ocorrida em outros lugares do mundo<sup>86</sup>.

Com o andamento dos preparativos para a Copa do Mundo de 2014 a atuação do movimento se amplifica. Em dezembro de 2011, após o governo estadual anunciar a intenção de privatizar o Maracanã, foi um realizado um grande ato, com um abraço simbólico no estádio<sup>87</sup>, e iniciou-se a campanha “O Maraca é Nosso”, que tinha como principais objetivos questionar diversos pontos:

**1 – Mau uso do dinheiro público:** De 1999 a 2006, foram gastos cerca de 400 milhões de reais em reformas que prometiam deixar o Maraca pronto para a Copa de 2014. Agora decidem colocar tudo abaixo e construir um novo estádio por mais de 1 bilhão ( !!! )

**2 – Privatização do Maracanã:** Após as centenas de milhões das reformas, e o bilhão da reconstrução, não faz sentido um patrimônio público, de todos os cariocas, ser repassado para a iniciativa privada (Eike Batista!!), que não investiu no estádio mas está a postos para embolsar o lucro gerado por ele. O Maraca é da população e não pode ser vendido!

**3 – Elitização do Maracanã:** A geral, espaço tradicional de participação popular, com ingressos a preços acessíveis, já havia sido extinta. Está cada vez mais caro

<sup>84</sup> A Associação Nacional dos Torcedores (ANT) foi a primeira a ser fundada e registrou atividades até o fim de 2011. A Frente Nacional dos Torcedores (FNT) foi uma dissidência da ANT, mas que manteve as atividades ao longo do tempo, inclusive, até os dias atuais.

<sup>85</sup> Página da Frente Nacional dos Torcedores (FNT) no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/torcedoresfnt/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>86</sup> Blog do Comitê Popular Rio. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2011/07/27/voce-pensa-que-a-copa-e-nossa-ato-unificado/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>87</sup> Convocação para o ato no Blog do Comitê Popular Rio. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2011/12/02/torcedores-fazem-manifestacao-em-frente-ao-maracana-no-sabado-2/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

frequentar e assistir futebol ao vivo, o que tem afastado boa parte da população dos estádios e enriquecido as empresas de TV a cabo. Exigimos preços populares!

**4 – “Europeização” do Maracanã:** Sem a geral, morrem as manifestações populares bem-humoradas. Agora, botam abaixo também as arquibancadas, espaço coletivo de criação, para a construção de um Maracanã apenas com camarotes, currais “VIPs”, cadeiras numeradas e lugares marcados, inviabilizando nossas formas tradicionais de torcer, com mobilidade e liberdade dentro do estádio, coreografias, instrumentos musicais, bandeiras... Queremos respeito à nossa cultura de torcedor e exigimos a inclusão de setores populares no projeto do novo estádio!

**5 – “Encolhimento” do Maracanã:** Recentemente, mais de 100 mil pessoas assistiam ao jogo com segurança no estádio. Com cadeirinhas acolchoadas e lugares marcados, cai pela metade a capacidade, aumenta o preço do ingresso, e menos pessoas podem ver o jogo. Pra ver seu time, o geraldino hoje é obrigado a se espremer no boteco da esquina!

**6 – Descaracterização arquitetônica do Maracanã:** O estádio, que era um patrimônio histórico e cultural tombado, passou a ser um patrimônio demolido, às vistas de todos, com as bênçãos do IPHAN. Sua arquitetura foi completamente descaracterizada, e a ideia é erguer uma “arena” asséptica e metida a besta. O Maracanã não pode virar shopping center!

**7 – Remoção de famílias do entorno:** Comunidades de baixa renda estão tendo suas casas demolidas para dar lugar a estacionamento gigantescos. Defendemos que o direito das pessoas a uma moradia adequada é um legado mais importante do que vagas para carros!

**8 – Falta de Transparência e Participação Popular:** Onde estão os laudos técnicos, os estudos de impacto e as plantas do projeto para o estádio? Em que mesa se decidiu a demolição da bancada e da marquise? Houve audiências públicas? Os torcedores, verdadeiros donos do Maraca, foram consultados? Onde está o balanço financeiro da SUDERJ que comprova que o Maracanã é deficitário?...

**9 – Repressão ao comércio informal no entorno do estádio:** Esqueça o isopor e a cervejinha antes de entrar no estádio. No “Novo Maracanã”, torcedor não bate-papo na porta do estádio, e trabalhador que tá na batalha toma madeirada no lombo e volta pra casa de mão abanando.

**10 – Favorecimento explícito a grupos empresariais:** Odebrecht, Andrade Gutierrez, Delta, Eike Batista... As figurinhas são sempre as mesmas: as mesmas que fornecem jatinhos, helicópteros e outros mimos para o Governador Sérgio Cabral; as mesmas que fecham contratos em todos os estádios da Copa e em outras obras de infraestrutura; as mesmas que vão ser donas dos camarotes VIPs das “arenas”; as mesmas que financiam as campanhas dos partidos políticos mais ricos...

**11 – Más condições de trabalho nas obras:** Enquanto as empreiteiras enchem o cofre de dinheiro, os operários das obras do Maraca reivindicam benefícios fundamentais e melhores salários e condições de trabalho. Em 2011, os trabalhadores ficaram pelo menos 24 dias em greve.<sup>88</sup>

A partir de 2012, o Comitê começa a tentar ampliar o debate público. Uma das estratégias foi a realização de ciclo de debates em universidades e escolas, tratando dos temas que envolviam os impactos dos megaeventos, como as remoções forçadas, as privatizações e a elitização da cidade e do Maracanã. Um destes eventos foi realizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e contou com a presença de pesquisadores e jornalistas esportivos<sup>89</sup>.

<sup>88</sup> As 11 posições do Comitê Rio para a campanha unificada “O Maraca é nosso”. Blog do Comitê Popular Rio. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2012/04/25/reuniao-campanha-sobre-o-maracana/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>89</sup> Divulgação do debate “O Maraca é nosso” na UERJ, em setembro de 2012. O evento contou com a presença do jornalista Mauro Cezar Pereira, então na ESPN, e de pesquisadores do IPPUR/UFRJ. Disponível em:



No início de 2013, o Comitê Popular da Copa, em parceria com o Observatório das Metrôpoles do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ (IPPUR/UFRJ), lançou uma Consulta Pública<sup>90</sup> para que a população pudesse opinar sobre a reforma do estádio e seu entorno, algo negado pelo governo estadual na audiência pública que apresentou o edital da privatização. O objetivo seria dar espaço para a participação da população, visando debater e documentar as propostas sobre qual configuração e modelo de gestão seria mais proveitoso para o Complexo do Maracanã e para a cidade do Rio de Janeiro, uma iniciativa de extremo apelo democrático, diferente do que era colocado em prática pelo poder público<sup>91</sup>.

Como bem demonstrou Henri Lefebvre (2001), a produção social do espaço social é sempre fruto do embate entre as classes, entre os que defendem a lógica do capital e as estratégias populares de resistência. Neste sentido, o autor propõe que o espaço é concebido por diferentes atores sociais. O novo Maracanã foi projetado pelo governo estadual do Rio em parceria com agentes econômicos ligados ao futebol, especialmente grandes empresários do ramo do esporte e entretenimento, onde se priorizou a concepção de um local voltado para o consumo. No entanto, a consulta pública proposta pelos movimentos sociais - para a população opinar sobre os rumos do Maracanã - e suas pautas reivindicatórias, revelaram alternativas ao caráter excludente do projeto colocado em prática pelos atores hegemônicos, uma outra maneira de conceber o estádio, onde levava-se em conta seu valor de uso, buscando dar voz aqueles que vivenciavam o estádio (o espaço vivido) e não eram ouvidos.

Diante do anúncio de que o governo tinha a intenção de demolir os prédios do entorno do complexo esportivo, como o parque aquático Júlio Delamare, o estádio de atletismo Célio de Barros, a escola Arthur Friedenreich e o Museu do Índio, as mobilizações se intensificaram. A articulação cresceu e artistas como Chico Buarque e Marcos Palmeiras gravaram vídeos em apoio a campanha<sup>92</sup>. Um ato ocorreu no dia 1 de dezembro de 2012, saindo da Praça Sães Pena, na Tijuca, até o estádio do Maracanã. As questões relacionadas ao

---

<https://comitepopulario.wordpress.com/2012/09/22/retificacao-nesta-terca-259-debate-o-maraca-e-nosso-na-uerj/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>90</sup> Movimentos sociais e grupos atingidos pelas obras do Maracanã lançam Consulta Pública Popular. Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2013/04/15/movimentos-sociais-e-grupos-de-atingidos-pelas-obras-do-maracana-lancam-consulta-publica-popular-nesta-terca-em-frente-ao-palacio-guanabara/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>91</sup> Infelizmente durante nosso trabalho não localizamos os resultados desta consulta pública. O site por onde ela foi realizada (<http://consulta.omaracaenosso.org.br>) não se encontra mais disponível.

<sup>92</sup> Os vídeos da campanha podem ser vistos na página do Comitê Popular Rio no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/ComitePopularRio/videos>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

direito dos torcedores ficaram em segundo plano, e a manifestação priorizou se posicionar contra a privatização e as demolições previstas (TANAKA e COSENTINO, 2014, p.222).

Figura 27 - Fotografia de manifestação da campanha “O Maraca é nosso



Disponível em: <https://comitepopulario.wordpress.com/2012/12/03/fotos-o-maraca-e-nosso/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

A mobilização traria resultados ao longo do ano de 2013, com o recuo gradual do governo do estado em relação às demolições do entorno do estádio. Todos os prédios ameaçados de destruição foram mantidos, o que foi entendido como uma vitória parcial do movimento. No entanto, a concessão do Maracanã para a iniciativa privada permaneceu em pauta e mesmo com as mudanças no projeto inicial, se consolidou, como vimos anteriormente. Mas não sem resistência. A campanha “O Maraca é Nosso” seguiu reivindicando a anulação da privatização do estádio (figura 27), ocupando espaço inclusive durante a disputa da Copa das Confederações, em junho, período em que o país foi também tomado por diversas manifestações de rua, que questionavam o acesso e a qualidade dos serviços públicos no país<sup>93</sup>. Durante a cerimônia de encerramento da competição, antes da partida final entre Brasil e Espanha, disputada no Maracanã, dois dançarinos que atuavam na

---

<sup>93</sup> Os protestos, que ficaram conhecidos como Jornadas de Junho de 2013, emergiram por causa do aumento da tarifa dos transportes públicos urbanos e se espalharam pelo país, sintetizando pautas daquilo que teóricos como Henri Lefebvre e David Harvey chamam de “direito à cidade”.

cerimônia driblaram a segurança e abriram um cartaz que pedia a anulação da privatização do estádio<sup>94</sup>.

Após a reinauguração do estádio, manifestações mais amplas arrefeceram, porém, ainda sim, ocorreram ações de movimentos de torcedores questionando desde a privatização até o encarecimento do preço dos ingressos e as novas “normas de conduta” dentro do estádio. Na ocasião da primeira partida entre clubes disputada no estádio, entre Fluminense e Vasco, em julho de 2013, a Frente Nacional dos Torcedores (FNT) organizou um ato do lado externo do Maracanã, com direito a um enterro simbólico do estádio, e distribuiu panfletos que questionavam alguns pontos da reforma, com dizeres como "devolvam meu Maraca", "meu Maraca não é shopping", "meu Maraca não é arena da Fifa" e "meu Maraca não é empresa".

Figura 28 - Protesto organizado pela Frente Nacional dos Torcedores no lado externo do Maracanã



Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/343810\\_protesto-pede-que-torcedores-joguem-aviaozinho-no-gramado-meu-maraca-nao-e-shopping](http://www.espn.com.br/noticia/343810_protesto-pede-que-torcedores-joguem-aviaozinho-no-gramado-meu-maraca-nao-e-shopping). Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

A disputa pelo direito dos torcedores também ficou explícita nas reivindicações da Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ), que solicitou uma reunião com o consórcio privado que passou a gerir o estádio e o governo estadual. O objetivo era conseguir permissão para o uso de bandeiras com mastro, instrumentos musicais e o direito de

<sup>94</sup> Protesto e acústica deficiente marcam cerimônia de encerramento da Copa das Confederações. ESPN. Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/339682\\_protesto-e-acustica-deficiente-marcam-cerimonia-de-encerramento-da-copa-das-confederacoes](http://www.espn.com.br/noticia/339682_protesto-e-acustica-deficiente-marcam-cerimonia-de-encerramento-da-copa-das-confederacoes). Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

assistir aos jogos de pé, inicialmente negados pelo consórcio Maracanã S.A, mas posteriormente permitidos após mediação do secretário de esportes do Estado. Além disso, a entidade representativa das torcidas organizadas aproveitou para pedir uma revisão no preço dos ingressos:

“A gente gostaria de cobrar a presença do Consórcio, que não veio à reunião, para pedir também um preço mais popular dos ingressos. E não falo isso pelas torcidas organizadas apenas, nós somos apaixonados, damos nosso jeito, mas sentimos pelo povo brasileiro. O salário mínimo é de pouco mais de R\$ 600 e uma entrada custa quase 10% disso. Setores custando mais de R\$ 100 e nenhuma alternativa para a população mais humilde, isso tem que mudar”, disse o presidente da FTORJ, Luís Gustavo.<sup>95</sup>

Em outro momento, a FTORJ também se posicionou, em seu blog, sobre a tentativa de normatização da conduta dos torcedores por parte dos novos gestores do Maracanã, colocando-se contrária as normas de comportamento para os torcedores e também tecendo pesadas críticas aos governantes em relação ao serviços públicos oferecidos à população, temática no cerne das questões das manifestações que ocorreram no país em 2013.

Recado aos governantes que gastaram milhões para destruir o símbolo do futebol brasileiro, o “Maracanã”. Fica o recado do povo: torcer como em um teatro e ser padrão FIFA no futebol, é a pqp. (perdoem o palavrão, mas com certas colocações e pessoas é bem empregado) antes de quererem instituir ou exigir um novo comportamento dos torcedores e cidadãos, passem a se comportar e agir como políticos e não como uma piada e um bando de marginais travestidos de parlamentares. Nunca terão esse comportamento de teatro em nossas arquibancadas. O futebol cresceu através dessa festa popular, sem rédeas e determinações. Antes de quererem impor alguma, façam uma educação, saúde e distribuição de renda nos padrões da Fifa. [...] Nunca terão um torcedor com padrão FIFA, nunca serão!!!<sup>96</sup>

De acordo com Gilmar Mascarenhas (2019), a disputa pelo estádio, ou seja, a luta dos torcedores pela anulação da privatização do Maracanã, pela redução do preço dos ingressos, pelo direito de assistir aos jogos em pé e de portar adereços típicos da cultura torcedora - como bandeiras e instrumentos musicais - deve ser compreendida como uma manifestação mais ampla da agenda dos movimentos sociais pelo direito à cidade. De acordo com o autor, o estádio de futebol deve ser entendido como um “espaço-tempo da reprodução social da metrópole”, onde os conflitos oriundos da imposição de novas determinações territoriais afloram no momento da definição nas normas de uso e acesso aos espaços. Assim, nas

<sup>95</sup> Organizadas cobram consórcio e clubes por ingressos mais baratos no Maracanã. Blog da FTORJ. Disponível em: <https://ftorj.wordpress.com/2013/07/20/organizadas-cobram-consorcio-e-clubes-por-ingressos-mais-baratos-no-maracana/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>96</sup> Torcida esnoba cadeira e reproduz a velha geral no Novo Maracanã. Blog da FTORJ. Disponível em: <https://ftorj.wordpress.com/2013/09/09/torcida-esnoba-cadeira-e-reproduz-a-velha-geral-no-novo-maracana/>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

palavras de Mascarenhas “o novo modelo de estádio que se quer implantar representa uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol”, ao promover a exclusão de setores populares - que historicamente ocuparam os estádios- e limitar formas e práticas do torcer.

#### 4.3.1 As impressões dos torcedores sobre o Novo Maracanã

Em texto publicado no site Ludopédio, o professor e historiador Marcos Alvito, frequentador do Maracanã desde a década de 1960, descreveu suas impressões ao pisar pela primeira vez no estádio recém reformado para a Copa do Mundo de 2014, na partida amistosa da seleção brasileira contra a seleção inglesa. Suas palavras são basilares para percebermos os impactos da transformação do estádio

Reinauguração do Maracanã. Depois de quase três anos, ao custo de mais de um bilhão de reais, o estádio ficava finalmente pronto. No mesmo mês de junho o Brasil foi sacudido por uma onda de manifestações que levou milhões às ruas. Em meio a um contexto de crise econômica, desconfiança na política, sentimento de injustiça e falta de esperança no futuro, os jovens se mobilizaram para protestar e a Copa do Mundo e seus gastos milionários viraram um símbolo perfeito a ser atacado. Eu também fui às ruas, mas não podia deixar de ir ao novo Maracanã. Pelo menos o Bellini ainda estava lá. Do lado de fora, ele parecia o mesmo: a fachada simples e adorada, a rampa de concreto velha de guerra, tudo isso estava lá. Quando eu finalmente me sentei no meu assento numerado, foi que eu senti a vertigem. Durante cinco minutos permaneci em estado de choque. Lícia percebeu e me perguntou, com carinho, o que estava havendo. Eu não conseguia saber onde estava. Não consegui reconhecer o estádio. Parecia uma realidade fora do lugar. Depois, conversando com amigos, todos me diziam a mesma coisa: já não conseguiam se localizar, não podiam reconhecer o lugar que haviam frequentado durante décadas.

Eu que passei um ano na Inglaterra visitando dezenas de estádios, digo sem medo de errar que esse estádio, que querem que a gente chame de Maracanã, é igual a muitos outros. Não tem mana, não tem magia, não tem química. Nem é estádio mais. É um estúdio feito para transmitir um show chamado jogo de futebol. (ALVITO, 2015)

O relato de Alvito nos possibilita tecer algumas reflexões. Se antes, o antigo Maracanã, o “gigante de concreto”, das arquibancadas e da geral a preços populares, proporcionava sentimentos de topofilia nos seus frequentadores, a reforma que deu origem ao Novo Maracanã, transformando-o em uma arena padrão FIFA, enterrou uma série de significados construídos pelos torcedores, que não mais se reconheciam naquele novo espaço.

Além disso, na fala de Alvito também se destaca a perda da identidade arquitetônica do Maracanã. A uniformização dos estilos arquitetônicos dos estádios de futebol é uma realidade da imposição do padrão FIFA nas novas praças esportivas. Em muitos casos, a semelhança entre as arenas é tamanha, que parecem praticamente o mesmo estádio, sendo



difícil que um espectador mais desatento consiga distinguir. É o caso do novo Maracanã e do estádio olímpico de Kiev, diferenciados, basicamente, por uma pista de atletismo, conforme demonstra imagem abaixo.

Figura 29 - Imagem comparativa que expõe semelhanças entre o Novo Maracanã e o Estádio Olímpico de Kiev



Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/631176\\_estadio-da-final-da-champions-de-2018-parece-o-maracana-e-ja-recebeu-olimpiada](http://www.espn.com.br/noticia/631176_estadio-da-final-da-champions-de-2018-parece-o-maracana-e-ja-recebeu-olimpiada). Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

Como destacam Bienstein et al (2014, p.184-185) do ponto de vista arquitetônico, o caso da reforma do Maracanã ilustra e consolida as tendências destruidoras da arquitetura contemporânea, operando um desequilíbrio entre a dimensão “antropomorfizadora” (relativa à arte e estética) e “desantropomorfizadoras” (relativa à técnicas), com exacerbada valorização apenas a esta última. Assim, “as sucessivas alterações que o estádio sofreu e está sofrendo alteram a capacidade da arquitetura do estádio atuar como suporte da memória coletiva”, já que a descaracterização arquitetônica impacta a capacidade de evocar lembranças de momentos anteriores no estádio (*ibidem*, p.187).

Ademais, também é válido destacar que tais tendências significam a perda da identidade nacional da engenharia e arquitetura brasileira, que em outros tempos – como no período da construção do Maracanã, em 1950 - foram consideradas estratégias de afirmação do nosso país no cenário internacional. Agora, em um mundo globalizado, tal lógica é invertida, e arquitetura e engenharia são valorizadas de acordo com a “introjeção da expertise

e dos modismos externos” (*ibidem*, p.197), algo que talvez Nelson Rodrigues incluísse como mais um exemplo do complexo de vira-latas.

A entrevista do jogador espanhol Arbeloa, nas vésperas da final da Copa das Confederações, sintetiza bem o que buscamos debater nos parágrafos acima:

Tenho que dizer que quando estivemos no Maracanã não tive a sensação de jogar em um estádio com tanta história. Você chega e vê um estádio moderno, novo, cheio de cores, então não é capaz de te transmitir a história dos jogadores que passaram aqui. Tem vestiários confortáveis, modernos e amplos. Não é como quando vamos a Anfield, La Bombonra, ao Monumental, que você sente o tempo, te transmite a história. Eu gostaria de jogar antes da reforma. Não fui capaz de sentir nem pensar que aqui atuaram jogadores tão importantes na história do futebol. Tive a mesma sensação quando joguei, por exemplo, nos estádios novos da África do Sul no Mundial ou os da última Eurocopa. Não tive a sensação de estar jogando em um estádio mítico do futebol<sup>97</sup>.

No que tange ao comportamento dos torcedores no Novo Maracanã, foi possível perceber que nem tudo aquilo que os gestores do estádio buscaram implementar foi alcançado. A tentativa de proibição de instrumentos e bandeiras já havia sido rechaçada e revista, após reunião dos torcedores organizados com o secretário de esportes do Estado. Também não obteve sucesso a obrigação dos lugares marcados e o impedimento de se assistir aos jogos de pé, principalmente nos setores mais populares do estádio pós-reforma (norte e sul), como constatou matéria da Folha de São Paulo, em setembro de 2013.

O novo estádio tem elevadores modernos, escadas rolantes e até fraldários. Em alguns setores é até possível jantar enquanto se assiste a uma partida de futebol. Mas, apesar de todo o conforto, os torcedores preferem vibrar como no antigo estádio. Em jogos com a lotação quase esgotada, os fãs transformam a nova instalação em uma "imensa geral", setor que foi extinto no Maracanã por proibição da Fifa. Na vitória do Flamengo sobre o Cruzeiro, por 1 a 0, há dez dias, cerca de 55 mil torcedores assistiram de pé a classificação do time carioca para as quartas de final da Copa do Brasil. Na última quarta-feira, com estádio vazio e milhares de assentos livres, a maioria dos flamenguistas optou por torcer de pé no setor com preço mais popular. [...]  
"Não há como sentar. A cadeira é bonita, mas temos que cantar para apoiar o time. Querem nos domesticar, mas não dá para mudar uma tradição. Na torcida do Flamengo, futebol é em pé", afirmou o auxiliar de operações Wellington Moreira de Castro, 27, que debutava no renovado estádio<sup>98</sup>

Em relação às percepções dos torcedores organizados quanto ao novo estádio recém reformado, uma importante pesquisa foi realizada por Bernardo Buarque de Hollanda e

<sup>97</sup> Lateral torce por Maracanazo e diz que Neymar é melhor do que ele esperava. UOL. Junho de 2013. Disponível em: <https://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/28/lateral-torce-por-maracanazo-e-diz-que-neymar-e-melhor-do-que-ele-esperava.htm>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

<sup>98</sup> Torcida esnoba cadeira e reproduz a velha geral no Novo Maracanã. Folha de São Paulo. 8 set, 2013. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/esporte/2013/09/1338625-torcida-esnoba-cadeira-e-reproduz-a-velha-geral-no-novo-maracana.shtml>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2022.

Jimmy Medeiros durante o segundo semestre de 2013, momento em que o Maracanã voltou a ser utilizado com frequência pelos quatro grandes clubes da cidade do Rio de Janeiro, após o período em que esteve fechado para as obras. De acordo com os autores, para a seleção dos entrevistados, “foi considerado “torcedor organizado” o sujeito que vestia camisa, boné, calça ou bermuda da facção investigada, bem como aqueles que portavam bandeira ou instrumentos musicais” (HOLLANDA e MEDEIROS, 2014, p.345). O objetivo foi tentar compreender como os torcedores organizados perceberam e avaliaram as mudanças ocorridas na “cultura torcedora”, diante da nova estrutura física do estádio.

Os resultados apresentaram algumas surpresas, mas também uma constatação já presente nas críticas de torcedores e dos movimentos sociais, em geral, à reforma do estádio. Destacaremos a seguir duas variáveis da pesquisa. A primeira diz respeito ao grau de satisfação com o novo Maracanã, onde 68% dos entrevistados declararam estar satisfeitos, em algum nível, com a nova configuração do estádio. Enquanto isso, do grupo de torcedores que não se consideraram satisfeitos, os resultados mostraram que 28% estavam insatisfeitos, e outros 5%, indiferentes. Porém, é válido destacar que deste número de torcedores que afirmaram alguma satisfação, 20% consideravam-se “pouco satisfeitos”. Em outra leitura dos dados, podemos também concluir que 53% dos entrevistados possuíam pouca ou nenhuma satisfação com o novo Maracanã.

De acordo com os autores, a avaliação positiva “em muito se deve à aparente “modernização” do estádio para sua adaptação ao modelo das arenas européias”, com a construção de novas rampas, a iluminação das marquises, os novos assentos com encosto, dentre outras novidades. Por outro lado, os torcedores entrevistados indicaram como aspectos negativos a redução da capacidade do estádio, a elevação no valor do ingresso e a mudança do perfil do público frequentador (*ibidem*, p.346).

No entanto, as avaliações positivas não se repetiram em outra variável da pesquisa, que dizia respeito “a possibilidade de o estádio ser palco para as formas coletivas de animar e apoiar o time”, ou aquilo que chamamos de “cultura torcedora”. Neste quesito, cerca de 66% dos entrevistados afirmou que o novo Maracanã piorou, em relação às condições para a festa das torcidas, prejudicando as tradicionais formas de apoio e animação dos torcedores. Foram mencionados como principais pontos prejudiciais à cultura torcedora a nova configuração arquitetônica do estádio, o uso de cadeiras fixas individualizadas, e o limitado espaço para estenderem as faixas das torcidas organizadas. O restante dos entrevistados dividiu-se entre percepções neutras e positivas, onde 15% consideram que continuou da mesma forma e 19% acredita que a condição do estádio para a festa das torcidas melhorou (*ibidem*, p.349).



#### 4.4 O custo do torcer: um panorama do preço dos ingressos (1999-2015)

A questão do preço dos ingressos esteve no cerne dos debates sobre as consequências que as novas arenas, construídas ou reformadas para a Copa do Mundo de 2014, trariam para o futebol brasileiro, sobretudo por conta das experiências anteriores em outros países, onde o acesso ao futebol encareceu significativamente após a construção deste novo modelo de estádio.

Alguns estudos produzidos no contexto dos preparativos para os megaeventos demonstraram que esse fenômeno, do aumento do preço dos ingressos nos estádios, já vinha ocorrendo no Brasil há algum tempo, e encontraria na construção das novas arenas e na proximidade da realização da Copa do Mundo da FIFA, um prato cheio para se consolidar. Vejamos a seguir alguns destes estudos.

Em primeiro lugar, uma pesquisa realizada pela Pluriconsultoria, como parte de um estudo sobre a crise de público nos estádios brasileiros, chegou a conclusão de que os ingressos de futebol no Brasil aumentaram 300% no período de 10 anos, entre 2003 e 2013, ano de divulgação da pesquisa. A título de comparação, o salário mínimo, no mesmo período, subiu 183%, a renda média do trabalhador 37% e a inflação totalizou 73%. Ou seja, o valor médio para acessar um estádio de futebol no país aumentou mais que o triplo da inflação, no mesmo espaço de tempo. A pesquisa levou em consideração os ingressos mais baratos disponibilizados pelos vinte clubes da série A do campeonato brasileiro, excluindo meia-entrada e promoções. O maior salto foi do ano de 2010 para 2011, onde o preço médio do ingresso saltou de 23 para 30 reais, como é possível ver na imagem abaixo (figura 30).

Figura 30 - Evolução do preço dos ingressos no futebol brasileiro entre 2003 e 2013

Preços dos Ingressos x outros indicadores Evolução comparativa 2003-2013								
Período	Ingresso - Preço médio em R\$ (*)	Salário Mínimo - R\$	Renda per Capita anual - R\$	BIG MAC - R\$	Cesta Básica - R\$	Inflação IPCA - % ano	Renda média do Trabalhador - R\$ / mês	Gasolina - R\$ / Litro
Mar-2003	9,50	240,00	8.382	4,60	210,01	5,2%	1.423	2,22
2004	11,20	260,00	9.511	5,50	213,48	7,6%	1.409	2,14
2005	11,50	300,00	10.720	5,80	212,82	5,7%	1.443	2,34
2006	11,90	350,00	11.709	6,30	207,10	3,1%	1.507	2,53
2007	13,30	380,00	12.769	6,90	229,39	4,5%	1.560	2,51
2008	15,40	415,00	14.183	7,60	283,31	5,9%	1.621	2,50
2009	18,30	465,00	15.992	8,00	283,06	4,3%	1.660	2,51
2010	23,00	510,00	16.918	8,70	299,07	5,9%	1.733	2,57
2011	30,20	545,00	19.509	9,50	321,10	6,5%	1.784	2,73
2012	34,30	622,00	21.252	10,50	351,73	5,8%	1.861	2,74
Mar-2013	38,00	678,00	22.402	10,50	386,17	1,5%	1.955	2,89
<b>Total 2003-2013</b>	<b>300%</b>	<b>183%</b>	<b>167%</b>	<b>128%</b>	<b>84%</b>	<b>73%</b>	<b>37%</b>	<b>30%</b>
<b>Média anual 2003-2013</b>	<b>14,9%</b>	<b>10,9%</b>	<b>10,3%</b>	<b>8,6%</b>	<b>6,3%</b>	<b>5,6%</b>	<b>3,2%</b>	<b>2,7%</b>
Fonte:	PLURI	Banco Central	Banco Central	EIU	Dieese	IBGE	IBGE	ANP

(\*) Preço médio das entradas inteiras não promocionais, para os jogos dos principais clubes Brasileiros.

Fonte: Pluriconsultoria. Disponível em: <https://www.pluriconsultoria.com.br/ingressos-futebol-brasil-aumentaram-300-10-anos/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

Outro importante estudo foi realizado pela BDO Consultoria, através de uma análise comparativa entre o valor dos ingressos nas novas arenas, inauguradas para a Copa do Mundo, em relação aos estádios “antigos”. Constatou-se uma grande discrepância no preço das entradas. Nas nove primeiras rodadas do campeonato brasileiro de 2013, o valor médio do ingresso nas arenas foi de R\$ 55,42, enquanto que nos estádios antigos foi de R\$ 25,20, uma diferença de 119%. A justificativa, segundo um consultor de gestão esportiva da BDO, é que nas novas arenas “o torcedor tem mais conforto, tem a questão da alimentação, o banheiro que ele pode utilizar”, sendo assim, no valor do ingresso paga-se por “por todo o serviço agregado”.<sup>99</sup>

De acordo com um levantamento feito pelo geógrafo Christopher Gaffney, a partir de dados oficiais da CBF, entre 2007 e 2012 houve crescimento da renda nos jogos do campeonato brasileiro da série A, ao mesmo tempo em que o período também marcou queda constante de público nos estádios. Em 2007, o público médio foi de aproximadamente 17 mil pessoas por jogo, enquanto que em 2012, não passou de 13 mil, uma diminuição de 15%. A renda das partidas, porém, registrou alta de 49% dentro do mesmo período temporal. De acordo com o geógrafo, em matéria publicada pelo site da Agência Pública – onde os dados da pesquisa foram divulgados – essa aparente contradição é fruto da elitização que vem ocorrendo no futebol brasileiro nos últimos anos.<sup>100</sup>

Para ilustrar a constatação do parágrafo acima, vejamos a análise comparativa feita por Gaffney, a partir dos números de público e renda de duas partidas disputadas no Maracanã, em um intervalo de três anos. A primeira, o clássico entre Vasco e Flamengo, disputado em agosto de 2010, anterior ao fechamento do estádio para as obras visando a Copa do Mundo, e a segunda, a partida entre Fluminense x Vasco, que marcou a reinauguração do estádio para os clubes da cidade, após as obras, em julho de 2013. A partir dos dados levantados, o pesquisador constatou que houve um aumento de 45% no preço do ingresso, além de que um público 23% menor no novo Maracanã, em 2013, produziu um lucro de 13,5% a mais em relação a partida de 2010.

---

<sup>99</sup> Estádio só para Rico? Ingressos disparam nos últimos dez anos no Brasil e novas arenas têm preços 119% maiores do que os estádios antigos, afastando os torcedores tradicionais. Site Agência Pública. Agosto, 2013. Disponível em: <https://apublica.org/2013/08/ingressos-disparam-nos-ultimos-dez-anos-brasil-novas-arenas-tem-precos-maiores-os-estadios-antigos-afastando-os-torcedores-tradicionais/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

<sup>100</sup>Ibidem

Tabela 3 - Comparação de público e renda no Maracanã, antes e depois da reforma para a Copa do Mundo de 2014.

	Vasco x Flamengo - 2010	Fluminense x Vasco – 2013
Público Total	60.202	46.860
Público Pagante	50.447	34.634
Renda Total	R\$ 1.368.290	R\$ 1.554.000.
Preço médio do ingresso (por torcedor presente)	R\$ 22,73	R\$33,16
Preço médio do ingresso (por torcedor pagante)	R\$ 27,11	R\$ 44,87

Dados do pesquisador Christopher Gaffney. Disponível em: <https://apublica.org/2013/08/ingressos-disparam-nos-ultimos-dez-anos-brasil-novas-arenas-tem-precos-maiores-os-estadios-antigos-afastando-os-torcedores-tradicionais/>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

A observação de algumas imagens do clássico disputado entre Fluminense x Vasco, no Novo Maracanã, em 2013, torna ainda mais clara a constatação exposta na pesquisa de Gaffney. Na fotografia abaixo (figura 31), é possível perceber um explícito contraste entre as áreas centrais do estádio (setores leste e oeste), com baixíssima presença de público, e os setores atrás das balizas (norte e sul), quase que completamente lotados. Os ingressos para os setores centrais do estádio custaram entre R\$ 100 e 300 R\$, enquanto que atrás dos gols o valor foi de R\$ 60,00, a inteira. Ou seja, o ingresso mais barato disponível, sem promoções de meia-entrada, custava quase 10% do valor do salário mínimo nacional na época, que estava fixado em R\$ 678,00. Enquanto que, nas áreas centrais, poderia chegar a quase metade de um salário mínimo.

Figura 31 - Imagem de um “clarão central” no setor com ingressos mais caros na partida entre Fluminense e Vasco em 2013



Disponível em: [http://www.espn.com.br/noticia/343834\\_maracana-tem-clarao-central-no-classico-em-setor-com-ingressos-mais-caros](http://www.espn.com.br/noticia/343834_maracana-tem-clarao-central-no-classico-em-setor-com-ingressos-mais-caros). Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

Esta situação pode ser caracterizada como um processo de “acumulação por despossessão” (HARVEY, 2005), conforme demonstra Orlando Santos Jr (2015, p.29-35) em seu artigo que analisa os impactos da mercantilização das cidades no contexto das reformas urbanas para os megaeventos esportivos. Neste processo, ocorre a transferência de “ativos” sob o controle das classes populares (a apropriação do espaço público, por exemplo, onde podemos pensar o estádio), para outros agentes econômicos, “capazes de inserirem estes ativos nos circuitos de valorização do capital”, constituindo-os em mercadorias destinadas as classes médias e altas, que possuem condições de pagar pelos serviços oferecidos. Mesmo sem a lotação máxima, o Maracanã passou a registrar, com certa frequência, arrecadações superiores a de outros tempos.

Em estudo do pesquisador Erick Omena, divulgado no blog do jornalista Mauro Cezar Pereira, é possível perceber que o aumento do valor dos ingressos no Maracanã é algo notório desde meados dos anos 2000, passando a pesar cada vez mais no bolso do torcedor. De acordo com o levantamento feito, no ano de 2004, quando o estádio ainda contava com o setor da geral, o bilhete mais barato para custava 5 reais, menos do que 2% do salário mínimo. Três anos mais tarde, em 2007, com a reforma que pôs fim a geral, preparando o estádio para os Jogos Pan-Americanos, o ingresso mais barato disponível passou a custar 20 reais, custo superior a 5% do salário mínimo da época.

Figura 32 - Valores percentuais dos ingressos mais baratos no Maracanã em relação ao salário mínimo em partidas disputadas entre 1950 e 2010

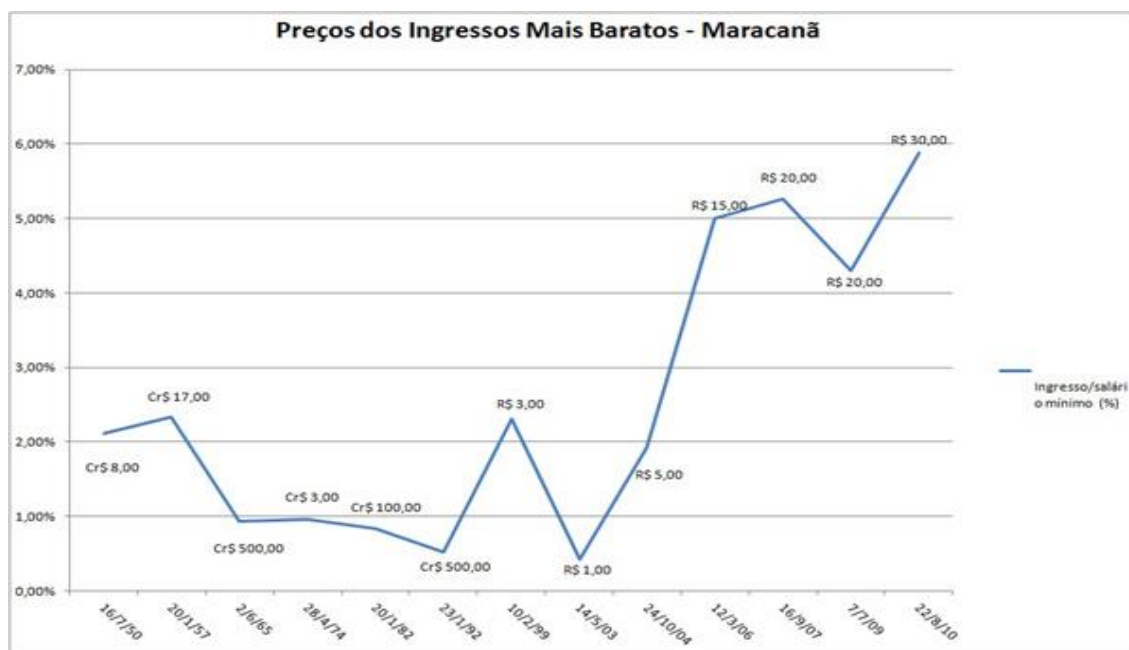


Gráfico que expõe os valores percentuais dos ingressos mais baratos no Maracanã em relação ao salário mínimo. Autoria do pesquisador Erick Omena. Disponível em: [https://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/348800\\_maracana-coloca-o-mais-pobre-para-correr-ha-anos-new-maracanan-acelera-o-processo-de-higienizacao](https://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/348800_maracana-coloca-o-mais-pobre-para-correr-ha-anos-new-maracanan-acelera-o-processo-de-higienizacao). Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

No sentido de atualizar e ampliar este brilhante levantamento iniciado por Erick Omena propomos traçar um panorama da evolução do preço dos ingressos no Maracanã, durante as últimas duas décadas, buscando perceber as mudanças diante das reformas pelo qual o estádio passou. Entendemos que o preço de um ingresso de futebol está sujeito a inúmeras variáveis, como o horário da partida, o desempenho do time ou o campeonato que está sendo disputado. Neste sentido, do ponto de vista metodológico, selecionamos para nossa análise as partidas decisivas (finais) do campeonato estadual do Rio de Janeiro, entre os anos de 1999 e 2015, no sentido de obter um padrão, pois quase sempre foram jogadas em horário habitual ao torcedor, com significativo apelo do público<sup>101</sup> - por se tratar de uma “decisão” - e que quase sempre foi disputada pelos quatro clubes de maior número de torcedores na cidade. A tabela 4, exposta abaixo, apresenta o resultado final do levantamento, onde consideramos o preço do ingresso mais barato disponível para a partida e o valor do salário mínimo vigente, para assim medirmos o custo do acesso ao estádio.

Tabela 4 - Relação do ingresso mais barato disponível com o salário mínimo vigente, entre os anos de 1999 e 2015.<sup>102 103</sup>

Ano	Partida	Ingresso com menor valor	Salário Mínimo <sup>104</sup>	Porcentagem do Salário Mínimo
1999	Flamengo x Vasco	R\$ 5,00 (geral)	R\$ 136,00	3,6%
2000	Flamengo x Vasco	R\$ 5,00 (geral)	R\$ 151,00	3,3%
2001	Flamengo x Vasco	R\$ 10,00 (cadeira inferior)	R\$ 180,00	5,5%
2003	Vasco x Fluminense	R\$ 3,00 (geral)	R\$ 240,00	1,2%
2004	Flamengo x Vasco	R\$ 3,00 (geral)	R\$ 260,00	1,1%
2005	Fluminense x Volta Redonda	R\$ 5,00 (geral)	R\$ 300,00	1,6%
2006	Botafogo x Madureira	R\$ 15,00 (arquibancadas)	R\$ 350,00	4,2%

<sup>101</sup> Porém, é válido ressaltar, que ao longo dos anos 2000, e sobretudo a partir da década de 2010, o campeonato carioca perdeu bastante relevância em relação a Copa do Brasil, Brasileirão e Libertadores, o que fez com que, normalmente, seus ingressos custassem menos do que esses torneios, sendo fixados limites mínimos e máximos pela FFERJ.

<sup>102</sup> Foi levado em consideração o ingresso de menor valor disponível, desde que não fosse promocional ou de meia-entrada.

<sup>103</sup> Não selecionamos nenhuma partida do ano de 2002, pois esta temporada foi marcada por um esvaziamento do estadual por parte dos principais clubes do Rio, que priorizaram a disputa do Torneio Rio-São Paulo, jogado durante o mesmo período, onde nenhum clube carioca obteve sucesso.

<sup>104</sup> As informações sobre os valores do salário mínimo foram retiradas do site do DIEESE. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/analisecestabasica/salarioMinimo.html>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.



105		verde e amarela)		
2007	Flamengo x Botafogo	R\$ 30,00 (cadeira inferior)	R\$ 380,00	7,8%
2008	Flamengo x Botafogo	R\$ 30,00 (cadeira inferior)	R\$ 415,00	7,2%
2009	Flamengo x Botafogo	R\$ 30,00 (cadeira inferior)	R\$ 465,00	6,4%
2010	Botafogo x Flamengo	R\$ 30,00 (cadeira inferior)	R\$ 510,00	5,8%
2014	Vasco x Flamengo	R\$ 80,00 (setor sul e norte)	R\$ 724,00	11%
2014	Flamengo x Vasco	R\$ 100,00 (setor sul e norte)	R\$ 724,00	13,8%
2015	Vasco x Botafogo	R\$ 60,00 (setor sul e norte)	R\$ 788,00	7,6%

Fonte: FFERJ, *O Globo* e *Jornal do Brasil*.<sup>106</sup>

Diante destes dados, é possível tecermos algumas considerações. Até a reforma visando o Pan-Americano 2007 - que pôs fim à geral - com exceção da final do campeonato carioca de 2001, onde não foram vendidos bilhetes para o setor, em nenhuma das partidas o ingresso mais barato disponível custou acima de 5% do salário mínimo. Entre 2003 e 2005, os ingressos não chegaram nem a 2% de um salário mínimo, o que tornava possível grande parte dos cariocas, e brasileiros, estarem presentes.

De 2007 em diante, com o Maracanã reformado para o Pan e portando um novo formato interno, sem a geral, a situação não seria mais a mesma. A cadeira inferior, setor que juntou as antigas cadeiras azuis e o espaço onde ficava a geral, passou a ser o mais barato do estádio, no entanto, com custo um pouco acima se comparado ao período anterior. Entre 2007 e 2010, o valor do bilhete para este setor nunca esteve abaixo de 5% do salário mínimo, chegando próximo dos 8%, mas registrou uma queda progressiva em seu custo ao longo dos anos, um possível reflexo da valorização do salário mínimo e a melhoria do poder de compra no país.

Entre 2011 e 2012 o Maracanã esteve fechado, por conta das obras para a Copa do Mundo de 2014. Foi reinaugurado no segundo semestre de 2013, e recebeu algumas partidas de clubes do Rio de Janeiro pelo campeonato brasileiro, principalmente Flamengo e Fluminense. Por conta de nossa análise levar em consideração apenas os jogos do campeonato estadual, selecionamos partidas dos anos de 2014 e 2015.

É a partir deste período que teremos uma mudança mais brusca. Se compararmos a última final do campeonato carioca antes da reforma do Maracanã para a Copa, perceberemos o custo do ingresso, em relação ao salário mínimo, quase dobrou, saltando de 5,8% para 11%.

<sup>105</sup> No ano de 2006, o Maracanã encontrava-se parcialmente em obras, com o anel inferior fechado, sendo comercializados apenas ingressos para as arquibancadas verde/amarelas e cadeiras especiais.

<sup>106</sup> As informações sobre os valores dos ingressos foram obtidas através de pesquisas nos acervos de *O Globo* e *Jornal do Brasil*, entre 1999 e 2007, e a partir de 2008, nas súmulas e borderôs das partidas, disponíveis no site da FFERJ.

Isso se levarmos em consideração o primeiro jogo da final de 2014, pois na segunda partida decisiva, o ingresso mais barato custava R\$ 100,00, quase 14% do salário mínimo. A diferença de valores entre uma partida e outra foi fruto da decisão dos mandantes. O fato é que, em ambas, tivemos uma majoração desproporcional do valor dos ingressos, resultado da “arenização” do Maracanã – onde o alvo passa a ser um novo tipo de torcedor, com maior poder aquisitivo - e também de sua concessão à iniciativa privada, que resultou no aumento dos chamados “custos operacionais” do estádio. Assim, para se obter lucro com as partidas, clubes e consórcio passaram a praticar valores maiores<sup>107</sup>. Um dos principais reflexos do encarecimento dos ingressos foi, sem dúvida, a limitada presença de público registrado nas finais de 2014. Na primeira partida, pouco mais de 25 mil presentes, e na segunda, inferior a 50 mil, número bem distante de outros “clássico dos milhões”<sup>108</sup> no Maracanã de outros tempos.

Em relação à final de 2015, foi possível perceber uma queda no valor dos ingressos mais baratos à disposição. Isso se deve a dois fatores, um concreto e outro no campo da hipótese. Em primeiro lugar, se explica pelo fato de que, neste ano, houve uma decisão da FFERJ que limitou a 60 reais o preço dos ingressos para os setores norte e sul nas semifinais e finais do campeonato estadual, gerando acalorado debate entre dirigentes dos clubes<sup>109</sup>. Outra possível explicação, ainda a ser verificada em pesquisas posteriores, é de que os preços praticados nos primeiros anos do Novo Maracanã, entre 2013 e 2014, afastaram os torcedores do estádio, refletindo em mudanças no ano seguinte. Um indício disso são os dados das partidas disputadas pelo Flamengo, clube de maior torcida do país e que ao lado do Fluminense assinou contrato com o consórcio que administrava o estádio para ser mandante dos jogos. Segundo matéria divulgada no site da ESPN<sup>110</sup>, em 26 jogos do rubro-negro realizados no Novo Maracanã, durante 2014, registrou-se no total 762 mil pessoas, totalizando cerca de R\$ 33 milhões de renda bruta. Ou seja, a média de público foi de menos de 30 mil pessoas por jogo, enquanto que a renda foi sempre maior que R\$ 1 milhão a cada partida.

---

<sup>107</sup> Futebol carioca não sustenta Novo Maracanã. O Globo, jan, 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/futebol-carioca-nao-sustenta-novo-maracana-14982947>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2022.

<sup>108</sup> Termo como é chamado o clássico entre Flamengo x Vasco, devido ao tamanho de suas torcidas a nível local e nacional.

<sup>109</sup> Arbitral define preços das semifinais e final do campeonato carioca. GloboEsporte.com. Abril, 2015. Disponível em: <http://ge.globo.com/rj/futebol/campeonato-carioca/noticia/2015/04/arbitral-define-precos-das-semifinais-e-final-do-campeonato-carioca.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

<sup>110</sup> Fla e o Maracanã em 2014: 26 jogos, 760 mil pagantes e mais de R\$ 1 mi por jogo. ESPN, novembro, 2014. Disponível em: <http://www.espn.com.br/noticia/460112-fla-eo-maracana-em-2014-26-jogos-760-mil-pagantes-e-mais-de-r-1-mi-por-jogo>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2022.

Números que reforçam a pesquisa apresentada por Christopher Gaffney, sobre a tendência de aumento nas rendas das partidas do futebol brasileiro com as novas arenas.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS: FIM DE JOGO?

No ensaio “Experiência e Pobreza”, Walter Benjamin tece comentários sobre o empobrecimento da experiência humana diante das intensas transformações que o mundo vivia no início do século XX, afirmando que “ficamos pobres. Fomos entregando, peça por peça, o patrimônio da humanidade, muitas vezes tivemos que empenhá-lo por um centésimo de seu valor, para receber em troca a moeda miúda do "atual" (BENJAMIN, 1986, p.198). Inspirados nas palavras do filósofo alemão, podemos refletir sobre as reformas realizadas no estádio do Maracanã ao longo das últimas décadas, insufladas pela retórica da modernidade e do progresso, da novidade como valor positivo, ocasionando uma completa reconfiguração de sua arquitetura, seus espaços e sua relação com os torcedores e a cidade do Rio de Janeiro.

De forma alguma esta é uma posição contrária aos avanços necessários e o desenvolvimento de melhores condições nos estádios de futebol. Tão pouco a crítica é mero saudosismo nostálgico. De fato, a “cultura torcedora” dos “estádios tradicionais” apresentava, de certa maneira, hostilidades e situações desconfortáveis para determinados grupos, como mulheres, idosos e crianças. Além disso, não se pode negar a necessidade do futebol ser viável do ponto de vista econômico, e também que os estádios devem ser seguros para o público.

Porém, o “velho Maracanã”, por sua arquitetura original, permitia maior liberdade de apropriação e movimentação dos torcedores, que naqueles espaços inventavam e reinventavam manifestações culturais. Os preços dos ingressos, diante do que os números indicam, eram mais acessíveis. Retomando a afirmação de Luiz Antonio Simas, apesar de não ser igualitário, o antigo Maracanã era inclusivo. Havia lugar para todos. Assim, consideramos que, tendo em vista o significado social do futebol para o povo brasileiro, é importante que sempre se busque conciliar as novas demandas do esporte com a manutenção da cultura festiva e popular dos estádios. Mas, nos parece que tais questões foram completamente ignoradas pelos agentes hegemônicos que conceberam o Novo Maracanã.

Os estádios de futebol materializam o modo como determinada coletividade – um clube, o Estado, ou a sociedade, por exemplo- imaginam a inclusão/exclusão de seus membros (DAMO e OLIVEN, 2014, p.125). Desta forma, o novo modelo de estádio que foi imposto, sem diálogo, engendrou novos e mais abrangentes mecanismos de exclusão. As arenas “padrão FIFA” são expressões particulares do que David Harvey (2005) denominou de “a produção capitalista do espaço”. Em outras palavras, a organização espacial com a finalidade de acumulação do capital. E na “cidade do pensamento único”, junto aos

desempregados e sem-teto, vieram a se somar os “sem estádio”, nova condição da excludente cidadania neoliberal (MASCARENHAS, 2014, p.230).

No entanto, como destaca Irlan Simões (2016, p.138), historicamente as formas de expressão das torcidas sempre resultaram de um processo dialético entre o “aspecto gerencial do espaço e dos corpos, e os seus próprios anseios, criações, reinvenções”. Em outras palavras, em uma perspectiva lefebvriana, entre o espaço concebido e o espaço vivido. Assim, o que pudemos ver foi também a luta e a resistência daqueles que se sentiram afetados, que entenderam as transformações do Maracanã como indícios da elitização do futebol, e da cidade, de processos mais amplos, da tentativa de conformar uma nova “territorialização” torcedora, marcadamente excludente. Por fim, como afirmou Gilmar Mascarenhas, o jogo continuou...

Lugar do vivido, preenchido por paixões e locuções, o estádio não se cala. E assim o jogo continua, na disputa pelo sentido do estádio, que sinaliza, de alguma forma, a luta pelo sentido da cidade. (MASCARENHAS, 2013, p.166)

## REFERÊNCIAS

- ALVITO, Marcos. *Maracanã, nascimento vida e morte em sete atos*. Ludopédio, São Paulo, v. 73, n. 11, 2015. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/maracana-nascimento-vida-e-morte-em-sete-atos/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.
- ARANTES, O; VAINER, C; MARICATO, E. (Orgs.). *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes. 2000
- BARROS, José D'Assunção. História, espaço e tempo: interações necessárias. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, v.22, n. 36, p.460-476, Jul/Dez 2006.
- BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2010
- BARROS, José D'Assunção. História Política: da expansão conceitual às novas conexões interdisciplinares. *Opsis (UFG)* , v. 12, p. 29-55, 2012.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BIENESTEIN, G.; MESENTIER, L. GUTERMAN, B. ; TEIXEIRA, V.H. A batalha pela preservação da alma do Maracanã: disputas simbólicas, lutas sociais, cidade e arquitetura. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- BROUDEHOUX, Anne Marie. *A construção da imagem urbana orientada por grandes eventos: potemkismo, a mídia e a periferia*. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.
- CAMPOS, Flávio. Arquitetura da exclusão: apontamentos sobre a inquietação com o conforto. In: CAMPOS, Flavio&ALFONSI, Daniela (orgs). *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo: Editora Leya, 2014. p. 349-364
- CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- COUTINHO, Renato Soares. *O projeto de construção do Estádio Municipal do Rio de Janeiro nos anos 1940: para o esporte carioca, para o progresso da cidade*. In: IV Seminário LEME Maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio, 2021, Rio de Janeiro. Anais IV Seminário LEME Maraca70: Mídia, Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro: UERJ, 2021. p. 198-202.

CRUZ, Antonio Holzmeister Oswaldo. *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DAMO, Arlei S. ; OLIVEN, Ruben G. *Megaeventos Esportivos no Brasil - Um olhar antropológico*. 1. ed. Campinas: Autores Associados, 2014.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Unesp, 2013.

FERNANDES, Daniel Hopf. A nova infraestrutura de arenas e a Copa de 2014: impulsionando a cadeia de entretenimento no Brasil. *Cadernos FGV Projetos*, ano 8, n. 22, p. 62-69, jun./jul. 2013

FERREIRA, João Sette Whitaker. Apresentação. Um teatro milionário. In: *Brasil em Jogo. O que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo, Ed. Boitempo: Carta Maior. p. 07-16. 2014

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, n. 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FIFA. *Estádios de Futebol Recomendações e Requisitos Técnico*. 5a edição, 2011. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/5064228-5a-edicao-2011-estadios-de-futebol-recomendacoes-e-requisitos-tecnicos-p.html>>. Acesso em: 20 abr. 2021.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996

FRANCO JR, Hilário. *Dança dos Deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. *O estádio de futebol como espaço disciplinar*. In: Seminário Internacional Michel Foucault - Perspectivas. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2004.

GAFFNEY, Cristopher. *Temples of the Earthbound Gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. USA: University of Texas Press, 2003.

GIRÃO, Claudia. *Maracanã: destruir ou preservar*. Projetos, São Paulo, ano 12, n. 133.08,

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HAESBAERT, Rogério. *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. Porto Alegre, 2004.

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.

HARVEY, David. *O neoliberalismo, histórias e implicações*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de . O fim do estádio nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flavio&ALFONSI, Daniela (orgs). *Futebol: objeto das ciências humanas*. São Paulo: Editora Leya, 2014. p. 321-349

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)*. 2008. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. B; MALAIA, J. M. C; TOLEDO, L. H; MELO, V. A. (orgs). *A Torcida Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2012. p.86-121.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MEDEIROS, Jimmy. Do “Colosso do Derby” à “Arena Maracanã”: A cidade, o estádio e as percepções dos torcedores organizados de futebol sobre a Copa do Mundo de 2014. *Interseções – Revista de Estudos Disciplinares*, v. 16, p. 328-353, 2014.

JAMESON, Fredric. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. Como é possível escrevermos a história do nosso tempo. In: LAPUENTE, Rafael Saraiva; ORBEN, Tiago A.; GANSTER, Rafael. (Org.). *Diálogos do tempo presente: historiografia e história*. 1ed.Porto Alegre: Editora FI, 2017, p. 57-82.

LEFEBVRE, Henri. *A produção do Espaço*. Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4ªed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

LOPES, José Sergio Leite. *Le Maracanã, coeur du Brésil*. In: Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology, v. 6, n. 2. July to December, p. 154-166, 2009.

LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio, uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MARICATO, Ermínia. A Copa do Mundo no Brasil: tsunami de capitais aprofunda a desigualdade urbana. In: *Brasil em Jogo. O que fica da Copa e das Olimpíadas?* São Paulo, Ed. Boitempo: Carta Maior. P.p. 17-24. 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e Bandeiras: a conquista do do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. *O direito ao estádio*. Ludopédio, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019. Disponível em: <<https://ludopedio.org.br/arquibancada/o-direito-ao-estadio/>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Revista Cidades*, v.10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MATTA, Roberto da. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1979.

MELO, Victor Andrade de; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 237-248, Sept. 1993

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

OLIVEIRA, Nelma Gusmão; VAINER, Carlos. Megaeventos no Brasil e no Rio de Janeiro: uma articulação transescalar na produção da cidade de exceção. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PACS: Instituto de Políticas Alternativas para o Cone Sul. *A conturbada história da privatização do Complexo do Maracanã*. 2012. Disponível em: <<http://pacs.org.br/noticia/a-conturbada-historia-da-privatizacao-do-complexo-do-maracana>>/. Acesso em: 25 jan. 2022.

PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. In: *Anos 90*. Porto Alegre, PPG em História- UFRGS, vol. 11, no. 19/20, jan/dez 2004, p. 199-233.

PRIETO, Gustavo; VIANA, Juliana. No templo do futebol, a privatização da vida cotidiana: da festa para a elitização na cidade do espetáculo. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Ática, 1993.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996.

RIBEIRO, Luis Carlos. *História e historiografia do futebol brasileiro: da crise da tradição às novas epistemes*. EFDportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, outubro de 2010.

RIO DE JANEIRO. *Parecer técnico da Secretaria Estadual de Fazenda (SEFAZ) sobre o estudo de viabilidade financeira do Maracanã*. 2012. Página 4. Disponível em: <<http://www.fazenda.rj.gov.br/sefaz/ShowProperty?nodeId=%2FUCMServer%2FWCC224507%2F%2FidcPrimaryFile&revision=latestreleased>>. Acesso em: 01 fev. 2022.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M., OAKIM, Juliana. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro. *Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. 2015. p.19-53.

SANCHEZ, Fernanda. Arquitetura e urbanismo: espaços de representação na cidade contemporânea. *Veredas*, Rio de Janeiro, 1999, v. 41, p. 26-29.

SANCHEZ, Fernanda. Copa do Mundo, megaeventos e projeto de cidade: atores, escalas de ação e conflitos no Rio de Janeiro. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos. Metropolização e Megaeventos: proposições gerais em torno da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016 no Brasil. In: SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos; GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. (Orgs.). *Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016*. Rio de Janeiro: E-papers, p.21-40, 2015.

SANTOS, Irlan Simões dos. *For the love, not the money*: futebol, produção do comum e direito à cidade. *Revista Lugar Comum (UFRJ)*, v. 48, p. 120-144, 2016.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. *Clientes versus Rebeldes*: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SCHERER, Mathias Inácio. *Construção e Reforma*: viva a Copa e adeus ao torcedor! Modernização dos estádios em Porto Alegre em tempos de políticas neoliberais, 1989-2011. 2017. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Lucia. *História do urbanismo no Rio de Janeiro*: administração municipal, engenharia e arquitetura dos anos 1920 à ditadura Vargas. Rio de Janeiro. Editora E-Papers, 2003.

SIMAS, Luiz Antônio. *Maracanã 70 anos: a ideia do estádio inclusivo foi sepultada* [entrevista concedida a Renan Damasceno]. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 jun.2020. Disponível em:<<https://oglobo.globo.com/esportes/maracana-70-anos-ideia-do-estadio-inclusivo-foi-sepultada-afirma-luiz-antonio-simas-1-24471902>>. Acesso em: 28 set. 2020.

SOUTTO MAYOR, S. T. ; SOUZA NETO, G. J. ; SILVA, S. R. . Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena. *Espaço Plural (Unioeste)* , v. XIV, p. 193-218, 2013.

TANAKA, Gisele; COSENTINO, Renato. Comitê Popular da Copa e Olimpíadas do Rio de Janeiro: movimentos sociais urbanos e novas articulações políticas. In: SANCHEZ, F.; BIENESTEIN, G.; OLIVEIRA, F, L; NOVAIS, P (Orgs). *Copa do Mundo e as cidades: políticas, projetos e resistências*. Niterói: Editora da UFF, 2014.

TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. . O dia em que mutilaram o Mário Filho e mataram um tal de Geraldino: um estudo sobre o tombamento do estádio Maracanã. *Diálogo Jurídico* (Fortaleza. 2002) , v. 8, p. 159-169, 2009.

VAINER, Carlos. *Cidade de Exceção: Reflexões a Partir do Rio de Janeiro*. Anais do XIV Encontro Nacional da Associação Nacional de Planejamento Urbano (ANPUR), vol. 14, 2011. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/projetos/12.133/4225Ver>>. Acesso em: 01 mar. 2022.

### Periódicos e Sites visitados

Agência Publica <<https://apublica.org/>>

Comitê Popular Rio <<https://comitepopulario.wordpress.com/>>

ESPN <<https://www.espn.com.br/>>

Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)  
<<https://ftorj.wordpress.com/>>

GloboEsporte <<https://ge.globo.com/>>

Iphan <<http://portal.iphan.gov.br/>>

Jornal do Brasil (acervo digital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Jornal dos Sports (acervo digital) <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

Ludopédio <<https://ludopedio.org.br/>>

O Globo (acervo digital) <<https://acervo.oglobo.globo.com/>>

O Globo (portal eletrônico) <<https://oglobo.globo.com/>>

PluriConsultoria <<https://www.pluriconsultoria.com.br/>>

Revista Placar (acervo digital)  
<[https://books.google.com.br/books/about/Placar\\_Magazine.html?id=62E72n4n42wC&redir\\_esc=y](https://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=62E72n4n42wC&redir_esc=y)>

UOL Esporte <<https://www.uol.com.br/esporte/>>

Borderôs das partidas do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro entre 2008 e 2015.

Disponível em: <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1>. Acesso em: 01 abr. 2022.